ROMANCES NOVA CULTURAL 5

Julia Verão



Olhos Sonhadores

Lilian Peake

SBD

Título original: *Carmichael's Return*

Copyright © 1996 por Lilian Peake
Copyright da tradução © 1996 por Editora Nova Cultural.
Todos os direitos reservados. Nenhuma parte deste livro pode ser utilizada ou reproduzida sob quaisquer meios existentes sem autorização por escrito dos editores.

tradução: Sílvia Lúcia Sardo

revisão: Projeto Revisoras

preparo de originais: Projeto Revisoras

digitalização: Ana Ribeiro e Ana Cris

capa: Star Books Digital

adaptação para ebook: Star Books Digital

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA FONTE
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

Star Books Digital

Peake, Lilian Olhos Sonhadores [recurso eletrônico] / Lilian Peake [tradução de Editora Nova Cultural]; Rio de Janeiro: Editora Nova Cultural, 1996.
recurso digital (Julia Verão; 5)

Tradução de: Carmichael's Return Formato: ePub
Requisitos do sistema: Adobe Digital Editions Modo de acesso: World Wide Web
ISBN 978-02-6314-969-2 (recurso eletrônico) 1.Romance de Banca. 2. Livros eletrônicos.

E-book distribuído sem fins lucrativos
É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou qualquer uso comercial do presente conteúdo

Sinopse

"Os sonhos são para sempre."

Brett Carmichael surgiu do nada para entrar na vida de Lauren, Tudo o que ela sabia sobre aquele homem era que ele tinha magníficos olhos castanhos e corpo esbelto. Parecia que não tinha coração... nem passado.

Brett voltara para casa depois de quinze anos de exílio voluntário. A última coisa que esperava era encontrar Lauren morando lá. Ela era a mulher desconhecida que alimentara seus sonhos durante anos. Um homem poderia perder-se em seus olhos cinzentos e sonhadores. Mas Brett sabia que Lauren não tinha a menor ideia de quem ele era e, certamente, Brett não estava disposto a revelar seus segredos. Nem mesmo para viver um intenso romance com Lauren!

Capítulo 1

Lauren ajeitou-se mais confortavelmente na cadeira ao lado do telefone. As conversas com Marie eram sempre longas, principalmente depois que a amiga mudara de casa.

— Por favor, pense a respeito. — A voz de Marie soou súplice. — Por Reggie e por mim. Se você amasse seu namorado como eu amo Reggie... Ok... — ela se corrigiu rapidamente. — O seu dispensou-a e...

— Não foi bem assim, Marie.— Lauren a lembrou sem rancor.

— Oh, desculpe. Você dispensou Mitch. Eu também faria a mesma coisa se descobrisse que Reggie andava saindo com outras garotas. Bem, não posso deixar Reggie ir trabalhar na França sem mim, só porque aceitei o emprego que meu tio ofereceu antes de saber que meu namorado seria transferido para outro país. Ele deverá assumir o posto na próxima semana.

— Mas, Marie, você mal começou a trabalhar na casa de seu tio. Como poderá pedir demissão depois de concordar em morar aí? Além do mais, nunca fui caseira ou seja lá o nome que você dá para esse emprego.

— Lauren... — Marie choramingou do outro lado do fio. — Tio Edmund não quer que a casa fique vazia. Ele não pretende vendê-la, por isso quer alguém morando aqui. Na verdade, ele não é realmente meu tio. É um velho amigo dos meus pais, mas trato-o como tio desde criança. Não sei se cheguei a comentar, mas ele está morando no sul da França.

— Marie, eu...

— Além da moradia, há um salário excelente. Então, você concorda em vir morar aqui? — Marie insistiu.

— Não disse isso.

— Ora, você precisa mudar daí. Você mesma me contou que o proprietário vai vender a casa.

— É verdade. Só que ainda não pensei na sua proposta. Eu preenchi uma ficha de emprego numa galeria de arte e...

— É só cancelar a ficha — Marie sugeriu. — Este emprego está caindo do céu para você. É irrecusável! — Diante da hesitação de Lauren, ela continuou: — Olhe, sábado darei uma festa aqui na casa de tio Edmund para comemorar a promoção de Reggie. Conto com você, Lauren.

— Bem, eu...

— Venha na sexta-feira e passe o fim de semana conosco. — Marie não dava chance para os argumentos de Lauren. — Vou lhe mostrar a casa e, depois, você me dará a resposta. Oh, não pense que isto seja chantagem, mas acontece que há um emprego para mim na firma de Reggie. Não é maravilhoso? Assim, também poderei morar na França.

— Claro que não é chantagem, querida amiga — Lauren ironizou e Marie soltou uma gargalhada.

— Digamos, que seja apenas uma chantagenzinha inocente — a amiga brincou. — Bem, então, eu a vejo na sexta? Não precisa se preocupar em trazer sua mudança para cá. Reggie alugará uma caminhonete e cuidará de tudo para você.

— Não tenho muita coisa, não. Apenas alguns móveis, livros... — Lauren calou-se ao perceber que começava a se comprometer. — Mas, Marie, eu ainda não disse que aceito, disse? — indagou meio rispidamente.

— Você acha que vou permitir que sua teimosia estrague meus planos? — Marie respondeu, rindo.

Marie esperava por Lauren na estação, dentro do carro que tio Edmund colocara à sua disposição enquanto cuidasse da casa.

— Este carro será seu enquanto morar aqui — Marie explicou.

Lauren não teve tempo para esclarecer que ainda não decidira nada, pois Marie entrou com o carro numa alameda que levava direto à casa de tio Edmund. O exterior da casa tinha um charme inegável. Construída de pedras, com sacadas no térreo e janelas no andar superior. Era maior de comprimento do que de altura e despertou o interesse do lado artístico de Lauren.

— Muita coisa foi acrescentada no decorrer dos séculos — Marie disse, caminhando ao lado da amiga. — A casa existe há quase trezentos anos. Vamos entrar.

A sala de visitas era imensa, com vigas de madeira expostas até o teto. A lareira de pedra, restaurada, ocupava grande parte da parede.

— Três salas foram transformadas em uma só. — Marie abriu os braços. — Não é uma beleza? — Pegando no braço de Lauren, conduziu-a pelo hall. —Agora, venha ver a cozinha. Superequipada com o que há de mais moderno e prático. Tudo o que uma garota poderá desejar. E então? — Ansiosa, fitou o rosto de Lauren.

— Talvez — ela ainda não queria se comprometer.

— Vamos lá para cima. — Subiram a escada de madeira. — Olhe, há tantos quartos que você poderá dormir cada noite em um diferente. Todos suítes, com o máximo de conforto, como anunciam as propagandas de hotéis cinco estrelas. Não é um luxo? — Marie fazia questão de frisar as comodidades da casa. — Olhe só isto aqui. — Abriu a porta de um cômodo grande e bem iluminado. — Você poderá pintar e desenhar à vontade. Era o estúdio do tio Edmund. — E então? — repetiu com um sorriso triunfal.

— Hum... — Foi tudo o que Lauren conseguiu pronunciar, embora, intimamente, sentisse que sua resistência à ideia começasse a minar.

Não havia quase móveis no estúdio. A luz natural que entrava pelas janelas imensas, mais as lâmpadas que pendiam do teto, proporcionavam a claridade ideal para seu trabalho.

Enquanto desciam as escadas, Lauren comentou sobre as pinturas que decoravam as paredes da casa.

— Foram adquiridas por tio Edmund. São todas muito valiosas. — Apontou para três ganchos vazios. — Aqui estava pendurado o retrato da primeira sra. Edmund Gard, aqui da segunda sra. Edmund Gard.

— E aqui? — Lauren perguntou.

— Do filho do tio Edmund. A ovelha negra da família, segundo os comentários.

Haviam chegado ao hall.

— O que aconteceu?

— Bem, a primeira sra. Gard o abandonou. A segunda sra. Gard também, e...

— Não me diga que o filho ovelha negra também o deixou!

— Acertou! Meus pais me contaram que tio Edmund acusou o filho de manter um romance com a madrasta e de induzi-la a abandoná-lo. Parece que o filho teve uma discussão terrível com o pai, negando a acusação, mas tio Edmund não acreditou.

— Expulsou-o de casa?

— Provavelmente, ou então o filho culpado abandonou o lar. Resumindo, ele desapareceu e nunca mais se ouviu falar dele.

— Que história mais absurda — Lauren comentou. Marie concordou com um movimento de cabeça.

— A imprensa explorou o caso ao máximo. O pai ofendido aproveitou-se da publicidade em torno do caso e revelou ao mundo outras tantas façanhas amorosas do filho. Desse modo, ele isentou-se das insinuações de ter acusado injustamente o filho de ter-lhe roubado o amor de sua segunda esposa, como o próprio tio Edmund costuma dramatizar.

— Por isso os três lugares vazios.

— Sim. Já contei que amanhã à noite darei uma festa de despedida, não é? Reggie e eu partiremos domingo pela manhã.

— O que significa que não tenho escolha? Marie franziu as sobrancelhas.

— Sim, isto é, se você não se importar, Lauren. Do contrário...

— Você terá que permanecer aqui, perdendo aquele emprego no escritório de Reggie, debulhando-se em lágrimas, enquanto seu namorado continuará vivendo do outro lado do canal da Mancha sem você?

— Não. Eu ia dizer que se você não concordar, procurarei outra pessoa para cuidar da casa. — Apesar do tom de lamúria, havia um brilho de esperança nos olhos de Marie. — Confesso que não conheço ninguém em quem possa confiar como confio em você.

Lauren sorriu.

— Quando interessa, você sabe ser envolvente e bajuladora como ninguém. — Afagou a mão da amiga. — Oh, Marie, você sabia que eu faria isso por você, não?

Rindo, Marie a abraçou. '

— Claro que sabia que poderia contar com você! Bem, agora vou tomar providências para a festa de amanhã. Fique à vontade. — Desapareceu por uma das portas, deixando Lauren sozinha.

Espiando por uma das janelas da sala de visitas, Lauren deparou-se com um jardim magnífico. Não resistindo à curiosidade, abriu unia porta de vidro, respirou o ar puro do campo e saiu para explorar o jardim.

Havia passagens de pedra entre os canteiros de flores multicoloridas e arbustos. No canteiro central, havia uma árvore de cedro, cujos galhos cobriam de sombra as paredes de pedra da casa.

Espalhadas pelo jardim, havia diversas cabeças esculpidas em terracota sobre pequenas colunas. Lauren passou a mão sobre elas, apreciando a habilidade do artista. Examinando-as mais atentamente, sentiu curiosidade em saber quem representavam.

Seus olhos de artista captaram detalhes comuns em todas as esculturas. A delicadeza dos traços, o nariz aquilino, a linha dos maxilares, os lábios bem delineados. Em todas, porém, os olhos eram brancos, não transmitindo nada.

Voltando para dentro, parou na porta da sala, ainda admirando o cenário. O sol mudara de posição, e o velho cedro focalizava sua sombra diretamente sobre ela. Lauren teve a estranha sensação de estar sendo tragada pelos galhos da árvore, que, como braços imensos, envolviam-na.

Não havia sequer um sopro de brisa. Mesmo assim, um arrepio percorreu o corpo de Lauren.

Mais tarde, Marie explicou-lhe o local onde eram guardadas todas as chaves da propriedade e tudo o que uma governanta, ou caseira como Lauren se referira, precisaria saber. Depois, levou-a até o quarto de hóspedes.

O aposento tinha teto alto, cortinas que cobriam a parede inteira, móveis escuros e vários tapetes sobre o piso acarpetado.

No dia seguinte, momentos antes de descer e participar da festa, enquanto penteava os cabelos compridos e crespos, Lauren estudava sua imagem refletida no espelho do quarto. Apesar de não conhecer nenhum dos convidados de Marie e Reggie, sentia-se contagiada pelo clima festivo. Passou batom nos lábios carnudos e rímel nos cílios que emolduravam os olhos cinzentos e atraentes.

— Seus olhos são tão sonhadores — Mitch lhe dissera, depois de vários encontros. — Um homem poderá perder-se em seus olhos. São tentadores, cheios de promessas e provocam fantasias. Estou ansioso para transformar essas promessas e fantasias em realidade.

— Nunca! — Lauren sorrira a contragosto.

— É um desafio? — Mitch perguntara, não acreditando quando ela confirmara com um gesto de cabeça.

Furioso, ele garantira que se Lauren não derrubasse suas defesas rapidamente, ele a obrigaria... Indignada, ela lembrou-o que estupro era crime e como não pretendia arriscar-se aos caprichos de um conquistador barato, terminou o namoro naquele mesmo dia. Esbravejando, Mitch foi embora e Lauren nunca mais teve notícias dele.

— O que posso fazer? — resmungou mirando os próprios olhos refletidos no espelho. Fez alguns trejeitos e, rindo, ajeitou a blusa de alças e a calça preta de crepe.

Naquele mesmo dia, pela manhã, Reggie ajudara-a a trazer a mudança com a caminhonete alugada.

— Com esta promoção, terei um bom aumento de salário — ele confidenciara. — Assim, logo poderei comprar um carro. Não é só pelo carro, mas acho que essa mudança será melhor em todos os sentidos. — Olhou rapidamente para Lauren, logo voltando sua atenção para a estrada. — Nem sei como agradecer-lhe por ter concordado em assumir o lugar de Marie. Eu... — Rira meio embaraçado. — Sofreria demais se tivesse que viajar sem ela.

Suspirando, Lauren saiu do quarto. Considerava-os felizardos por estarem tão apaixonados e por saberem que o sentimento era mútuo.

Olhando do alto da escada, viu Marie e Reggie recebendo os convidados. Desceu os degraus vagarosamente. Vendo-a, Marie foi ao seu encontro.

— Fique à vontade, Lauren. São todos nosso amigos e pessoas maravilhosas.

Enquanto circulava, Lauren concluiu que a casa era um lugar delicioso para morar. Mas sozinha?

— Esta casa parece não ter fim — comentou com Marie, quando se serviam no bufê instalado na cozinha.

— Originalmente, eram três casas isoladas — Marie explicou.

— Com o passar do tempo, e depois de algumas reformas, foram transformadas em uma só. Dessa fusão, surgiu Old Cedar Grange.

Lauren franziu as sobrancelhas.

— Não sei como me sentirei morando sozinha aqui.

— Vivi aqui sozinha quase dois meses. Isto é... quando Reggie não estava comigo.

— Então, você nunca esteve realmente sozinha...

— Convide seu namorado para vir aqui — Reggie interveio.

— Ela terminou com Mitch — Marie informou-o.

— Pois, então, trate de arrumar outro!

Todos riram da brincadeira de Reggie. A conversa foi interrompida pela chegada de alguns amigos trazendo um equipamento de som ultramodemo. Ligaram-no no último volume, e Lauren pensou que, felizmente, a casa ficava bem distante do vizinho mais próximo.

As janelas da sala de visitas e as portas que davam para o jardim estavam abertas. As cortinas balançavam ao sabor do vento e as luzes do terraço iluminavam parte do jardim.

— Vamos dividir? — Um jovem que se apresentou como Casey Talbert mostrou-lhe seu prato transbordando de comida.

Ela negou com um gesto de cabeça, ansiando por voltar ao sossego de seu quarto. Desejava também manter-se distante desse persistente convidado chamado Casey, que a seguira desde que chegara à festa.

O volume aumentara, o ritmo mais frenético. Incapaz de resistir aos apelos da música, Casey largou o prato, levando Lauren para o meio dos casais que dançavam.

Olhando ao redor, ela procurava por Marie, na esperança de livrar-se de Casey e também para explicar-lhe que pretendia subir para seu quarto. Nem sinal da amiga, nem de Reggie.

— Se está à procura de nossos anfitriões, desista — Casey informou, entre passos e trejeitos estranhos. — Eu os vi saindo no carro de Reggie.

— Talvez tenham saído para comprar mais comida — sugeriu uma garota ao lado dele.

Apesar do barulho estrondoso, ouviu-se o toque insistente do telefone.

Lauren correu para atender.

— Alô?

— Oi, Lauren! – A voz de Marie soou clara e alegre. — Sente-se, por favor. Você vai levar um choque. Estamos a caminho da França.

— O... o quê? — Lauren balbuciou. — Isto é... comida... Vocês não saíram para comprar comida? Foi o que ouvi...

— Foi só uma desculpa para escaparmos sem estardalhaço. Após uma breve pausa, continuou

num tom de desculpa.

— Preferimos pegar a estrada no auge da festa, em vez de esperarmos até o dia amanhecer. Despeça-se de todos por nós e agradeça a presença deles, ok?

— Mas, sua bagagem...

— Esta tarde, depois que Reggie trouxe suas coisas, eu as coloquei na caminhonete. Desculpe, Lauren, mas decidimos bater em retirada antes...

— Antes que eu mudasse de ideia, não é?

— Bem... talvez. Chegando amanhã cedo, teremos dois ou três dias livres, antes de Reggie assumir o novo cargo.

— Isto significa que a partir deste momento sou a responsável pela casa de tio Edmund? — Lauren resumiu.

— Até nossa volta — Marie respondeu bem-humorada.

— Que será em...

— Não sei dizer. Reggie pegou no telefone.

— Desculpe, Lauren, por tê-la envolvido nisso, mas eu... nós... estávamos desesperados. Se no último momento você resolvesse dizer não...

Lauren suspirou alto.

— Ok. Você adivinhou. Eu estava fortemente inclinada a desistir. Porém, como se trata de minha melhor amiga e do noivo de minha melhor amiga, resolvi submeter-me ao sacrifício. Afinal, tenho um emprego, um ótimo salário, um teto — e que teto! — sobre minha cabeça. Do que posso reclamar?

Riu ao ouvir o suspiro de alívio do outro lado da linha. Marie retomou a conversa.

— A propósito, antes de desligar, quero preveni-la com relação a Casey Talbert. Está se portando como um perfeito idiota esta noite, mas ele não tem nada de bobo. Casey trabalha como repórter no jornal da cidade. Formou-se jornalista no ano passado, e como você pode imaginar está ansioso para firmar-se como um grande repórter. Ele sabe muito bem o que quer e aonde quer chegar, independentemente dos meios. Deu para entender o que eu quis dizer?

— Deu, sim. E agradeço, Marie.

— Ótimo. Achei melhor preveni-la. Aguarde notícias minhas. Tchau. — Desligou.

Ouviu-se um grito de pavor vindo do jardim. Com as mãos trêmulas, Lauren pegou novamente no telefone. De repente, lembrou-se que não tinha um número para localizar Marie.

— Tem um homem no jardim — gritou uma jovem. — Não é um dos nossos — descartou a sugestão de alguém. — Parece suspeito. Oh, não, ele está vindo para cá. — Gritou novamente. — Ele deve estar armado!

— Ela deve estar assistindo muitos filmes de suspense — Casey ironizou, saindo com Lauren para o jardim. — Não podemos perder essa cena.

Lauren atravessou o terraço, passando pelas pessoas aglomeradas entre as mesas e cadeiras brancas. Conteve a respiração ao deparar com a silhueta de um homem com as mãos nos quadris, parado na entrada do pátio.

— Protejam-se todos — alguém gritou, provocando gritos assustados dos demais. — Rápido! Onde está Marie? E Reggie? Eles precisam expulsar esse homem daqui!

— Eles já foram embora — Lauren respondeu. — Para a França.

— Você está brincando! — protestou uma voz no meio do grupo. Lauren e Casey estavam meio agachados atrás de uma mesa.

De repente, movida pela força da conscientização de que era ela a responsável pela casa, Lauren endireitou o corpo, desvencilhando-se da mão de Casey. Como um general em comando, decidiu enfrentar o estranho.

— Aonde você vai? — Casey tentou segurá-la.

— Vou me livrar desse intruso. — Caminhou com passos decididos na direção do homem.

— Ele deve estar armado — Casey repetiu a advertência, esquecendo-se que havia zombado da garota minutos antes.

— E daí? — Lauren mostrou-se mais confiante do que na realidade se sentia.

Devido à escuridão, ninguém poderia ver como suas mãos tremiam. Tampouco poderiam ouvir as batidas aceleradas de seu coração, nem saber que sua boca estava seca.

Todos a olhavam com um misto de admiração e medo por sua segurança. Precisava caminhar uma longa distância até confrontar-se com o intruso.

Ele estava em pé sob a árvore, a mesma árvore que no dia anterior parecera esticar seus galhos para agarrá-la. Lauren se aproximava mais e mais do homem meio escondido pela sombra. Parou diante dele, orando para que as pulsações se normalizassem e seu corpo não tremesse tanto.

Ele era tão alto, que Lauren precisou erguer a cabeça para fitá-lo. Entretanto, seu rosto estava encoberto pela escuridão. As luzes da casa e do terraço iluminavam apenas dos ombros para baixo.

Com as mãos nos bolsos da calça, o estranho se apoiava na árvore. As pernas compridas estavam indolentemente cruzadas e havia uma mochila ao lado dele.

Involuntariamente, os olhos de Lauren pousaram nas mãos dele.

— Não tenho revólver.

Ele ouvira os gritos de alerta. Ele falara inexpressivamente e Lauren, sem entender bem o motivo, acreditou nele. O estranho levantou as mãos.

— Veja, tenho isto aqui. — As palavras foram ditas com gentileza. — Mas eu as uso para acariciar uma mulher, nunca para fazer-lhe mal.

— Por favor, vá embora. Esta é uma festa particular, numa propriedade particular.

Com olhos arregalados, viu-o colocar novamente a mão no bolso. Relaxou quando ele tirou um lenço para enxugar a testa. Para surpresa de Lauren, ele parecia estar suando. A noite estava fresca, de modo que o suor certamente significava que ele também estava com medo. Dela?

Quando guardou o lenço no bolso a mão dele pareceu tremer, apesar de que, mesmo na escuridão, Lauren seria capaz de jurar que a postura dele era toda autoconfiança e arrogância.

Seguiu-se um longo silêncio, enquanto o homem avaliava-a da cabeça aos pés. Enrubescendo, Lauren lamentou não poder vê-lo, entender a expressão dele, julgar seu caráter fitando-o direto nos olhos. As sombras, porém, encobriam o rosto dele.

— Eu pertenço...

Ele não terminou a frase. Seu tom de voz mudara. As palavras saíram quase num murmúrio.

A música recomeçou a tocar na sala de visitas, revelando que os convidados consideraram o estranho algum conhecido ou alguém inofensivo. Meio decepcionada, Lauren virou-se para ver quem ficara de prontidão no terraço. Nesse momento, ouviu um ruído abafado.

Voltou-se rapidamente. Na tentativa de pegar a mochila, o homem a deixara cair ao chão. O esforço deve ter-lhe minado a resistência, pois, respirando com dificuldade, caiu pesadamente aos pés de Lauren.

Capítulo 2

Não! — Lauren gritou, agachando-se ao lado do desconhecido. Pousando a mão na testa dele, sentiu-a úmida e quente.

Ele estava febril, doente, e não com medo. Com feições tão marcantes como as dele, como um homem poderia perder a coragem? Até então, no escuro da noite, não notara as linhas fortes do rosto, que denotavam autoridade e determinação. A boca carnuda, sensual, sugeria sentimentos fortes. Os maxilares revelavam capacidade para controlar esses sentimentos.

"Já vi este homem antes", pensou. A ideia surgiu do nada, surpreendendo-a. Nunca vira esse homem em toda sua vida.

Ele transpirava, respirando com dificuldade. Precisava de cuidados médicos. Apesar de ser um estranho que invadira uma propriedade particular, não seria justo deixá-lo sem socorro.

— Johnny, Marty... — gritou, mas a música abafara seu chamado. — Ajudem-me! Preciso de ajuda!

Voltando-se, reconheceu Casey próximo à porta da sala.

— Casey! — chamou-o. — Casey! Ajude-me. — Ouvindo-a, ele correu na direção dela. — Ajude-me a levar este homem para dentro. Ele está doente!

Depois de certificar-se do estado febril do desconhecido, ele gritou:

— Johnny! — Gesticulava para apressar o amigo. Johnny correu, parando assustado ao lado do homem deitado na grama.

— O que aconteceu? — perguntou.

— Ele desmaiou. O que vamos fazer agora? — Com expressão séria e preocupada, Casey deixara de lado os modos fúteis que tanto haviam incomodado Lauren. — Johnny, segure-o pelos pés — ordenou, enquanto pegava o homem firmemente pelas axilas.

— Não, por favor — As palavras foram pronunciadas com dificuldade. — Posso andar.

Balançando a cabeça, como que obrigando o cérebro a funcionar novamente, e com evidente esforço, o estranho se levantou, mantendo-se em pé com muita dificuldade.

Num impulso, Lauren enlaçou-o pela cintura, sustentando-o. Cambaleou com o peso do corpo dele, mas conseguiu segurá-lo com firmeza.

— Espere, Lauren — Casey segurou-a pelo braço. — Não seria conveniente...

— Para onde mais poderíamos levá-lo? — ela o interrompeu.

— Nesse estado, ele não conseguirá dirigir. Se é que tem carro.

— Sentia-se estranhamente relutante em deixá-lo partir.

— Ok, Lauren. Deixe-nos levá-lo para dentro — Johnny se prontificou.

Com movimentos lentos, ela se afastou do estranho, com uma curiosa sensação de vazio ao perder o contato com o corpo dele. Tentou segurar a mochila, mas, de tão pesada, decidiu arrastá-la.

Casey e Johnny conduziam o homem, que se esforçava ao máximo para colaborar, erguendo pesadamente as pernas a cada passo. Entretanto, Lauren notou, sua cabeça continuava

determinadamente erguida, embora o natural, devido à circunstância, seria pender para os lados.

— Vamos pela cozinha — ela indicou, mas os dois homens preferiram o caminho mais curto, atravessando o terraço e a sala de visitas.

Alguém desligou o aparelho de som. Em silêncio, os convidados se afastaram, dando-lhes passagem. Enquanto subiam a escada, Casey avisou:

— Ok, pessoal. A festa terminou. Marie e Reggie já foram embora. Obrigado por terem vindo.

— Obrigada, Lauren. — Uma das garotas ajudou-a a levar a mochila para cima. — Você foi ótima como anfitriã. — Pausou por um instante, antes de acrescentar: — Você está agindo como uma boa samaritana. Eu não faria isso por um estranho. Boa sorte. Tenho o pressentimento que precisará. Estamos indo. Boa noite.

Desceu as escadas correndo e Lauren ouviu a porta batendo atrás dela.

Felizmente a casa possuía muitos quartos. Notara que dois ou três estavam arrumados, prontos para receberem possíveis hóspedes. Amigos de Marie, sem dúvida.

Lauren indicou o quarto mais próximo ao dela. Casey e Johnny colocaram o homem na cama, desvestiram-lhe a jaqueta, descalçaram os sapatos, deixando-o apenas de jeans e com a camisa desabotoada.

Lauren cobriu-o com o lençol, reparando na pele bronzeada.

— Vejam a cor dele — Johnny comentou em voz baixa. — Ele deve ter passado algum tempo nos trópicos.

— O que o teria trazido para cá? — Casey indagou. — Saudades do lar?

— Ele não mora aqui, nem tem qualquer ligação com esta casa. Do contrário, Marie teria me prevenido.

"Eu pertenço...". De repente a frase não terminada do desconhecido voltou-lhe à mente. Com certeza, ele se referira ao país, uma vez que, pelo pouco que falara, dera para perceber que seu sotaque era britânico. Se ele realmente estivera correndo o mundo, tentara explicar sua ligação com o país de origem como pertencendo a ele. Só podia ser isso.

— Johnny! — uma voz feminina gritou do hall. — Vamos! Você prometeu nos levar para casa.

Johnny se afastou da cama, parando na porta do quarto.

— Ele é um rapaz bonito, Lauren. Cuidado para não se apaixonar.

— Ele não ficará muito tempo por aqui — ela respondeu. — Obrigada pela ajuda.

Acenando, Johnny saiu do quarto.

— Deve ser casado e pai de, pelo menos, uma dúzia de filhos — Casey brincou. — Com essa aparência, deve ter sido fisgado por alguma garota há muito tempo.

— Quantos anos acha que ele tem? Uns trinta e cinco? — Lauren arriscou.

— Pode ser — Casey disse sem muito interesse. Apoiou-se no batente da porta. — Olhe, Lauren, nós nos conhecemos esta noite, por isso quero pedir desculpas pelo meu comportamento infantil durante a festa. Bebi um pouco a mais e estava meio alto. Gosto de você, acredite. —Sorriu, inclinando a cabeça levemente para o lado. Depois, ficou sério. — Preocupa-me saber que estará sozinha com esse cara. Poderei ficar mais um pouco, se quiser. Pelo menos, até ele acordar, revelar

sua identidade e explicar o que fazia aqui.

Lauren hesitou. Também estava preocupada. Dissera a Marie que não lhe agradava a ideia de viver sozinha naquela casa imensa e isolada, porém não esperava por uma companhia tão misteriosa.

Ou intrusa seria a palavra mais apropriada? Ocorreu-lhe que ele poderia ter encenado o desmaio no jardim, apenas para garantir um lugar para passar a noite. Ele não parecia um mendigo e sua mochila indicava que possuía muitas roupas.

Lauren ergueu os ombros, voltando sua atenção para o desconhecido. A luz de cabeceira iluminava os ângulos do rosto dele, as linhas do nariz até a boca, os vincos entre as sobrancelhas, os maxilares proeminentes. A fronte era larga, e os cabelos ainda úmidos pela transpiração eram anelados.

Havia algo de muito familiar nas feições dele, embora Lauren tivesse absoluta certeza de jamais tê-lo visto antes. Nem mesmo em fotografia. Sem saber explicar o motivo, instintivamente sentiu que poderia confiar nele.

— Estarei bem — disse à Casey. — Além do mais, será apenas por uma noite. Seja lá quem for, amanhã ele irá embora.

— Não sei... — Casey não se mostrava convencido. — Talvez esteja de ressaca, depois de uma bebedeira daquelas.

— Não acredito. Não há cheiro de álcool em sua respiração. Olhou para o homem. Parecia adormecido. Não sentia medo dele. Se houvesse alguma razão para temê-lo, certamente, seu instinto a teria prevenido, e, no mínimo, teria chamado a polícia.

— Agradeço sua oferta. Ficarei bem, acredite — ela repetiu.

— Vou deixar o número do meu telefone. — Tirou um pedaço de papel do bolso, onde anotou o número. — Qualquer problema, qualquer dúvida, é só ligar. Moro há vinte minutos daqui. A qualquer hora, lembre-se, Lauren.

Num impulso, ela fez algo que jamais lhe passaria pela cabeça, em se tratando de Casey. Aproximando-se, beijou-o no rosto.

— Muito obrigada, Casey.

Ele não perdeu tempo. Enlaçando-a, beijou-a nos lábios. Depois, despedindo-se com um aceno de mão, saiu do quarto. Assobiando, ele desceu a escada.

No quarto, Lauren limpou a boca com as costas da mão, olhando para a mochila. Se a abrisse, descobriria alguma coisa a respeito daquele homem.

Observou-o. Ele estava imóvel. Decidida, abriu a mochila, examinando seu conteúdo. Além das roupas, havia um gravador de bolso, cadernos, sacos plásticos, envelopes com cartas. Com alguns envelopes nas mãos, aproximou-se da lâmpada de cabeceira e leu o nome do destinatário.

Brett Carmichael, caixa postal...

O destino parecia ser algum lugar da África. Pelo menos, sabia o nome dele.

Johnny acertara ao supor que o estranho conseguira o bronzeado da pele nos trópicos. Como e por que fora parar nos jardins de Old Cedar Grange?

Recolocou as cartas no lugar e quando ouviu o ruído do corpo se remexendo na cama, correu para o lado do homem. Ele acordara e olhava ao redor, tentando reconhecer o lugar. Talvez ansiasse

por saber onde estaria sua esposa, sua família.

Esse pensamento a incomodou. De imediato, repreendeu-se mentalmente. Aquele homem, surgido das sombras, não representava nada para ela. Nem poderia. Além de não saber nada a respeito dele, conhecia-o apenas há alguns minutos.

Ele a fitou, visivelmente desorientado. Lauren afastou os cabelos da testa dele e, forçando um sorrido, indagou:

— O que aconteceu? De onde você veio e como chegou até aqui? O homem não respondeu. Ergueu a cabeça, fazendo menção de levantar-se.

— Oh, não! — Lauren o impediu. — Você está doente. Teve febre e...

Febre? Deveria aplicar-lhe compressas e enxugá-lo. Por que não pensara nisso antes?

— Fique aqui — ordenou. — Voltarei num minuto.

Ele não protestou. Pousou a cabeça no travesseiro, fechando os olhos novamente. Lauren voltou em seguida, trazendo uma bacia com água morna e toalhas. Quando ela colocou uma toalha úmida sobre a testa dele, o estranho abriu os olhos. Acompanhava os movimentos dela, aparentemente sem compreender o motivo daquele ritual.

Descobrindo-o, notou o peito coberto de suor. Sem hesitação, enxugou-o, enquanto uma curiosa excitação a percorria à medida que sentia os músculos rijos se contraírem sob seu toque.

Afastou a camisa, descobrindo-lhe os ombros. Os dedos tremeram em contato com a pele bronzeada. Disfarçando o embaraço, enxugou-o.

— Seu nome é Florence? — ele perguntou num fio de voz.

— Não. É Lau... — Riu da brincadeira. — Não. E meu sobrenome também não é Nightingale. Sou Lauren. Lauren Halstead.

Ele ergueu uma sobrancelha.

— O pessoal da cidade disse que uma garota chamada Marie morava aqui, cuidando da casa na ausência do proprietário.

— Essa informação estava correta até cerca de uma hora atrás. Agora, sou eu a responsável pela casa.

Ele precisou de algum tempo para assimilar a notícia.

— O proprietário mora no estrangeiro, não?

— Certo.

Ela continuava enxugando-o, movimentando a toalha até roçar no cós da calça. Ele segurou as mãos dela.

— Oh, não, senhora.

Embaraçada e furiosa, Lauren enrubesceu.

— Por quem me toma, sr. Carmichael? — protestou, tentando desvencilhar-se. — Estou apenas cuidando de você.

Á rigidez dos músculos do estômago sob a palma das mãos despertava-lhe toda a sorte de sentimentos que ela não tinha a intenção de permitir que viessem à tona.

— Ok. Desculpe. — Mais desperto, fitou-a intrigado. — Como sabe meu nome?

Lauren vacilou, aborrecida pelo momento de distração, suficiente para trair-se.

— Tudo bem. Que estupidez a minha! Você vasculhou minha mochila. — Deu de ombros. — Dada às circunstâncias, é muito natural e compreensível que quisesse saber minha identidade.

Na verdade, não descobrira nada. Um simples nome não significava muita coisa. Ele soltou-lhe a mão. Recolhendo as toalhas, Lauren levantou-se, parando aos pés da cama. Fechando os olhos, ele reclinou a cabeça no travesseiro.

— Está sentindo dores? — ela perguntou, preocupada.

— Sim e não. O que aconteceu com aquela multidão?

— Os convidados? Já foram embora.

— O rapaz que você beijou... Ainda está aqui?

— Estava apenas agradecendo pela ajuda dele em socorrê-lo. Aliás, tenho todo o direito de beijar quem bem entender. — Por que, de repente, mostrava-se tão defensiva? Aquele homem, um passageiro estranho, não merecia explicações. Ao mesmo tempo, as perguntas demonstravam que ele não estivera totalmente alheio ao que se passara ao seu redor.

— Lembra que desmaiou no jardim?

— Lembro. — A voz saiu tão débil, tão ofegante, que Lauren quase não o ouviu. — É consequência de doença tropical de nome impronunciável. Eu a contraí durante minhas andanças.

Ele não parecia disposto a contar sobre suas andanças, tampouco por que escolhera fazer uma escala em Old Cedar Grange. Entretanto, Lauren achou por bem esperar uma ocasião mais propícia para insistir no assunto.

— Talvez seja melhor chamar um médico.

— Não há necessidade. — Apontou para a mochila. — Consultei um médico. Muitos médicos, aliás. Um deles preparou-me um remédio. Está na mochila. São ampolas. Se você fizer a gentileza... — A voz fraquejou.

Lauren remexeu na sacola e encontrou o remédio. Leu o rótulo. Deveria dissolver o conteúdo de duas ampolas num copo de água.

— Vou buscar água — avisou-o.

Voltou rapidamente. Agitou as ampolas, entornando o remédio na água. Depois de misturar com uma colher, entregou o copo para o doente.

— Obrigado.

A febre cedera um pouco, mas persistia. O rosto dele ainda estava corado, e gotas de transpiração cobriam a testa e a linha do lábio superior. Ele virou o rosto no travesseiro, revelando a barba crescida.

Sentindo o olhar de Lauren, fitou-a:

— Desculpe a falta de modos. Por favor, coloque isso na conta do estado precário de minha saúde. Nem agradeci por ter me socorrido, instalando-me num quarto confortável. — Erguendo o braço, verificou as horas. — Céus! Como é tarde! Você deve estar cansada.

Ela sorriu.

— Estou, mas... tudo bem.

Ele fechou os olhos novamente. Ela continuou ali, mais uma vez estudando as feições dele. A boca grande, a covinha no queixo, a força revelada nos maxilares salientes. Havia linhas profundas na testa, entre as sobrancelhas. Tudo no rosto dele denotava caráter, determinação, desafio, e certamente integridade.

Pé ante pé, saiu do quarto. Parou na porta para observá-lo. Lembrando-se da preocupação de Casey por ela ficar sozinha, e indefesa com a presença do estranho, tirou a chave da fechadura, trancando-a por fora. Depois, guardou a chave no bolso da calça.

Na manhã seguinte, Lauren foi acordada pelo toque do telefone. A luz do sol iluminava o quarto. Atendeu rápido, antes que o estranho acordasse. Só poderia ser Casey, preocupado com ela.

— Alô?

— Com quem estou falando? — uma voz masculina perguntou. — Sei que não é Marie.

— Não, não é Marie. Você quem é?

— Meu nome é Edmund Gard. Você é... Lauren... Lauren Halstead?

— Oh, sr. Gard. Sim, sou Lauren. — Sentou-se na cama.

— Como sabe meu nome?

— Marie, aquela pequena irresponsável, acabou de telefonar para minha villa, aqui no sul da França. Ela e o noivo resolveram partir, deixando uma jovem desconhecida cuidando da minha propriedade na Inglaterra. Ela teve a audácia de dizer que esperava que eu não me importasse. Ao que respondi que seria muito ruim se eu me importasse, não é mesmo?

— Oh, sr. Gard. Honestamente, imaginei que Marie tivesse lhe comunicado a respeito da viagem e da minha vinda para cá, embora deva admitir que ela nunca mencionou que o havia consultado. Se o senhor preferir admitir outra pessoa, posso colocar um anúncio e...

— Não, não, minha querida. Ela me contou que seu prazo para mudar-se da casa onde morava estava quase expirado.

— É verdade, mas...

— Também forneceu-me excelentes referências sobre você... mas, nesta altura, ela não poderia dizer o contrário, certo? — Riu.

— Entretanto, se você for tão agradável e inteligente quanto parece, fique e tome conta de minha casa. Seu salário será o mesmo que eu pagava a Marie. Imagino que ela tenha comentado.

— Sim, mas...

— Espero que tenha explicado também tudo o que você precisa saber sobre o sistema de segurança que instalei, sobre as trancas, fechaduras, e principalmente sobre os alarmes.

— Sim, ela explicou, sr. Gard.

— Você sabe que não sou realmente tio de Marie. Sou apenas um velho amigo da família e desde criança ela se habituou a chamar-me de tio. Gostaria que também me chamasse de tio Edmund. Você se importa?

Lauren sorriu.

— Absolutamente, sr... tio Edmund.

— Ótimo. A propósito, amanhã partirei para mais uma das minhas viagens. Nunca fico muito tempo no mesmo lugar. Acho que posso considerar-me um andarilho. Quanto mais velho fico, mais quero conhecer este mundo maravilhoso em que vivemos. Ah, em caso de emergência, apenas em caso de emergência mesmo, você poderá ligar para este número. — Forneceu-lhe o número de um telefone de Londres. — Até breve, Lauren. Cuide muito bem... de você e de minha casa.

— Sr... tio Edmund — começou. — Há um homem... — Ele já desligara.

Assim que colocou o fone no gancho, ouviu uma gritaria, seguida de socos na porta.

O estranho! Ela trancara a porta pelo lado de fora e ele descobrira. Correu na direção do quarto dele. Logo lembrou-se que deixara a chave no bolso da calça.

— Calma! Já vou abrir — gritou, voltando para seu quarto, retornando rapidamente para abrir a porta.

— Pelo amor de Deus, srta. Halstead! Até mesmo os homens doentes sentem necessidades fisiológicas.

Na pressa, Lauren esquecera-se de vestir o robe e a camisola de alças era minúscula.

Abrindo a porta, deparou-se com um homem furioso, com os músculos contraídos, de camiseta de mangas curtas e cuecas. Estava pálido e com olheiras, porém foi a força de sua sensualidade que estimulou a feminilidade de Lauren a reagir agitada e excitantemente. Desviou o olhar.

— Desculpe. Esqueci de dizer que é uma suíte. O banheiro é anexo.

— Está trancado, madame. Irremediavelmente trancado.

— Não é possível. — Em vão, ela tentou abrir a porta. Como no resto da casa, as fechaduras dos banheiros eram antigas e precisavam de chaves.

— Não me diga que não sabe onde estão as chaves!

— Espere um minuto. — Voltou para seu quarto, tirou a chave de seu banheiro e tentou no banheiro do estranho. Funcionou!

— Ainda bem! — Ele exclamou, aliviado.

— Sinto muito. Realmente eu não sabia. Ele suspirou pesadamente.

— Ok. Mas, srta. Halstead... — Avaliou-a minuciosamente, dos pés à cabeça, detendo-se nas curvas mal escondidas sob o tecido fino da camisola. — Nunca... nunca mais torne a fazer isso comigo.

Sem uma palavra, ela correu de volta para seu quarto.

Enquanto esperava a água ferver na chaleira, Lauren olhava pela janela da cozinha. Sob o sol radiante da manhã, o cedro parecia menos ameaçador, lançando sua sombra para longe da casa.

A cozinha, como Marie afirmara, oferecia todo o conforto e comodidade que alguém poderia desejar. Toda aquela modernidade contrastava com as paredes de pedra, com os armários de carvalho que exibiam louças azuis e brancas, e com o velho fogão de ferro que, apesar do outro novo e moderno, fora mantido em seu lugar de honra.

Lauren ficou na dúvida entre consultar ou não seu hóspede sobre o café da manhã. Hóspede?, perguntou-se. Bem, não conseguia mais pensar nele como "o estranho". Não depois de saber seu nome, sem mencionar outras... bem, outras coisas sobre ele. Esse pensamento fez com que corasse.

Subiu a escada. Hesitou por um momento, antes de bater de leve na porta do quarto.

— Entre, por favor — ele respondeu.

Abriu cuidadosamente a porta e entrou. Ele estava sentado numa poltrona. Usava jeans e uma camisa aberta no pescoço. Seus cabelos estavam úmidos pelo banho e o rosto barbeado.

— Como está se sentindo, sr. Carmichael? Ele ergueu os ombros largos.

— Creio que a febre passou, mas sinto-me um trapo.

— Quer comer alguma coisa?

— Não, obrigado.

Levantando a cabeça, fitou-a com os olhos brilhando, sem esconder a apreciação pelo que via. Lauren vestia calça jeans e uma camiseta justa de algodão, que não escondia as linhas de seu corpo.

Então, no que se referia à masculinidade, ele estava curado, Lauren concluiu meio divertida.

— Chá? Seria possível uma xícara de chá?— ele pediu, pousando novamente a cabeça no encosto da poltrona.

— Claro. Vou preparar.

— Chame-me e eu irei.

O tom de brincadeira na voz dele fez com que Lauren se voltasse. Com febre ou sem febre, não havia dúvidas quanto ao brilho malicioso no olhar dele. Intimamente, ela se preveniu.

"Oh, não, não faça isso, sr. Carmichael". Depois, com maior insistência "Oh, não, não faça isso, Lauren Halstead".

Capítulo 3

Brett Carmichael atendeu ao chamado de Lauren. Desceu lentamente a escada, atravessou o hall e na cozinha deixou-se cair numa cadeira diante da imensa mesa de carvalho. Depois, segurando a xícara que ela colocara à sua frente, olhou ao redor sem muito interesse.

Quanto tempo ele pretendia ficar na casa? Essa era uma pergunta que Lauren ainda não poderia fazer àquele homem debilitado.

Ela tirou o pão que colocara na torradeira, espalhou uma camada de manteiga, e sentou-se de frente para ele.

— Como veio parar nos jardins de Old Cedar Grange? — Não conteve a curiosidade.

Com gestos cuidadosos e precisos, ele pousou a xícara sobre a mesa, como se esses movimentos lhe dessem tempo para organizar os pensamentos.

Por fim, falou:

— Bati na porta da frente, mas o som estava tão alto que ninguém ouviu. Então, decidi dar a volta pelos fundos.

Ela considerou a respostas evasiva.

— Por que aqui?

Houve uma nova e longa pausa. Talvez a febre retardara seu processo mental. Porém, não faltava brilho no olhar dele, nem espontaneidade em suas reações.

— Parei para beber num bar da cidade. Perguntei onde poderia alugar um quarto. Informaram-me que não havia vagas nem mesmo no hotel, mas que havia uma casa nos limites da cidade com muitos quartos vazios, onde morava uma garota chamada Marie Brownley e seu noivo. Explicaram-me que ela cuidava da casa durante a ausência do proprietário, e que talvez, concordasse em acomodar-me.

Bebeu um longo gole de chá. Lauren percebeu que novamente ele escolhia as palavras.

— Daí minha presença não anunciada nos jardins da casa.

— Os lábios se curvaram em seu primeiro sorriso e o coração de Lauren se contraiu, encantado com a transformação que ocorrera nas feições dele.

— Completamente desarmado — ele acrescentou. — Você mesma certificou-se disso após revistar minha mochila.

Lauren sorriu também.

— Desculpe por ter invadido sua privacidade. Ele ergueu os ombros largos.

— Desculpe-me também por ter desmaiado no jardim. Cheguei ontem de manhã da América do Sul. A febre, a viagem longa, o cansaço acabaram com minhas energias. — Endireitou-se na cadeira. — Preciso ir embora. — Fitou-a. — Passa algum ônibus por aqui?

— Em que direção? Ergueu os ombros novamente.

— Tanto faz.

Lauren decepcionou-se com a resposta. Não queria que o homem partisse. Preocupada com tal

constatação, decidiu racionalizar seus sentimentos. Ele era uma companhia. A presença dele impedia que se sentisse tão sozinha naquela casa enorme. Sim, era isso mesmo.

Intrigara-se também pela incapacidade dele para decidir-se por uma eventual direção.

— Posso levá-lo até a cidade mais próxima. Para onde quer ir?

Fechando os olhos, ele movimentou negativamente a cabeça.

— Sr. Carmichael... — Pretendia mostrar-se firme, a fim de que suas palavras penetrassem na névoa que parecia envolver o cérebro dele. Entretanto, sua voz tremulou levemente.

— Você não está em condições de ir a lugar nenhum.

Ele a olhou com ar especulativo. Com certeza, captara o tremor da voz e tentava analisar o motivo, um motivo que nem mesmo Lauren saberia explicar.

— Você permite que eu passe outra noite aqui?

— O tempo que for necessário para você se restabelecer.

Lauren surpreendeu-se com as próprias palavras. A permissão soara como um convite claro para que ele ficasse por tempo indeterminado. Além disso, estava perplexa com a própria reação. Ela não tinha nada a ver com aquele homem, com o carisma que transmitia, apesar da doença, com o magnetismo contido nos olhos inteligentes e profundos.

Tudo o que sentia por aquele estranho era pena, compaixão. Sim, pena, compaixão. Não era? Não era?, seu cérebro insistia.

Ele ergueu as sobrancelhas.

— Você tem o hábito de bancar a anfitriã de hóspedes não convidados? Principalmente quando se trata de alguém cuja existência ignorava completamente a menos de vinte e quatro horas?

De repente, Lauren sentiu-se tola e ridícula, sem saber como explicar a razão de sua atitude.

— Se você se refere ao proprietário, não creio que se importará se eu o hospedar aqui, por alguns dias.

— Pagando pela hospedagem?

— Pagando? — Essa ideia não lhe ocorrera. — Sim. Pagando ao proprietário, não a mim. Conversei com ele esta manhã e pareceu-me um homem simpático.

— É mesmo? Você o conhece?

— Como poderia conhecê-lo? Assumi o lugar de Marie ontem à noite. Ele é tio dela, ou melhor, quase tio.

— Quase. — Ele soletrou a palavra. — Gosto disso. Parece, mas não é.

— Você está falando como um dicionário O sorriso dele foi débil.

— Dicionários e eu temos muito em comum.

Quem era ele? Um professor em busca de interpretações perfeitas? Um advogado requerendo definições exatas? De alguma maneira ou de outra, ele deveria ganhar a vida. Lauren detestava interrogatórios. Além do mais, a vida dele não lhe dizia respeito.

Apoiando-se na mesa, ele levantou com cuidado.

— Você tem razão. Não estou em condições de ir a parte alguma. — Perderá a leve coloração

que conseguira ao beber o chá quente.

Lauren afastou sua xícara vazia e também se levantou.

— Exceto para a cama — aconselhou-o. Ele não conteve um sorriso malicioso.

— Minha anfitriã está me mandando para a cama? Em outras circunstâncias, seria um bom começo.

Enquanto ele subia lentamente os degraus, Lauren não pôde evitar um riso abafado.

Depois de lavar a louça do café, ela foi para o antigo estúdio do sr. Gard, que escolhera para trabalhar. Tentava organizar os vários equipamentos que usava em seu trabalho.

Aproximando-se da janela, observou o jardim, admirando o cenário multicolorido. Seu olhar se deteve nas cabeças de terracota espalhadas entre os canteiros.

Assustou-se com o toque do telefone. Desceu rapidamente a escada, antes que o ruído perturbasse o estranho.

— Hei, Lauren. — Era Casey. — Tudo bem? Queria ligar mais cedo, mas fui chamado para um trabalho. O homem que surgiu do nada comportou-se direitinho?

— Pobre homem! Do jeito que está, não poderia comportar-se de outra maneira. Ainda está muito debilitado. Mas, por medida de segurança, tranquei-o no quarto na noite passada.

Casey soltou uma sonora gargalhada.

— Não acredito! O que aconteceu?

— Quando ele descobriu? Bem, urrou feito um leão enjaulado. Agora, está na cama novamente.

— Quanto tempo ele vai ficar aí?

— Eu... — Hesitou por um segundo, antes de prosseguir. — Eu dei a entender que poderá ficar até recuperar-se por completo.

— Você fez isso? — Casey parecia meio chocado. — Como sabe que poderá confiar nele?

"Confio nele", ela pensou, mas não disse.

— Pura intuição.

— Hum... nem sempre a intuição feminina é confiável. A propósito, qual a profissão dele?

— Não sei. Ainda não descobri muita coisa.

— Não sei, não, mas acho que ele está desempregado. Como se chama? Pelo menos o nome você deve saber, não?

— Brett. Brett Carmichael.

Casey respirou fundo, ruidosamente. Depois, exclamou:

— Hei! Tenho a impressão de que já ouvi esse nome. Agora... — Pensou por um instante. — Bem, não vai ser uma tarefa fácil, mas vou tentar descobrir alguma coisa sobre ele. Primeiro ᵛou perguntar por aí, depois pesquisarei nos arquivos do jornal.

Quem sabe encontre algum indício. Ligarei assim que tiver alguma informação. Certo? — Desligou o telefone.

O céu estava azul-claro. Lauren caminhava entre os canteiros com seu material de pintura nas mãos, decidindo qual das flores desenharia. Um pé carregado de brincos-de-princesa vermelhos

chamou sua atenção. Sentou-se num banco, ajeitou os crayons na prancheta ampla, que costumava usar como suporte.

Algum tempo depois, um ruído estranho chamou-lhe a atenção. Virou-se e viu Brett puxando uma cadeira reclinável até o gramado.

— Continue seu trabalho — ele disse, armando a cadeira e ajeitando as almofadas. — Eu me arranjo sozinho. — Apontou para a espreguiçadeira. — Espero que não se importe. Não queria importuná-la.

— Fique à vontade. Talvez o ar fresco ajude a amenizar seu problema. É melhor do que ficar trancado no quarto.

— Foi o que pensei.

Ele se deitou na cadeira, cruzando os braços. Lauren voltou ao trabalho, mas a presença do homem afetou sua capacidade de concentração. Mesmo assim, recomeçou a desenhar. Porém, nada dava certo.

Alguma coisa em seu subconsciente a incomodava, e tinha muito a ver com aquele estranho.

— A cadeira... Onde a encontrou?

— Na cabana.

Na cabana? Lauren não percebera a existência de uma cabana no jardim. E, certamente, estaria trancada. Tio Edmund parecia ter fixação para fechar à chave tudo que poderia ser aberto.

— Onde encontrou a chave? — ela indagou. Ele deu de ombros.

— Na cozinha, pendurada entre o armário e o fogão velho.

— E mesmo? Você procurou? — Ela sorriu, tentando esconder a preocupação. —Você deve ser bom em localizar objetos perdidos.

Ele riu e Lauren deduziu que ele já estava a um passo da recuperação.

— Talvez você tenha razão. — Calou-se por um instante, depois disse: — Passei grande parte da minha vida em busca da essência das coisas.

"O que você faz para viver?". A pergunta formou-se em sua mente, mas não chegou aos lábios. Ele tinha toda as características de ser um andarilho. Na noite anterior comentara que contraíra a febre durante suas andanças.

De repente, lembrou-se das palavras de tio Edmund naquela manhã. Achou estranho que tanto Brett como tio Edmund haviam se referido a si mesmos como andarilhos. Bem, não deveria estranhar, pensou, já que milhares de pessoas costumavam viajar pelo mundo, muitas vezes ao sabor da aventura, sem destino certo.

— Você ganha a vida como pintora?

— Esperando pela próxima venda que sabe-se lá quando acontecerá. Este emprego para cuidar da casa do sr. Gard veio na hora certa, para reforçar meu saldo bancário. — Sentindo as batidas aceleradas do coração acrescentou num tom mais natural possível: — Não lembro se já dei minha resposta. Em todo caso, a resposta é sim.

Olhou-o de relance. Temia que ele recusasse a oferta.

— Indefinidamente? — Ele ergueu as sobrancelhas.

— Se quiser...

— Obrigado. Somente depois de ter a resposta dele, também num tom quase indiferente, seu coração voltou ao ritmo normal.

"Você agiu certo?", alerta-a uma voz interior, crítica e cautelosa. Por quanto tempo-ele ficará? Você pode realmente confiar nele? Céus, quem é ele?

Brett adormeceu. Enquanto trabalhada, Lauren mantinha os ouvidos atentos aos sons a sua volta. 0 cantar dos pássaros, o zumbir de uma abelha, o latido distante de um cão, o farfalhar das folhas ao vento.

Ele se remexeu na cadeira, e a conscientização da presença dele trouxe-a de volta à realidade. Não entendia o motivo de seus sentidos se abalarem tanto com a proximidade daquele homem. Oh, sim, ele era bonito, visivelmente inteligente, dono de um magnetismo irresistível a qualquer mulher.

Mas e daí? Era o que repetia a si mesma. Ele era apenas um ser humano, não era? Não, não era. Nunca conhecera um homem que a afetara tanto quanto aquele estranho.

Fitou-o. Suas pulsações se descontrolaram ao perceber que ele a observava. Desviou o olhar para o cenário que os rodeava.

— A quietude é tão grande que torna-se quase estonteante — ele comentou.

— Você prefere tumulto e barulho?

— É só o que tenho ouvido há meses... anos.

Sempre que ele se referia à vida normal, comentando algo que envolvesse alguma ocupação, Lauren se continha para não pedir-lhe para contar mais a respeito do presente, do passado.

Não que o preferisse cheio de mistérios mas, no íntimo, imaginava que, no momento em que descobrisse o que ele fazia, ou quem era, o encanto se quebraria.

Saber tão pouco sobre Brett Carmichael fazia parte do charme, do fascínio. E, gostando dele daquele jeito, pressentia que a realidade colocaria um desagradável ponto final no clima de magia da situação.

— Você deixou tudo isso para trás, sr. Carmichael? — aventurou-se, logo se reprovando pela tentativa de antecipar a realidade que preferia adiar o máximo possível. Então, acrescentou rapidamente: — Quais são seus planos imediatos? — De novo, reprovou-se por dizer a coisa errada.

— Meu nome é Brett, Lauren.

Sorrindo, ela concordou com um movimento de cabeça. Ele demorou alguns momentos para responder, com o olhar perdido no horizonte. Depois, fitou-a.

— Tudo o que desejo no momento é um pouco de tranquilidade. Paz de espírito. — Desviou o olhar, parecendo ponderar as próprias palavras. Mirou-a novamente. — Você conhece algum lugar onde eu possa conseguir isso?

Lauren prendeu a respiração. O olhar penetrante dele parecia enxergar o fundo de sua alma. Quem era aquele estranho que entrara em sua vida, abalando-a, perturbando-a?

— Talvez... aqui?

As palavras escaparam e mais uma vez ela se repreendeu pela impulsividade.

A expressão dele se alterou quase tão imperceptivelmente que Lauren pensou ser imaginação sua.

Até o momento em que percebeu nos olhos dele o brilho característico e inconfundível de um animal macho, predador, avaliando sua vítima. Mas durou apenas uma fração de segundo. Depois, desapareceu.

Ela estremeceu ante a certeza de que os reflexos normais masculinos haviam superado a indisposição e que estavam absolutamente despertos. Respirou aliviada, quando ele voltou a observar os arredores do jardim.

— Obrigado pelo convite — ele respondeu num tom distraído. Depois calou-se.

Lauren esforçava-se para não demonstrar sua ansiedade. Temia que ele escolhesse outro lugar para ficar. Sua mão tremia ao insistir, sem sucesso, em continuar seus desenhos. Sentiu o coração apertado, enquanto repetia mentalmente que era pura tolice envolver-se tanto assim com um estranho. Tentou convencer-se de que não era um envolvimento. Apenas solidariedade e compaixão. Não podia ser outra coisa. Sim, apenas solidariedade e compaixão.

Brett recomeçou a falar, arrancando-a dos conflitos internos que enfrentava.

— Acho que você está certa, Lauren. Ficarei aqui até... Você concorda?

"Até...?", ela repetiu mentalmente, desejando que ele tivesse concluído a frase.

— Concordo, Brett.

Dias depois, Lauren descobriu-o na biblioteca. Era uma sala enorme, com as paredes laterais forradas de livros do piso ao teto. Num extremo da sala havia uma lareira antiga de pedra, decorada com flores e grama artificiais. No outro, uma escrivaninha e duas cadeiras.

Brett estava parado diante de uma estante contendo volumes encadernados em couro e letras douradas. Segurava um dos livros com extremo cuidado, como um objeto muito valioso com um significado muito especial para ele. Claro, isso era pura impressão. Ele era tão estranho naquela casa quanto ela mesma, e não tinha qualquer familiaridade com os objetos e pertences.

Entrara silenciosamente. Brett só percebeu sua presença, quando fechou a pesada porta de madeira. Assim que a viu, apressou-se a recolocar o livro no lugar. Com as mãos nos bolsos, ele passou a observar outros livros. Ele teria algo a esconder? O pensamento surgiu e desapareceu de sua mente com a mesma rapidez.

Um arrepio de medo percorreu-lhe o corpo. Quem era Brett Carmichael? Ele estava em Old Cedar Grange há poucos dias, mas para ela era como se fossem meses de tanto que se acostumara com a presença dele. Entretanto, ainda não conseguira conhecê-lo realmente.

Brett mantinha sempre um ar distante, de alheamento. Talvez estivesse enfrentando um período de readaptação após superar algum estado depressivo, agravado pela febre que contraíra.

Revelara-se um bom companheiro. Elogiava a comida dela, fazendo piadas com a própria falta de habilidade culinária. Porém, ainda havia uma enorme distância entre ambos e nenhuma ponte à vista para chegar ao outro lado. Do lado dele.

Por várias vezes, Lauren flagrara-o observando-a, sempre com expressão indecifrável. Havia mais do que um toque de interesse masculino nos olhares dele. Havia algo mais, sem dúvida. Isso a intrigava, principalmente por não conseguir entender o que se passava por trás daquele olhar impenetrável.

— Com quantas estrelas você classificaria esta biblioteca? — perguntou, atravessando a sala.

Com um pouco de sorte, se aproximaria a tempo de ver qual o livro ele lia com tanto interesse. Isso poderia fornecer-lhe um indício de sua ocupação, esse lado desconhecido dele. — Duas? Três?

Tarde demais. Ele se adiantou alguns passos, antes que Lauren o alcançasse.

— Cinco, sem dúvida — ele declarou de pronto.

— É assim tão boa? Na sua opinião, qual é o maior interesse do proprietário? Do sr. Gard?

— História.

Lauren surpreendeu-se com tanta segurança.

— Como sabe?

Embora mantivesse a expressão impassível, Lauren notou que ele contraía levemente os maxilares. Talvez, ela não estivesse conseguindo esconder as dúvidas que ainda guardava em relação a ele.

— Por dedução, claro. — Com um movimento de braço, indicou as estantes repletas de livros.

— Claro. — Ela caminhou pela sala lendo os títulos. — O sr. Gard deve ter grandes interesses mesmo. E amor pelos livros. Entretanto, se é um andarilho, como referiu-se a si mesmo, não sei como consegue tempo para ler todos esses livros.

— De pleno acordo. — A voz soou às costas dela. — Lauren? Sentiu um arrepio na espinha ao ouvi-lo pronunciar seu nome.

— Sim?

Virou-se, encontrando-o muito próximo a ela. O choque abalou suas defesas. Preocupava-se com aquela sensação estranha que a atingia sempre que estava perto dele. Lembrou-se que Johnny a prevenira para não se apaixonar pelo estranho. Ele dissera que Brett Carmichael era um rapaz bonito. O aviso de Johnny fora sensato, racional. Mas desde quando o coração ouvia a voz da razão?

Fitou-o com ar interrogativo. Os olhares se encontraram, e o impacto foi tão grande que Lauren sentiu-se fraquejar. Foi a trivialidade da pergunta que devolveu-lhe o equilíbrio.

— Preciso de um carro. Existe alguma agência de automóveis na cidade?

— De um carro? — ela repetiu. — Creio que há uma agência de carros usados. Mais tarde, irei até o mercado. Se quiser, posso dar-lhe uma carona.

Ele colocou as mãos nos bolsos da calça branca, bem talhada. A camisa branca de mangas curtas também era muito elegante.

— Ok, obrigado. — Falou quase com indiferença, como se não se permitisse que as emoções o dominassem.

Essa atitude fez com que Lauren desconfiasse que ele sofrerá alguma grande decepção em alguma época de sua vida. Com certeza, a causa desse sofrimento fora uma mulher. O pensamento de Brett apaixonado provocou-lhe uma onda de mal-estar. Dando-lhe as costas, fingiu examinar alguns livros, para que ele não percebesse seu embaraço.

Nesse instante, o telefone tocou. Aliviada, Lauren correu para atender na extensão da cozinha.

Era Casey.

— Como estão as coisas? — ele perguntou.

— Tudo bem. Ele precisa de um carro.

— Você disse sobre a agência de carros usados?

— Vou levá-lo até lá. E você? Descobriu alguma coisa? -— Abaixou o tom de voz, fechando a porta com o pé.

— Não muito. Na verdade, nada. Pesquisei nos jornais antigos e conversei com algumas pessoas. Uma ou duas pensam que já ouviram o nome, mas não lembram em quais circunstâncias.

— Ele vem vindo, Casey. Preciso desligar. Você vai continuar tentando, não?

— Com certeza. Ah, mantenha-se distante, ou melhor, mantenha-o à distância.

Você está brincando! — A risada dela foi contagiante. — Acho que vivemos em lados opostos do globo!

Ótimo, continue assim bem-humorada. Ficarei em Londres por alguns dias — informou-a. — Telefonarei assim que voltar.

Capítulo 4

Lauren deixou Brett na agência de automóveis. Depois, seguiu em direção ao mercado, no centro da cidade.

Enquanto Lauren pagava pelas compras, a gerente do mercado, aproximou-se dela, perguntado:

— Você é a jovem que está cuidando da casa do sr. Gard, não é?

— Sim, sou eu.

— Como se sente morando lá?

— Muito bem, obrigada.

— Soubemos que você tem companhia.

"Oh, a língua do povo!", Lauren pensou recolhendo o troco e guardando as compras na sacola.

— É um pensionista — esclareceu num tom que esperava fosse próprio de uma senhoria. — Ele é muito simpático. E está se recuperando de uma doença que contraiu assim que chegou.

— Ainda bem! — exclamou a gerente.

Lauren não notou o menor sinal de suspeita com relação à sua moral ou à de Brett. Despedindo-se, saiu do mercado, ajeitando a sacola no carro.

Ao passar diante da agência, diminuiu a marcha e olhou para dentro, mas nem sinal de Brett. Surpreendeu-se ao avistá-lo com as mãos nos bolsos, parado no ponto de ônibus. Que ele esperasse pelo ônibus, tudo bem. Mas o que pretendia indo para o centro da cidade?

Horas mais tarde, um carro enorme, novo em folha estacionou no pátio, diante da casa. Boquiaberta, Lauren viu da janela do estúdio seu hóspede-pensionista descer, fechar a porta e dar uma volta ao redor da máquina possante, admirando-a.

Sentiu uma grande tristeza ao pensar que, curado e motorizado, Brett resolvesse ir embora, continuando suas andanças pelo mundo. Afastando-se da janela, voltou a pendurar seus quadros nos ganchos que já encontrara na parede.

Seu coração disparou ao ouvir o ruído de passos subindo a escada. Para disfarçar o nervosismo, fingiu admirar a disposição das pinturas. Abrindo a porta, Brett entrou no estúdio.

— Viu meu carro novo? — Os olhos dele brilhavam de alegria.

— E lindo! Mas... Oh, sim, claro! Você o alugou.

— Negativo. É meu. Zerinho. — Sorriu ante a perplexidade dela. — Calma lá! Não roubei nenhum banco para poder comprá-lo.

Lauren ficou ainda mais intrigada. Isso significava que apesar de andarilho e surgido das sombras, ele não era um joão-ninguém.

Ele foi até a janela e espiou o carro por alguns instantes. Depois, caminhou pelo estúdio avaliando os quadros pendurados nas paredes.

— Todos estes trabalhos são seus?

— Sim.

Seguiu-se um longo silêncio. Ansiosa, Lauren esperava pelos comentários. Ele olhava atentamente de um quadro para outro sem dizer nada. Irritada com aquela mudez, não se conteve:

— Sei que são medíocres e que não tenho muito talento. Por isso, não tenho recebido encomendas ultimamente. Portanto, não precisa fingir interesse...

Voltando-se, Brett a fitou com um brilho estranho no olhar.

— Você está falando bobagem, Lauren, e sabe muito bem disso. Pare de depreciar-se. Você é ótima.

Ela sentiu a garganta seca, perturbada pelo olhar intenso e pela curva expressiva dos lábios dele. Seu coração batia feito um tambor.

— Você... você entende de arte? Ou está apenas confundindo ouro com latão?

Brett segurou-lhe o rosto entre as mãos.

— Sei muito bem distinguir ouro, quando o vejo. Inclinando a cabeça, roçou os lábios nos dela. Depois, fitou-a direto nos olhos. Lauren prendeu a respiração. O ribombar do tambor dentro do peito quase provocava-lhe tremores. O que Brett lia em seu olhar? Ela não queria saber, tampouco se importava com isso. Apenas queria os lábios dele nos seus. Fora exatamente o que sempre desejara, desde o momento em que o encontrara nos jardins de Old Cedar Grange.

— Nenhum não à vista — ele comentou com voz enrouquecida. — Nem mesmo um gesto de cabeça. — Segurou o rosto dela entre as mãos, pressionando levemente, de modo que Lauren poderia ter evitado os lábios dele, se quisesse...

Mas não quis. Permaneceu imóvel e Brett a beijou com tamanha intensidade que ela sentiu suas resistências se abalarem. Depois, a invasão começou. Primeiro, forçou-a a entreabrir os lábios, depois as línguas se tocaram, numa exploração íntima e sensual.

Abraçaram-se numa entrega total até os corpos se amoldarem.

"Oh, ele deve pensar que sou leviana e que permito que qualquer homem toque em mim", Lauren pensou, ainda com um resquício de lucidez.

— Brett... — protestou. — Por favor, não sou...

— Oh, você é, sim — ele murmurou com os lábios colados ao dela. — Você é uma dinamite, srta. Halstead. Tenho desejado isto desde o momento em que a conheci. E não negue que também desejava.

Os olhares se encontraram. O brilho nos olhos dele despertou-a para a realidade. Compreendeu que não fora ela quem provocara paixão em Brett Carmichael. Ele estava apenas empolgado, extasiado, com a compra de um brinquedo caro. O carro reluzente estacionado diante da casa.

O ruído de um veículo no pátio, quebrou definitivamente o encanto. Soltando-a, Brett colocou as mãos nos bolsos com o olhar fixo em Lauren, que tentava ajeitar os cabelos.

Uma batida na porta, seguida de um chamado, revelou a identidade do visitante. O sorriso morreu nos lábios de Brett. Descendo as escadas, Lauren respondeu:

— Um momento, Casey. Já estou indo.

Assim que ela abriu a porta, Casey foi logo indagando:

— Onde está nosso hóspede misterioso?

— Lá em cima? Por que?

Olhando furtivamente ao redor, levou-a para o jardim.

— Tenho novidades.

— Sobre... Brett Carmichael? — Lauren tinha maus pressentimentos. Tinha a impressão terrível de que a informação de Casey destruiria o que quer que estivesse começando entre ela e o estranho.

__Claro que é sobre Brett Carmichael. Em quem mais estamos interessados? Sabe quem é esse cara? Ele é... Não, espere um momento. O que vai fazer esta noite?

— Lavar os cabelos.

— Carro novo? — Casey perguntou com incredulidade.

Uma porta batida com força, o motor sendo ligado, pneus cantando. Brett saíra. Oh, ele tinha todo o direito de entrar e sair quando bem entendesse. Lauren procurou recolocar os pés no chão, que, desde que Brett a beijara, andavam flutuando nas nuvens.

— Deixe para lavar os cabelos amanhã e jante comigo. — Casey propôs. — Contarei tudo durante o jantar.

— Ora, isto é chantagem! — Lauren protestou. Ele sorriu.

— Pessoalmente, chamaria de troca. Você terá algumas informações e eu... sua companhia.

Casey era esperto. Se Lauren quisesse saber mais a respeito de Brett Carmichael, e queria, teria que aceitar o convite. Ela suspirou.

— Ok. A que horas?

— Às sete?

—Às sete — Lauren concordou, acompanhando-o até o carro.

— Ele é jornalista — Casey contou enquanto tomavam os aperitivos. — Você não desconfiou?

A sala de jantar do hotel estava repleta. O burburinho das pessoas conversando fez com que Casey se aproximasse.

— Jornalista?

Lauren lembrou-se que Brett comentara que estava muito familiarizado com dicionários. Claro, deveria ter desconfiado.

— Sim, como eu — Casey confirmou. — Estive em Londres estes dias e andei fazendo algumas investigações. Ele é medalha de ouro do jornalismo. Um dos melhores. Quem me informou foi um amigo que trabalha num grande jornal.

— E?

— Não é à toa que ele pode se dar ao luxo de manter um carro daqueles. Meu amigo contou que durante anos Brett teve sua própria agência de notícias e que vendia as reportagens para jornais do mundo todo.

— Por isso não o reconhecemos pelo nome, apesar de você ter comentado que já o ouvira antes.

— É verdade. Parece que há alguns anos, ele vendeu a agência e correu o mundo trabalhando como freelancer para a antiga firma. — Casey enumerou nos dedos. — América do Sul, Oriente Médio, África.

— Foi assim que contraiu aquela febre?

— Sim e algo mais. Foi capturado e mantido como refém por rebeldes num desses países que vivem em guerra.

Lauren tremeu só em imaginar as coisas terríveis que Brett enfrentara durante o período de cativeiro. Então, lembrou-se do comportamento dele ao descobrir-se trancado, aprisionado, no próprio quarto. "Nunca mais faça isso comigo. Nunca mais", ele a avisara na ocasião. Depois do que Casey contara, ela compreendia o motivo de sua reação furiosa.

Casey inclinou-se mais, baixando o tom de voz.

— Meu editor está logo ali. Não tira os olhos de você, Lauren. Aposto como amanhã me bombardeará com perguntas sobre minha nova namorada. Pelo jeito, está gostando do que vê. — Contemplou-a com um sorriso largo. — Eu também estou gostando do que vejo. Essa blusa branca fica muito bem em você. — Fitou-a de modo avaliador. — Realça suas linhas. Combina com sua cor de pele, com seus cabelos castanhos.

— Pare com isso, por favor. — Lauren corou.

— Sem falar nos olhos sonhadores. Qualquer homem poderia perder-se em seu olhar. E a boca... perfeitamente delineada, como o resto do...

— Você está sendo inconveniente, Casey — advertiu-o com impaciência. — Mude o disco, sim? Se não...

— Ok, mudarei... por ora. Mal posso esperar para contar a Harry Harper quem eu descobri vivendo entre nós...

— Você está falando de Brett Carmichael? — ela o interrompeu ríspida e ansiosamente. — Pelo amor de Deus, Casey, não... Por favor, não diga uma palavra a ninguém sobre Brett.

— Hei, você está me pedindo para não revelar esse verdadeiro furo de reportagem? Ora, sou ambicioso Lauren!

— Qual é a vantagem de publicar uma notícia sobre um homem como Brett? Você mesmo disse que ele ficou anos no hemisfério sul!

Casey deu de ombros, meio capitulando, meio relutante.

— Talvez seja melhor esperar mais um pouco. — Começou a comer e, com um gesto, sugeriu que Lauren fizesse o mesmo.

— Agora, o mistério se resume em descobrir por que ele voltou para a Inglaterra.

Lauren franziu as sobrancelhas, enquanto se servia de um pedaço de frango assado.

— E por que foi parar em Old Cedar Grange?

— Pergunte a ele. Por que não?

— Oh, não — Lauren indignou-se. — Não é problema meu. E a casa também não é minha, afinal,

— Então, por que alugou-lhe um quarto sem a permissão do proprietário? — Ele sorriu triunfante, sentindo que a apanhara numa armadilha.

— O que mais eu poderia fazer? Ele estava doente, você sabe disso. Não poderia fechar-lhe a porta. Não posso entrar em contato com o sr. Gard, exceto em caso de emergência. Marie e Reggie

desapareceram no espaço. Além do mais, ele está pagando muito bem ao proprietário, não a mim. Tenho certeza que o sr. Gard não se oporia. Pelo menos, não estou sozinha.

Casey pousou a mão sobre a dela.

— Hei, se o problema era companhia, bastaria estalar os dedos e eu me instalaria com armas e bagagens num daqueles quartos vazios.

Lauren sentiu-se embaraçada.

— Obrigada, mas... Bem, agora me parece óbvio o motivo pelo qual ele voltou. A doença despertou o instinto familiar depois de tantas experiências horríveis que enfrentou.

De repente, algo lhe atraiu o olhar para o outro extremo do salão. Seu coração quase parou. Brett estava sentado em uma mesa, bebendo um aperitivo, com os olhos fixos nela. Apressou-se a desvencilhar-se da mão de Casey, mas não comentou nada sobre a presença de Brett. Se contasse, Casey não hesitaria em apresentá-lo ao editor.

O resto do jantar transcorreu sem incidentes. Lauren evitava olhar diretamente para Brett, mas com o canto dos olhos viu quando ele saiu do restaurante sem lançar-lhe um último olhar.

Mais tarde, diante da porta de Old Cedar Grange, Casey segurou-a pelos ombros.

— Telefono assim que tiver mais informações — disse-lhe, beijando-a de leve nos lábios. — Hum, o gosto é tão bom quanto aparenta. Obrigado pela companhia.

— Obrigada pelo jantar...

A frase foi interrompida pela chegada de um carro com o farol alto iluminando a casa e os dois juntos.

— Uau, teremos problemas. — Casey afastou-se de Lauren.

— Por favor, Casey. — Segurou-o pela lapela do paletó. — Não diga nada sobre Brett ao seu editor.

— Bem... — Ele parecia considerar o pedido. — Dê-me outro beijo e talvez não conte.

— Chantagista! — Ofereceu-lhe os lábios e ele a beijou rapidamente.

Rindo, ele voltou para o carro.

— Até logo! — despediu-se, ligando o motor.

Casey partiu e Lauren passou por Brett, que examinava o carro novo. Entrou em casa, indo direto para a cozinha. Brett a alcançou. Segurando-a pelo braço, puxou-a de encontro a seu corpo. Ela não conteve um suspiro, misto de aborrecimento e prazer por aquele contato. Sentiu o rosto ruborizado.

— Por que isso agora? — enfrentou-o.

— Seu amiguinho metido a detetive suburbano já encheu seus ouvidos sobre minha profissão, não é? Foi esse o motivo do jantar?

Lauren sentiu a perna dele na sua. Corou ainda mais, desejando que a proximidade se estreitasse.

— Como você sabe que ele também é jornalista?

— Digamos que um jornalista reconhece outro pelo faro — ele ironizou. — Percebi pelos olhos dele, pelos gestos, pelos modos. Consegui até mesmo captar seu processo mental. Bem, finalmente,

você descobriu o que estava aguçando sua curiosidade desde que pus os pés nesta casa, não é mesmo?

Lauren jogou a cabeça para trás, colocando uma pequena distância entre eles.

— Não acha natural que a... senhoria queira saber sobre o passado de seu inquilino? Afinal, você surgiu do nada, na escuridão, nos fundos desta casa. Assim como um... um...

— Ladrão. Acertei? Ok, ponto para você. — Soltou-a, aproximando-se da janela. Seu olhar se deteve no velho cedro, a árvore que o sustentara na noite de sua chegada.

— Brett?

Ele se voltou lentamente.

— Não sabia que você foi mantido como refém.

— E daí? — Ele ergueu as sobrancelhas.

— Desculpe por tê-lo trancado no quarto na primeira noite em que dormiu aqui. Isso deve ter despertado recordações terríveis. Sinto muito.

Em silêncio, ele preparou a cafeteira, ligando-a na tomadas Lauren observava os movimentos dele.

— Ainda incomoda falar sobre o assunto? — ela insistiu, logo arrependendo-se por pressioná-lo. Se Brett quisesse, falaria espontaneamente. Na hora que julgasse certa.

— Café? — Foi a resposta dele.

— Aceito.

Ele encheu duas xícaras, entregando-lhe uma. Saiu da cozinha em direção à sala de visitas. Parou diante da janela, bebendo em silêncio.

Lauren o seguiu, sentando-se no sofá. Sorvia o café lentamente, em pequenos goles.

— Talbert é seu namorado?—Brett perguntou inesperadamente.

— Talbert? — ela repetiu confusa. Demorou alguns segundos para compreender a quem ele se referia. —Ah! Casey? Não. Apenas um amigo. Eu o conheci na festa de Marie. Na noite em que você apareceu por aqui. A propósito, como sabe o sobrenome dele?

— Telefonei ao jornal da cidade. Perguntei se um sujeito chamado Casey trabalhava lá. Informaram-me que era repórter. Então, perguntei o sobrenome dele.

Era óbvio que por pertencer ao mundo jornalístico, ele tinha habilidade suficiente para conseguir as informações que desejava.

— Se não é seu namorado, se o conhece há tão pouco tempo, como aceitou o convite para jantar com direito a beijos de despedida?

— Nós também só nos conhecemos naquela noite e no entanto já nos beijamos. — As palavras saíram de sua boca sem censura prévia e Lauren desejou que o mundo se abrisse a seus pés. Na tentativa de defender-se, piorara ainda mais a situação.

— Verdade. — Ele se aproximara dela, fitando-a com cinismo.

— Então, você tem o hábito de beijar, e sabe-se lá o que mais, qualquer homem, independentemente do grau de conhecimento?

— Terminou de beber o café e colocou a xícara na mesa de centro.

— A resposta é não, mas duvido que acredite. Casey convidou-me para jantar...

— Para dar-lhe informações sobre minha pessoa — ele concluiu num tom sarcástico. — Naturalmente, vocês uniram o útil ao agradável, uma vez que, pelo que pude observar, terminou numa sessão romântica.

Lauren deu de ombros, contendo-se para não chorar. Sabia que Brett a ofendia intencionalmente, mas não tinha como defender-se sem trair seus sentimentos. Não poderia confessar-lhe que os beijos de Casey haviam sido superficiais, que não a afetaram em nada, enquanto os dele levavam-na ao paraíso, abalando suas resistências.

Levantando-se, recolheu a xícara dele e, lutando contra as lágrimas, foi para a cozinha. Colocava as xícaras na lavadora de louças, quando Brett se aproximou. Segurando-a pelos ombros, percebeu que os lábios dela tremiam. Lentamente, inclinou a cabeça, beijando-a.

— Diga por quê — ele pediu, fitando-a fundo nos olhos.

— Por que o quê?

— Por que as lágrimas? — Com a ponta do dedo, tentou enxugar as faces de Lauren. — Elas não revelam o motivo. — Sorriu. — Então?

—Você costuma sempre pensar o pior a respeito das pessoas?

— Quer dizer que não há nada entre você e aquele rapaz?

— Não vejo razão para dar-lhe explicações, mas em todo caso, a resposta é não.

Fitaram-se por um longo momento. Com o coração aos saltos, Lauren esperava que ele a beijasse novamente. Porém, Brett a soltou e ela teve que disfarçar uma ponta de decepção.

Ele voltou para a sala de visitas e Lauren o seguiu, a fim de pegar a jaqueta que largara na poltrona.

— Lauren?

— Sim? — Parou na porta da sala, incapaz de negar a onda de prazer que a envolveu ao ouvi-lo pronunciar seu nome.

— Nos próximos meses, estarei preparando um livro. Próximos meses? Então, ele planejava ficar em Old Cedar Grange por longo tempo! Foi necessário sufocar outra onda de prazer.

— É mesmo? Vai escrever sobre suas experiências?

— Que experiências? — A voz dele soou meio ríspida. Ela se manteve calada e imóvel, tentando não transmitir suas emoções. Todavia, foi justamente nesse silêncio que Brett entendeu a mensagem.

— Quero que me prometa uma coisa. Do contrário, faço minhas malas e vou-me embora.

— Você quer dizer... ir embora daqui? — Sua voz fraquejou.

— Exatamente. Isso me privaria de viver nesta espécie de santuário que acredito ter encontrado aqui. E você perderia o aluguel que pago.

— Ao proprietário — corrigiu-o automaticamente. Ele ergueu as mãos num gesto evasivo.

— Que seja. — Com passos lentos aproximou-se dela. — Você terá que me prometer, com a mão no coração, que não dirá nada, absolutamente nada, a meu respeito, sobre meus movimentos,

minhas ideias, meu trabalho, ao seu amigo repórter.

— Você acredita que eu teria coragem de bancar a espiã? O que pensa que sou? Uma fingida? Uma cobra?

— É surpreendente o que uma pessoa é capaz de fazer por dinheiro!

— Bem, sr. Carmichael, pode excluir-me dessa categoria de seres humanos. — Ergueu a cabeça. — Tenho caráter, sabe? Sou uma pessoa transparente — Surpreendeu-se com a raiva que despontava em seu íntimo. — Tão transparente que qualquer um pode enxergar meu caráter à distância.

A expressão de Lauren era séria, quase ofendida, e Brett a avaliou longamente com olhos perscrutadores. Por fim, ela sorriu.

— Mão no coração. — Ela colocou a mão direita no peito. — Prometo. Agora acredita em mim?

— Ok, srta. Halstead, acredito em você. — Sorriu. — Você tem um modo estranho de jogar com as palavras. — Pousou a mão sobre a dela, pressionando-lhe o seio.

As pulsações tornaram-se loucamente aceleradas.

— Vamos selar nosso acordo? — ele propôs.

Tirou a jaqueta da mão dela, jogando-a sobre a poltrona. Depois, beijou-a e Lauren não se preocupou em evitar o beijo. Tampouco protestou quando ele a abraçou com força, fazendo-a sentir a rigidez de seu corpo.

Os beijos se repetiram muitas vezes. Depois, continuaram abraçados. Com o rosto apoiado no peito dele, Lauren tinha a sensação de estar no lugar certo, inalando seu perfume másculo, ansiando por introduzir as mãos sob a camisa dele, para sentir o calor de sua pele.

Brett permanecia imóvel, abraçando-a, respirando pesado, aquecendo o coração com o calor que emanava de seu corpo.

Finalmente, ele a soltou, afastando-se com as mãos nos bolsos. Surpresa com a atitude inesperada dele, Lauren sentiu seu corpo subitamente gelado.

— Boa... — Precisou limpar a garganta. — Boa noite, Brett. Ele inclinou a cabeça, lábios curvados, olhar sonhador, como se recordasse os beijos que haviam trocado.

Capítulo 5

Na manhã seguinte, depois do café, Lauren decidiu sair para desenhar. O dia estava ensolarado, ideal para trabalhar ao ar livre. Munida com todo o equipamento de desenho, saiu do quarto. Desceu a escada e quando atravessava o hall, assustou-se ao deparar com Brett saindo da sala de visitas.

— Parece que viu um fantasma! — ele brincou.

— Um fantasma bem material — ela respondeu, novamente sentindo a estranha sensação de tê-lo visto antes, embora não imaginasse onde e quando.

—- Aonde vai? Ou será que não posso saber?

— Não vou ao encontro de ninguém, se é o que está pensando. Brett abriu os braços, num pedido de desculpas.

— Ok, ok. Bronca merecida. — Sorriu de um modo encantador, desarmando-a. — Bem, agora vou tomar meu café.

— Fique à vontade. Você sabe onde encontrar tudo. — Abrindo a porta da frente, avisou-o: — Vou até Millstream Valley, um lugar com uma vista fantástica, dentro do National Trust. Fica meio escondido. A menos que se saiba exatamente sua localização, é muito difícil chegar até lá. Tchau. Aproveite a paz e a tranquilidade.

— Aproveitarei, madame. Aproveitarei.

Lauren demorou cerca de vinte minutos para chegar até Millstream Valley, de carro. Exibiu a carteira de sócia do National Trust ao administrador, que acenou ao reconhecê-la. Deixando o carro no estacionamento do parque, partiu rumo a Millstream Valley.

Como sempre, encantava-se com a beleza do lugar. As montanhas se erguiam majestosamente de cada lado do vale, com o riacho serpenteando e várias pontes de madeira ligando suas margens.

Depois de caminhar à beira da água, escolheu um lugar para armar o cavalete. Sentando-se na grama, espalhou o material ao seu redor. Naquela manhã, não pretendia restringir-se a desenhar flores. Encolhendo os crayons apropriados, começou a reproduzir as montanhas à sua frente.

De tão absorta em seu trabalho, não chegou a perceber o ranger de gravetos sob pneus. Só levantou a cabeça quando ouviu a batida da porta de um carro e o ruído de passos se aproximando. Espantou-se ao depara-se com Brett.

— Como conseguiu encontrar este lugar?

— Os mapas existem para isso — ele falou laconicamente. Lauren não respondeu. As atitudes de Brett intrigavam-na cada vez mais. Era certo que mencionara o nome do local onde pretendia trabalhar, mas, mesmo com um mapa, não era fácil encontrar Millstream Valley.

— Posso? — Ele se sentou na grama, ao lado dela.

— Claro. A vista não é realmente fantástica? — ela indagou. Ele respirou fundo, soltando o ar lentamente pelas narinas.

— Palavras não fazem justiça à tanta beleza — ele filosofou.

— Seria este o lugar onde poderá encontrar a tranquilidade e paz de espírito que tanto procura?

Ele pausou por um longo momento, com o olhar perdido no horizonte. Depois, fitando-a, respondeu:

— Talvez. — Deitou-se na grama com os braços cruzados sob a cabeça.

Lauren se agitou. Parecia que as cores haviam mudado de tonalidade, que as formas dançavam diante de seus olhos, confundindo-a. Passou a mão pelos cabelos. Precisava esperar até as coisas voltarem ao normal. — Por que parou de trabalhar?

A pergunta perturbou-a ainda mais. Virando-se, observou o homem deitado na grama. De imediato, a mente começou a fantasiar, despertando seus instintos femininos. Imaginou como seria deitar-se ao lado dele, render-se à sua dominação, fazer amor com ele...

— Não parei — mentiu.

Com um suspiro irritado, deixou o desenho de lado. Passou os braços ao redor dos joelhos dobrados. Permaneceram calados por alguns momentos. Um longo silêncio, maior do que aquele que dominava o vale.

De repente, Brett a puxou, derrubando-a, fazendo-a rolar ao encontro dele. Ela se debateu, numa tentativa de desvencilhar-se.

Brett a dominou com facilidade. Segurando-lhe o rosto, beijou-a com voracidade, exigindo uma resposta que Lauren não conseguiu sufocar.

Instintivamente, ela o enlaçou pelo pescoço, não oferecendo a menor resistência às exigências dele. Brett introduziu a mão sob o tecido da blusa, e afastando o sutiã, tocou-lhe o seio.

— Brett?

Continuou a beijá-la, enquanto os dedos brincavam com o mamilo já enrijecido. Só depois de muitos beijos, ele respondeu, por fim:

— Sim?

— Por quê?

Ele se mostrou lacônico.

— Por que não?

Lentamente, ele se afastou. Apoiado no cotovelo, observava-a ajeitando a blusa e os cabelos.

— Você quebrou totalmente minha concentração de trabalho — acusou-o, dando à voz uma entonação petulante que ela absolutamente não sentia.

— Ótimo. Então, vamos aproveitar para almoçar. Aqui perto tem uma lanchonete. Que acha?

Ela concordou com um gesto de cabeça, enquanto recolhia os apetrechos de pintura. Poderia haver algo melhor do que almoçar com Brett Carmichael?

Passou-lhe pela mente a ideia de perguntar como ele sabia da existência da lanchonete. Porém, logo imaginou que a vira enquanto percorria um longo caminho pelo vale, antes de descobrir exatamente onde ela estava trabalhando.

Sentaram-se lado a lado numa mesa. Enquanto almoçavam, Brett olhava pensativamente para a paisagem que se descortinava no horizonte. Falava pouco e Lauren sentia uma imenso prazer apenas por estar ao lado dele.

Estavam sentados muito próximos e ela sentia a leve pressão da perna dele na sua. Era

impossível ignorar as sensações estimulantes que a invadiam, ameaçando inflamar ainda mais seus desejos de mulher.

Depois que terminaram o almoço, Brett pediu café. Em silêncio, Lauren o observava sorver lentamente a bebida. Voltando-se, ele a fitou com um brilho malicioso no olhar.

— Em que está pensando? — Recostando-se, passou o braço por trás dela, ao longo do encosto do banco que dividiam.

— Tentando adivinhar em que você estava pensando!

Ele deu de ombros. O brilho de alegria desapareceu e sua expressão tornou-se séria.

— Estava lembrando as... — Lauren se calou, indecisa. Mas, precisava saber. Queria saber. — Bem, estava lembrando das coisas que aconteceram com você?

— Talvez.

Ela hesitou por um momento, antes de arriscar:

— São coisas tão terríveis assim para você não querer falar a respeito?

— Bem, não são nada agradáveis. Olhando tudo isto... tanta paz, tanta beleza...

— Depois de viver tanto tempo ouvindo tiros, bombardeios, gritos, ameaças... — Um movimento brusco dele interrompeu-a. Mas, passado o momento de impacto, ela insistiu: — Como foi que o capturaram como refém?

— Não me mantiveram em cativeiro por muito tempo. —r Ainda bem!

Um carro estacionou diante da lanchonete. Lauren esforçou-se para não demonstrar a contrariedade.

Espreitando-os pela janela, Casey Talbert acenou, entrando em seguida. Foi direto para a mesa deles.

— Permitem? — Sem esperar pela resposta, sentou-se de frente para eles. Viu os pratos vazios.

— Já almoçaram? Que pena! Estou faminto. Brett se levantou bruscamente.

— Oh, desculpe! Não quero incomodá-lo — Casey tentou detê-lo. — Termine o café.

— Já terminei. — Lançando um olhar em direção a Lauren, caminhou em direção à porta.

— Espero que tenha apreciado sua... sua paz e tranquilidade — ela falou a primeira coisa que lhe passou pela mente.

Virando a cabeça, ele disse por sobre o ombro:

— Oh, sim. Apreciei demais minha paz e tranquilidade. — Frisou as palavras.

Casey olhou para Brett depois para Lauren, com ar especulativo.

— O que está acontecendo?

Ela curvou os lábios, fingindo-se de desentendida.

— Entre vocês — ele insistiu.

—- Nada. Como sabia que eu estava aqui?

— Pela janela da minha sala, vi quando você passou de carro. Como o prédio do jornal fica no caminho para o vale, imaginei que vinha para cá. Acertei? Para desenhar. Acertei de novo?

— Esqueci que você tem vocação para Sherlock Holmes.

— É verdade. — Ele considerara o comentário irônico como um elogio. — Nada passa despercebido pelo radar de Casey Talbert. A propósito, você não me perguntou por que vim à sua procura.

— Então, por quê?

— Só para passar meia hora com você. Você precisa de um namorado, Lauren.

Ela o observou morder o sanduíche.

— Você deve estar com fome, Casey.

— Sim. De você. — Sorriu de novo.

— Por favor, nada de clichês anti-sedutores, sim?

— Desculpe. — Suspirou fundo. — Preciso aprender a ser mais sutil. — De repente, ele mudou de assunto. — Hei! Qual é a sua profissão? Percebeu que nunca perguntei?

Em vez de responder, Lauren pegou a prancheta, colocando-a sobre a mesa. Exibiu os desenhos que pintara durante a manhã. Casey arregalou os olhos.

— Você é artista? Seus desenhos são muito bons. Lauren, porém, notava as falhas, reconhecendo que aqueles não eram seus melhores trabalhos. Sabia até os momentos em que cometera tais falhas. Uma, quando Brett chegou, outra quando a observava, outra quando fantasiara sobre fazer amor com ele...

— Já expôs suas pinturas? Não? Bem, meu tio é dono de um restaurante nos arredores da cidade. No andar superior, há uma sala que transformou numa espécie de galeria. — Ele falava rápido. — Tenho certeza de que ele aprovará a ideia de uma pequena exposição de seus quadros ali. Que tal?

— Não sei. — Ela guardou a prancheta. — Até que seria bom, mas... quem gostaria de...

— Olhá-los? Todas as pessoas que frequentam o restaurante, ora. Gente rica, com dinheiro suficiente para supérfluos. O restaurante de meu tio é frequentado por pessoas da classe alta. — Verificou as horas no relógio de pulso. — Tenho um compromisso para daqui há uma hora. Posso levá-la até o restaurante agora. Bebeu rapidamente o café e levantou-se.

— Vamos buscar seu carro. Depois, vou na frente e você me segue, ok?

— Ok.

Cerca de vinte minutos mais tarde, Lauren estacionou ao lado do carro de Casey, num pátio circular de uma enorme casa vitoriana. Na parede, sob a porta principal, as palavras "Chez Talbert".

O tio de Casey ficou encantado com as pinturas que Lauren espalhou sobre a escrivaninha.

— A sala será sua quando estiver pronta para expor seus quadros — ele a avisou. — Casey, leve sua amiga e mostre-lhe nossa galeria.

Depois de conhecer o local, Lauren desceu a escada entusiasmada.

— É excelente, sr. Talbert. Talvez, até consiga vender alguma coisa. Nunca tive a oportunidade de expor meus quadros assim, numa galeria. Precisamos discutir sua comissão.

O sr. Talbert abriu os braços, movimentando as mãos.

— Nem um centavo, minha querida. Será sua grande chance de tornar seu nome conhecido, e também, devo admitir, o nome do meu restaurante! E meu sobrinho poderia dar uma força, publicando uma nota no jornal.

— Sim, tio, é uma boa ideia. — Casey consultou o relógio. — Preciso ir. Eu a vejo mais tarde, Lauren. Vamos começar a pensar na exposição.

No trajeto de volta para casa, Lauren mal conseguia acreditar em tanta sorte. Entrou em Old Cedar Grange, estacionando diante da casa. Não viu o carro de Brett, e isso já foi suficiente para sentir um frio no estômago.

Pulando do carro, correu para a porta de entrada. Introduzia a chave na fechadura, quando ouviu o som de marteladas vindas da garagem, localizada na parte lateral da casa. Prendendo a respiração, guardou a chave e caminhou até lá.

Reunindo toda sua coragem, abriu bruscamente as portas. Então, todas as células de seu corpo despertaram de uma só vez. Diante dela, além do carro possante e reluzente, estava o homem que tanto balançava seus sentidos.

— O que está fazendo aqui? — ela gritou. — Como conseguiu entrar?

A visão de Brett com o dorso nu quase a fez parar de respirar. Já o vira sem camisa antes, porém, na ocasião ele estava febril e fraco. Entretanto, naquele momento, toda sua masculinidade resplandecia, dominando-a, fazendo-a desejar atirar-se nos braços dele.

— Respondendo à primeira pergunta. — Ele olhou para os mais diversos objetos espalhados pelo piso de concreto. — Estou fazendo faxina e pondo uma ordem nesta garagem. Quanto à segunda questão, informo-lhe que usei a chave.

— Mas... — Ela franziu as sobrancelhas. — Eu vasculhei a casa procurando por essa chave. Onde a encontrou?

— Na gaveta do armário da cozinha. Bem no fundo. E onde... — Calou-se por um segundo, depois continuou: — E onde se encontra tudo o que se está procurando.

— E esses pedaços de madeira em sua mão?

— O que é isso, hein? Um interrogatório? — Ele comprimiu os lábios. — Na próxima vez em que vestir o uniforme de senhoria, avise-me, sim?

— Desculpe, mas sou a responsável por esta residência e estou...

— Apenas cumprindo sua tarefa. E quer saber o que è isto? Bem, isto parece ser uma caixa de ferramentas. — Apontou para outro objeto. — Isto, uma espécie de fruteira. Muito mal feita! E isto... — Pausou por um instante. Uma ruga surgiu em sua testa. — Provavelmente um esforço malsucedido de algum garoto metido a carpinteiro. — A um canto havia mais algumas peças entalhadas em madeira.

— O que vai fazer com tudo isso?

— Jogar fora. O que mais poderia fazer?

— Brett, você não pode fazer isso. Pertencem ao sr. Gard, dono da casa!

— É mesmo? — Ele movimentou os ombros, denotando pouco caso. — Por isso pretende salvá-los. — Sorriu. — E se eu pedir com jeitinho?

Lauren riu, perguntando-se se ele tinha consciência do efeito que provocava quando curvava os

lábios, quando a fitava com os olhos meio cerrados, quando seu dorso bronzeado brilhava à luz do sol, num convite para ser acariciado por mãos femininas.

— Brett, quero lhe contar uma coisa. Casey Talbert... Ele se contraiu só ao ouvir o nome.

— O tio de Casey ofereceu-me uma sala para expor meus quadros.

Brett não disse nada. Recolheu um monte de lixo com uma pá, jogando-o num saco plástico.

— Você não está contente? Por mim? — ela indagou, decepcionada com a aparente falta de interesse.

— Claro. — A voz soou impessoal.

Lauren não fez nenhum comentário. Afinal, por que ele se alegraria por ela? Saiu da garagem e tirou seu material de pintura do carro.

Forçou-se a lembrar que ele era apenas um inquilino, e ela simplesmente a senhoria. Mas os inquilinos costumavam beijar suas senhorias como Brett a beijara? Costumavam comportar-se com intimidade, como ele se comportara no vale?

Brett Carmichael era um quebra-cabeças. Era impossível formar uma ideia sobre sua personalidade, porque faltavam muitas peças.

— Lauren.

Ele a seguira até dentro de casa, vestindo a camiseta e ajeitando-a dentro das calças. Esperou até que Lauren colocasse a mochila sobre a mesa da cozinha.

— Sim?

Tentou sorrir, mas o sorriso se dissipou ao perceber o que estava acontecendo com ela. Estava apaixonada por aquele homem. Contrariando todas as regras do bom senso, começava a permitir que aquele desconhecido significasse muito mais do que qualquer homem que já conhecera.

— Com sua permissão, vou comprar um computador.

— Minha permissão?

— Como minha senhoria.

Por um momento, ela quase esquecera do papel que desempenhava naquela história. Ele se adaptara tão bem que era como se realmente pertencesse àquela casa, à vida dela.

Não, tais pensamentos eram uma loucura, repetiu a si mesma. Brett Carmichael deveria ter uma mulher em sua vida.

Um relacionamento sério, não uma aventura com uma estranha, como ela.

—- Claro. Tem toda minha permissão.

Na manhã seguinte, Lauren saiu cedo para trabalhar e ao voltar encontrou Brett na cozinha, sentado diante de uma máquina de escrever portátil antiga. Escrevia com a rapidez adquirida após muitos anos de prática.

— De onde tirou esse objeto? De algum museu?

Ele sorriu sem afastar os olhos do papel na máquina.

— Encontrei-a no fundo de um armário.

No fundo da gaveta... No fundo do armário... Quantas coisas mais ele descobriria escondidas no

fundo de algum lugar? Erguendo a cabeça, Brett a fitou.

— Você acha que seu inquilino...

— Inquilino do sr. Gard — corrigiu-o.

— Seu inquilino... — ele repetiu, como se ela não tivesse dito nada. — está ultrapassando os limites? Acha que ele está revistando a casa com segundas intenções?

— Sim.

Jogando a cabeça para trás, ele soltou uma gargalhada. Levantando-se, postou-se diante dela. Com uma das mãos, segurou-a pela nuca. Com a outra, afastou as mechas de cabelo que lhe caíam no rosto. Era como se fossem amantes, acostumados com aquela proximidade, sendo atraídos um para o outro, onde quer que estivessem, ansiosos por respirarem o mesmo ar.

Quando ele a abraçou, Lauren não ofereceu resistência. Quando os lábios dele tocaram os seus, permitiu que se movessem sob a pressão da língua dele, aceitando e retribuindo o beijo.

Mas não eram amantes. O fato de trocarem carícias e beijos não os tornava amantes. Isso significava que era ela quem deveria levantar as barreiras naquele momento, porque tudo o que Brett desejava era uma mulher em seus braços. Qualquer mulher, para satisfazer seus instintos masculinos.

Brett ainda era um desconhecido para ela. Tão desconhecido quanto na noite em que surgira nos jardins de Old Cedar Grange. Ela não sabia nada a respeito do caráter dele.

— Brett...

Ele a soltou, talvez percebendo seus temores. Apontando para as palavras escritas no papel, comentou:

— Decidi usar esta máquina porque já estou escrevendo o livro na minha cabeça.

— Como sabia que havia uma máquina no armário? Considera normal remexer em gavetas e armários?

— Bem, você não estava e então decidi...

— Vasculhar a casa — interrompeu-o com rispidez. —% Para um simples inquilino você está tomando liberdade demais, não acha?

Ele se manteve em silêncio, aparentemente considerando as possíveis respostas. No entanto, disse apenas:

— Ok. Eu deveria ter esperado até você voltar. Entretanto, gostaria de continuar usando a máquina até comprar um computador. — Andou até a porta, depois voltou. Mais uma vez, parecia escolher as palavras corretas. — Lauren — segurou as mãos dela. — Você precisa confiar em mim.

Ela se conteve para não perguntar por que precisaria confiar nele. Preferiu mudar de assunto.

— Já tomou café?

— Sim, obrigado. — Verificou as horas. — Hoje à tarde irei até Londres. Tenho uma entrevista com um editor.

— Acha que concordarão em publicar seu livro?

— Tenho pensamento positivo. Não vejo razão para não publicá-lo.

— Quanta arrogância?

— Prefiro considerar que reconheço o valor das coisas. E, antes que me chame de prepotente, lembre-se que trabalhei como jornalista durante muitos anos.

— Resumindo, você sabe escrever.

— Mais ou menos isso.

Ele tirou a folha da máquina e colocou outra. A julgar pela quantidade de folhas sobre a mesa, Lauren imaginou que as palavras deveriam fluir de dentro dele direto para o papel. De repente, ele disse:

— Lauren Halstead, você vai me desejar boa sorte? Num gesto impulsivo, ela o enlaçou pelo pescoço, beijando-o nos lábios. Abraçando o corpo delgado, Brett retribuiu o beijo com ardor. Os seios dela estavam pressionados contra o peito musculoso. Os corpos se tocavam, revelando a Lauren que os reflexos masculinos de Brett haviam despertado. Sabia que se ele insistisse, não resistiria aos apelos sensuais que a dominavam por completo.

Entretanto, com a mesma rapidez com que a abraçara, Brett a soltou. Juntou os papéis e, com a máquina na mão, subiu a escada, rumo a seu quarto.

Com o rosto entre as mãos, Lauren digeria sua decepção. Ele mesmo jogara água fria na fogueira que acendera dentro dela. Ofegando, disse a si mesma que tudo o que acontecera, e que estava acontecendo entre ambos era porque ela estava ali, mulher, fêmea, disponível. Ela lhe despertara as necessidades masculinas, e todas as investidas dele, desde o primeiro beijo até as carícias mais íntimas, não significavam mais do que simples necessidade física.

A cafeteira ainda estava ligada. Serviu-se de café. Enquanto o bebia, ouviu Brett descendo a escada, a batida da porta da frente e o ruído do carro partindo. Com a xícara na mão, suspirou, pensando no longo dia vazio que teria pela frente.

Capítulo 6

Na tarde daquele dia, Lauren pintava no estúdio, quando o telefone tocou. Desceu a escada correndo, esperando que fosse Brett.

Uma voz feminina rouca, sensual, extremamente autoconfiante, chegou ao seu ouvido.

— Gostaria de falar com Ellis, por favor.

— Ellis? Não tem ninguém com esse nome.

— Quero falar com Ellis — a mulher insistiu, agora num tom imperativo.

— Sinto muito, mas você ligou para o número errado.

— Você é...

Lauren não via motivos para revelar sua identidade a uma estranha. Mesmo assim, disse meio ríspida:

— Sou o quê?

— A...?

— A senhoria.

A mulher soltou uma gargalhada sarcástica e, furiosa, Lauren desligou o telefone. Voltou ao estúdio e recomeçou a desenhar. De repente, teve a impressão de ver o rosto de Brett diante de seus olhos. Por um momento, ficou imóvel. Depois, largando o lápis, desceu a escada e saiu para o jardim.

Passando pelos canteiros floridos, ignorando o perfume que subia por suas narinas, correu pelo gramado até chegar aonde queria. Então, começou a andar lentamente, estudando com atenção cada cabeça de terracota. Por fim, parando diante daquela que procurava, prendeu a respiração.

Aquela escultura representava a cabeça de um homem com feições incrivelmente semelhantes às de Brett. A semelhança era espantosa, a coincidência enorme, e explicava por que Lauren guardava a impressão de já ter visto Brett Carmichael antes. Tentando decifrar o enigma, voltou para casa. Assim que entrou, ouviu o toque do telefone.

— Alô?

— E Lauren Halstead? — perguntou uma voz de mulher, aparentemente jovem. — Meu nome é Holly Dixon. Foi Casey Talbert quem me deu seu número.

— Oh, tudo bem? — Lauren a cumprimentou.

— Tudo bem. Casey contou que você está preparando uma exposição com suas pinturas. É verdade?

— Sim, é verdade.

— Bem, eu faço esculturas em argila, e gostaria de saber se você cederia um espaço na galeria para eu expor meus trabalhos.

Lauren hesitou por um instante, antes de responder.

— Acho que será uma boa ideia. Porém, você precisará da permissão do tio de Casey.

— Ele já concordou.

— Então, por que você não vem até aqui? Traga algumas peças e conversaremos sobre a exposição.

— Ok. Estarei aí num instante. Moro perto de Old Cedar Grange. Até mais!

Lauren começou a subir a escada, mas sua cabeça estava a mil por hora. Decidiu voltar ao jardim, recomeçando a andar entre as cabeças. Correu a abrir o portão dos fundos quando ouviu o ruído dos pneus de uma bicicleta sobre os cascalhos. Uma jovem de cabelos compridos desmontou, sorrindo amigavelmente.

— Lauren? Sou Holly.

— Muito prazer, Holly. Vamos entrar. — Com um gesto de mão, indicou-lhe o caminho, subindo direto para o estúdio.

Holly elogiou as pinturas de Lauren, que, por sua vez, admirou as esculturas em argila que a jovem trouxera. Depois, começaram a discutir os planos sobre a exposição.

Ouviram o ruído de um carro entrando no pátio. Era Casey, que gritou:

— Alguém em casa?

Lauren desceu para abrir a porta.

— Eu ia passando e resolvi dar uma parada — ele disse, enquanto seguia Lauren até o estúdio. — Olá, Holly! Tenho novidades. Amanhã, publicarei uma nota no jornal sobre a exposição.

— Agradeço, Casey, mas ainda não fixei uma data — Lauren explicou.

— Não faz mal. Um pouco de publicidade antecipada só ajudará.

— Você precisa emoldurar suas pinturas, Lauren — Holly comentou, sentando-se no chão.

— Holly tem razão — Casey interveio. — Aliás, ninguém lhe contou que sou um gênio em molduras?

— Pode apostar que é — Holly confirmou. — É o hobby dele. Casey tem uma oficina muito bem equipada. Ele coloca muitos profissionais no bolso, Lauren.

A jovem olhou para o relógio sobre a lareira, e embalando suas peças, exclamou:

— Céus! Tenho que voar! Foi um prazer conhecê-la, Lauren. Entrarei em contato com você.

— Eu também já vou — Casey avisou. — Se quiser, dou-lhe uma carona, Holly.

— Obrigada, mas vim de bicicleta. Antes que me pergunte como consegui trazer estas peças, informo-lhe que as coloquei no bagageiro.

Holly partiu em sua bicicleta, deixando Lauren e Casey conversando na porta. Nesse instante o telefone tocou.

— Deixe que eu atendo — Casey se adiantou. — Deve ser para mim. Deixei o número no escritório, para o caso de precisarem me localizar. — Tirou o fone do gancho, e após ouvir o que diziam do outro lado, olhou para Lauren. — Sim, ela está aqui. — Passou o aparelho para Lauren. — E seu inquilino. Esqueci de perguntar como estão as coisas entre vocês.

— Ok. Obrigada — ela respondeu evasivamente. — Alô, Brett? — Virou-se, esperando que Casey não notasse o brilho de alegria em seus olhos. — Sim, era Casey.

Casey murmurou em seu ouvido livre:

— Cuidado, há um ladrão por aqui... uma ladrão de corações femininos. No plural, madame. Se ele está começando a tornar-se importante demais para você...

Lauren cobriu o receptor com a palma da mão.

— Fique quieto! — advertiu-o. — Aliás, você está dizendo bobagens.

— Estou? — Ele a olhou com desconfiança, antes de sair da sala. — Tchau. Telefono depois.

A voz de Brett soou fria.

— Ele está lhe fazendo companhia durante minha ausência? Como passar a noite aí, por exemplo?

Lauren respirou fundo.

— A resposta é não. Porém, mesmo que fosse verdade, este assunto não é da sua conta, certo? Foi por isso que telefonou? Para surpreender-me com um homem? Se foi...

— Não voltarei hoje — ele a interrompeu sem cerimônia.

— Apenas achei que deveria fazer a gentileza de avisá-la. Os sentidos de Lauren se alertaram com a implicação que envolvia a frase. Se um homem depois de beijá-la e acariciá-la como Brett o fizera, agia apenas por educação e não movido pelo coração, era porque não dava a mínima importância para tudo o que acontecera entre ambos. Decidiu que, daquele momento em diante, tomaria muito cuidado para que nada mais acontecesse.

— Obrigada por tanta gentileza, sr. Carmichael. Mas, como inquilino, você é livre para ir e vir quando bem entender.

Desejou bater o telefone, deixando-o falar sozinha. Depois, achou que não deveria ter se descontrolado. Afinal, ela era apenas a senhoria, e não tinha o direito de esperar nada dele. Nem mesmo gentileza.

Na manhã seguinte, ainda cedo, o telefone tocou.

— Srta. Lauren Halstead? — Dessa vez, era voz de homem.

— Sim. Quem está falando?

— Você não me conhece. Meu nome é Edward Hartingford, moro aqui na cidade e sou escritor. Acabei de ler uma nota sobre a exposição que você está preparando.

— É mesmo?

— Estou à procura de um artista para ilustrar um livro que estou escrevendo.

O interesse de Lauren se intensificou.

— O título será Wayside and Woodland Birds. Gostaria de colaborar comigo fazendo as ilustrações?

"É bom demais para ser verdade", ela pensou. Um dinheiro vindo de seu trabalho como artista! Era o que esperava há muito tempo!

— Creio que poderei aceitar sua proposta, sr. Hartingford.

— Tentava não demonstrar entusiasmo demais. — Desde que não esteja com muita pressa.

— Não, srta. Halstead. Compreendo que no momento você esteja se dedicando aos preparativos

para a exposição. Gostaria de marcar uma entrevista para discutirmos os detalhes.

— Claro. Dê-me o número de seu telefone, que ligarei assim que for possível.

Depois de desligar o telefone, foi direto para a biblioteca. Desenhar pássaros era algo totalmente novo para ela e talvez entre tantos livros encontrasse alguns sobre o assunto.

Parou diante da estante onde, dias antes, flagrara Brett lendo um livro que recolocara no lugar assim que a vira. Curiosa, para descobrir o volume que despertara o interesse dele, examinou-os com mais atenção. De repente, percebeu o sinal de um marcador de páginas em um dos livros. Hesitou por um momento, indecisa se deveria ou não invadir a privacidade dos interesses de seu inquilino.

A curiosidade venceu. Tirando o livro da estante, procurou pela página marcada, com a esperança de descobrir mais sobre aquele homem, ainda misterioso para ela.

Na verdade, não era um marcador de páginas, mas sim uma carta dobrada. Ao abri-la, viu que se tratava de um texto escrito em inglês medieval, reconhecendo que, em outras circunstâncias, valeria a pena ser estudado. Porém, fora por esse motivo que merecera tanta atenção de Brett?

Fechou o livro e a carta caiu ao chão. Ao recolhê-la, notou que estava endereçada a alguém com o nome de Ellis.

Ellis? Fora a pessoa por quem a mulher procurara no dia anterior num telefonema muito estranho. Lauren imaginou que, talvez, um homem chamado Ellis morara naquela casa em outra época.

Não resistindo à curiosidade, desdobrou a carta, lendo-a.

Ellis

Quero-o fora desta casa amanhã. Você traiu minha confiança e destruiu minha vida.

Por isso, pretendo destruir completamente sua vida e sua reputação de tal modo que você jamais poderá erguer sua cabeça em público. Tampouco terá condições de seguir sua carreira, porque todos aqueles para quem pretender trabalhar saberão de sua imoralidade e deslealdade.

Você afastou sua mãe da minha vida. Não satisfeito com isso, roubou a mulher com quem me casei depois. Tirou-a de mim com tanta baixeza de sentimentos que jamais poderei recuperar o amor e a lealdade dela. Não por não querê-la mais, mas porque ela me contou que a criança era sua, não minha. Espero não vê-lo nunca mais nesta minha vida.

Não havia assinatura, nem data, depois desse final drástico.

Com os dedos trêmulos, Lauren dobrou a carta, recolocando-a no lugar. Agora entendia o motivo do interesse de Brett. Ela também ficara chocada com o conteúdo da carta.

O homem chamado Ellis deveria ter sido um grande canalha. Com certeza deixara a casa logo após receber a ordem transmitida por escrito. Por que a mulher misteriosa do telefone quis entrar em contato com ele, depois de tanto tempo?

Quando fechou a porta da biblioteca, lembrou-se da razão que a levara até lá. Porém, decidiu deixar o assunto dos pássaros para outra ocasião.

Brett não telefonou de novo. Lauren não deveria surpreender-se, depois do modo como falou com ele no dia anterior.

A tarde, Casey a levou até ao estúdio de Holly. Antes, porém, passou pela casa dele, para mostrar-lhe com orgulho a oficina onde exercia o hobby de emoldurar quadros.

— Casey? Não é um rapaz inteligente? — Holly perguntou-lhe mais tarde, conduzindo-a até um estúdio construído nos fundos dos jardins da casa dos pais dela.

— Lauren, o que você acha do trabalho de Holly? — Casey apontava para as peças expostas sobre uma bancada.

Lauren estudou-as com olhos experientes.

— Excelentes. Ficarão ótimas, colocadas estrategicamente entre minhas pinturas. Na verdade, acho que serão vendidas mais rápido do que meus quadros.

— Você está sendo generosa demais — Holly comentou, sorrindo. — Acho que você conseguirá preços mais altos pelo seu trabalho.

Por algum tempo, discutiram os planos para a exposição. Casey desenhou uma planta da galeria e, juntos, demarcaram as possíveis disposições para as pinturas e esculturas.

Casey levou Lauren de volta para casa. Ficou para jantar e depois mediu as pinturas já terminadas, anotando as medidas, a fim de preparar um mapa da galeria.

Após tentativas inúteis para convencê-la a sair, ele decidiu ir embora. Nesse instante, ouviram um carro estacionando no pátio. Lauren correu até a janela.

— O que você está fazendo? — Casey zombou. — Vai atirar-se da janelas para recebê-lo? Lauren... — A voz dele soou como um alerta. — Lauren, sua devoção por esse homem misterioso que encenou um desmaio dramático diante da porta de sua casa...

Lauren se afastou da janela.

— Ele não encenou. Foi verdadeiro.

— Ok, ok. Mas, seu entusiasmo por esse cara está visível demais. — Guardou no bolso da jaqueta a caneta e o bloco de anotações. — Eu a estou prevenindo, querida, não há um só osso confiável naquele corpo atlético.

— Como sabe?

— Como? Também sou homem, lembre-se. E sou um observador do ser humano em geral. Reconheço um homem confiável quando vejo um e esse cara não é, Lauren. — Ele segurou-lhe as mãos. — Johnny não se enganou na noite em que esse estranho apareceu por aqui, lembra? Carmichael tem tudo para fazer uma mulher perder a cabeça. Apenas não se apaixone, sim?

Casey beijava a mão de Lauren, quando ouviu a porta do estúdio ranger levemente. Com a antena de repórter ligada, Casey percebeu que estavam sendo observados. Então, beijou a outra mão de Lauren. Apesar do nervosismo dela, não a soltou, até ouvir novo rangido da porta, significando que o curioso se afastara.

Então, ele juntou as mãos num gesto vitorioso.

— Ponto para mim! — exclamou. — Foi para seu próprio bem, Lauren. Estou indo. Telefono para combinarmos sobre as molduras, ok?

— Você sabe tudo sobre molduras, não? E você fará isso para mim apenas por prazer?

— Prazer é a palavra exata. — Beijou-a no rosto e desceu a escada assobiando.

Brett trancara-se no quarto e Lauren voltou ao trabalho. Somente quando ela se preparava para deitar, foi que Brett saiu do quarto. Encontraram-se no corredor. Ele a cumprimentou com um

gesto de cabeça como se fossem meros conhecidos. Lauren sentiu-se angustiada. Eles eram mais do que simples conhecidos. Ou não?

Obedecendo a um impulso, seguiu-o até a cozinha.

— Quer que lhe prepare algo para comer? Chá? Café? Parou na porta, enquanto ele ligava a cafeteira.

— Agradeço seu gentil oferecimento, mas não é preciso. Obrigado.

Apesar da frieza dele, e movida por uma força misteriosa, Lauren insistiu:

— Como...? — Limpou a garganta. — Como...? — Não conseguiu formular a frase. Começando de novo, decidiu não perguntar o que tinha em mente. — Eu... Eu recebi um telefonema.

— Ele ergueu as sobrancelhas demonstrando um leve interesse.

— De um escritor aqui da cidade. Ele está escrevendo um livro sobre pássaros e convidou-me para fazer as ilustrações. Seu nome é Edward Hartingford.

— Bom para você. — Ele colocou o café na xícara e apoiando-se na pia, bebeu-o.

O tom impessoal de Brett não a desanimou.

— Fui a nota que Casey publicou no jornal sobre minha exposição na galeria do sr. Talbert que chamou a atenção do sr. Hartingford.

Brett terminou de tomar o café, largou a xícara sobre a pia e, com as mãos nos bolsos, fitou-a estreitando os olhos.

— Por que está me contando tudo isso?

Desviando o olhar, Lauren mordeu o lábio. Depois, suspirando, justificou-se:

— Bem, pensei que ficaria contente por mim.

Ele deu de ombros e sua expressão tornou-se ainda mais sisuda.

— Esse assunto não é da minha conta. As palavras são suas. Ela suspirou novamente, dessa vez com certa dificuldade.

Talvez ela sonhara com os beijos que haviam trocado. Teria imaginado que Brett poderia sentir... bem, sentir alguma coisa por ela? A dor da rejeição tornou-se quase insuportável. Então, esperando machucá-lo também, rebateu:

— Ok. — Com a cabeça erguida, fitou-o com ar de desafio.

— Também não quero saber como foi sua entrevista com o editor, se gostaram da ideia do livro ou se jogaram o roteiro pela janela, devidamente seguido por você. Afinal, sou apenas sua... senhoria.

— Quando telefonei, foi você quem me colocou em meu lugar de inquilino — ele argumentou calmamente.

Então, Brett Carmichael não era totalmente insensível!

— Para você, não passo de um objeto para satisfazer seu apetite masculino, mesmo que não tenha ido além de alguns beijos.

De repente, conscientizou-se da asneira que acabara de dizer. As palavras saíram do cérebro, direto para a boca sem passar pelo crivo da autocensura. Oh, céus, que bobagem cometera!

Brett contraiu os maxilares. Com os olhos faiscando, deu um passo na direção dela. Segurou-a

pelos ombros com força.

— O que você está querendo, hein? — indagou com morda-cidade. — Talbert não a satisfaz? Será que ele a deixou ansiando por mais e não percebeu?

— Não é nada disso! — ela gritou. — Não existe nada entre nós.

Brett não a ouvia.

— Você quer que eu vá além de alguns beijos para satisfazer meu apetite de homem? Você quer que eu continue do ponto em que Talbert parou e mostre como se fazem certas coisas Como um homem deve possuir uma mulher, dando-lhe o que ela quer, certificando-se que irá querer mais e mais, incapaz de esperar até a próxima vez?

— Claro... — Lauren tentou acrescentar a palavra "não", mas não conseguiu pronunciá-la. Oh, sim, ela o desejava, esperara ansiosa pela volta dele, sonhando com seus beijos, com suas carícias...

— Você quer mais, não é? Quer mais do que beijos? Seja feita sua vontade, madame. Teremos toda a noite para eu demonstrar como um homem de verdade faz amor com uma mulher.

Abraçou-a com tanta força, que Laurel mal conseguia respirar. Beijou-a com voracidade, pressionando-lhe os lábios, forçando a entrada da língua para explorar a intimidade de sua boca. Lauren o enlaçou pelo pescoço, sentindo que suas resistências caíam por terra, perdendo totalmente o autocontrole.

Introduzindo a mão sob a blusa dela, tocou-lhe a pele macia e com dedos ágeis acariciava-lhe os mamilos. Lauren gemeu, contorcendo-se com as ondas de prazer que invadiam seu corpo. Os beijos se tornavam mais exigentes, mais devastadores e Lauren delirava.

Brett a soltou repentinamente, quase derrubando-a. Entretanto, a pausa foi apenas para erguê-la nos braços e carregá-la escada acima. Levou-a para o quarto dele, colocando-a em pé sob o tapete ao lado da cama.

Lauren abriu os olhos. Brett acendera a luz de cabeceira e ela viu o que não desejava ver. A total ausência de calor, de paixão, carinho. Viu apenas a necessidade física de um homem. E raiva.

— Não, Brett. Não é assim que eu quero. Eu quero...

— Amor? — interrompeu-a com sarcasmo. — Você? Uma mulher moderna, liberada, quer sexo com amor?

Lauren chocou-se com tanta frieza.

— Deixe-me ir, por favor.

Ele a soltou sem protestar. Decepcionada, ela caminhou até a porta. Aceitava que Brett não a amava, mas também não precisava ser tão bruto, tão frio. Antes de sair do quarto, fitou-o com os olhos cheios de amargura.

— O que aconteceu de tão grave com você para transformá-lo num homem insensível, cruel, frio? — questionou-o. — Será que perdeu, o calor e a alegria naturais do ser humano? Eu não faria amor com você se... se...

— Se eu pagasse? — Brett não desistia de insultá-la. Lauren movimentou a cabeça, completamente desorientada.

— O homem que apareceu nos jardins naquela noite não diria isso. Você mudou. Não é mais o mesmo homem que conheci e de quem gostava.

— Oh, não, Lauren. Você nunca me conheceu. — Passou a mão pelos cabelos, num gesto de cansaço e desânimo.

Naquele momento, se tivesse seguido seus impulsos, Lauren teria corrido para os braços dele, encostado a cabeça dele em seu peito, confortando-o.

Dessa vez, porém, a razão prevaleceu. Saiu do quarto, perguntando-se como poderiam continuar vivendo na mesma casa, depois de tudo o que acabara de acontecer.

Capítulo 7

A medida que os dias passavam, Lauren surpreendeu-se com a própria habilidade de viver na mesma casa com outro ser humano, sendo ignorada e, pior, tolerar ser ignorada por essa pessoa.

Parecia que Brett construíra uma redoma ao seu redor. Vivia no mais absoluto silêncio, passando a maior parte do tempo no quarto, escrevendo seu livro. Lauren imaginava que essa capacidade de manter-se calado por tanto tempo era resultado da experiência que passara como prisioneiro.

Entretanto, depois de alguns dias, a situação começou a incomodá-la. Não estava acostumada a ser tratada com tamanha indiferença, nem a tratar outra pessoa do mesmo modo. Isso abalou seus sentimentos, interferindo, inclusive, em sua concentração para trabalhar. Começou a entrar em pânico.

A data da exposição já fora marcada, e vagando pelo estúdio ela se perguntava onde encontraria inspiração para terminar o trabalho a tempo. Não poderia nem pensar em cancelar a mostra para não prejudicar Holly e Casey, ambos envolvidos no projeto.

Encostada no batente da porta que dava para o terraço, olhou para o velho cedro, onde tudo começara. Rememorou o momento em que Brett entrou em sua vida, compreendendo que independentemente do que acontecesse entre eles, jamais o esqueceria. Com os olhos marejados de lágrimas, admitiu que seus sentimentos não eram correspondidos e que Brett não teria a menor dificuldade para esquecê-la.

Não conseguiu conter um soluço. Com a mão na boca, tentou sufocar outros que ameaçavam transformar-se em pranto.

— Lauren...

Mãos fortes pousaram em seu ombro, forçando-na a voltar-se. Levantou a cabeça, deparando com a expressão compadecida, solidária, calorosa, de Brett. Seu coração se encheu de alegria, porque sentiu que ele voltava a ser o mesmo homem de antes da viagem a Londres.

— Brett!

Ele a tomou nos braços, enlaçando-a pela cintura. Lauren recostou a cabeça em seu peito. Sentiu, ou melhor, teve a certeza de que havia encontrado uma espécie de santuário.

Também teve certeza de outra coisa. Apaixonara-se irremediavelmente por aquele homem, Brett Carmichael, que surgira das sombras da noite.

Com a ponta do dedo, Brett tocou-lhe o queixo, fazendo-a erguer a cabeça. Os olhares se encontraram, o dele ansioso e perscrutador, parecia querer descobrir os segredos da alma de Lauren.

— Oh, Brett, é horrível nos tratarmos como estranhos.

— Por Deus, Lauren! Você tem estado tão distante de mim. Tem ideia do que está fazendo comigo?

— Você não consegue trabalhar?

— Acertou. — Com um sorriso nos lábios, inclinou a cabeça, beijando-a de leve.

— Também não tenho conseguido fazer nada — ela confessou. — Sabe como estou me sentindo agora? Livre. Toda a tensão que me dominava, dissipou-se. — Rindo, desvencilhou-se.

— Madame, a qualquer hora que precisar do meu abraço com propósitos medicinais... — Abriu os braços. — Use e abuse!

Ela riu de novo, transpirando felicidade.

— Você me dá licença, Brett? Vou pintar minha obra-prima. E você, trate de escrever a sua.

Ela subia a escada quando ouviu uma voz às suas costas.

— Alguém em casa? Voltou-se.

— Casey! Como entrou?

— A porta da cozinha estava aberta.

Parado no hall, Brett o fitava com expressão transtornada. Lauren não entendia o motivo da aversão de Brett por Casey.

— Hoje estou superinspirada — ela comentou.

— Está? — Lançando um olhar furtivo na direção de Brett, Casey disse: — Então vamos trabalhar juntos. Vim tirar as medidas das molduras.

— Ok.

No estúdio, trabalharam em silêncio. Ela, totalmente absorta na pintura. Casey, medindo e tomando notas. Depois de algum tempo, ele sugeriu:

— O que acha de almoçarmos no restaurante do meu tio? Entre outras coisas, tem um bufe de pratos frios que é uma tentação. Poderemos estudar a planta da galeria durante o almoço.

Lauren concordou, interrompendo o trabalho com um sorriso de satisfação. Só naquela manhã produzira mais do que nos dias anteriores.

— Agora tenho certeza de que conseguirei inaugurar a exposição no dia marcado — afirmou enquanto desciam as escadas.

Ouviram o ruído do motor de um carro. Lauren correu para o pátio.

— Brett! — Aproximou-se do carro, com um sorriso radiante, mas ele a recebeu com feição inexpressiva. — Vamos almoçar no restaurante do tio de Casey. — Ele assentiu com um movimento de cabeça. —Você está... — O sorriso começou a morrer nos lábios dela. O que havia de errado com ele? — Você está planejando almoçar fora?

— Talvez.

— Eu... — Forçou um novo sorriso. — Ainda estou muito inspirada. — Tentou brincar. — Até parece que meus pincéis criaram asas, tamanha a rapidez com que se movem sobre o papel. Estou segura que meu... nosso...

Brett a interrompeu, sem a mínima emoção nos olhos e na voz.

— Estou feliz por ter lhe prestado um bom serviço — respondeu bruscamente, dando a partida no carro.

Uma sensação de tristeza envolveu-a pelo resto do dia, dissipando a alegria e o prazer que Brett lhe proporcionara. Não acreditava que pudesse significar tanto para ele, a ponto de provocar uma súbita mudança em seu comportamento. Ou significava? Seria possível que a presença de Casey despertava-lhe ciúme?

No final da tarde, Casey a levou para casa. Lauren preparou chá, servindo-o na sala de visitas. Enquanto bebia, Casey observava o cedro pela janela da sala.

— Ele domina o jardim — comentou. — Não é à toa que a propriedade tem esse nome. Onde estará o homem que surgiu das sombras sob esses galhos frondosos?

A mente de Casey trabalhava rápido. Ele associara o significado da árvore com a repentina entrada de Brett em suas vidas. Lauren ergueu os ombros, fingindo falta de interesse.

— Trabalhando, suponho. No quarto. Imediatamente, as antenas do repórter se alertaram.

— Trabalhando? Em quê?

— Escrevendo... — Fechando os olhos, ela se calou. Quase traíra a confiança de Brett. — Escrevendo cartas, provavelmente.

A explicação não convenceu Casey.

— Trabalhando, implica emprego, tarefa, sei lá... e não escrever cartas. Se ele tiver um emprego fixo ou como freelancer, avise-me, sim? Detalhes sobre o nome do jornal, da revista... Você entendeu, não?

— Claro! — concordou mesmo sabendo que jamais revelaria os segredos de Brett.

— Ele escreve as cartas à mão? — Casey insistiu.

— Bem, o que sei é que ele encontrou uma velha máquina de escrever portátil por aí — Lauren falou, esperando encerrar o assunto.

Casey terminou de beber o chá.

— Obrigado. Agora, preciso ir. — Atravessou o hall e abriu a porta da frente. — Não estou ouvindo o som das teclas da máquina de escrever.

— Seu nome deveria ser Radar Talbert — Lauren brincou, intimamente preocupada com o interesse dele nas atividades de Brett.

Ele a desafiou.

— Você sabe muito mais do que aparenta, não é?

— Não, não sei — ela negou com firmeza, sentindo que seus temores não eram infundados. — E mesmo que soubesse...

— Não me contaria? Nem mesmo em agradecimento por ter-lhe propiciado a exposição?

— Não, Casey Talbert. Nem mesmo por isso.

Soltando uma gargalhada, ele se inclinou para beijá-la. Fingindo tossir, Lauren levou a mão à boca. Rindo do subterfúgio, Casey acenou em despedida.

Ela esperou até ver o carro de Casey sair da propriedade. Depois, aproveitando-se do clima de intimidade que compartilhara com Brett naquela manhã, subiu a escada em direção ao quarto dele.

Bateu na porta. Também não ouvira o som da máquina de escrever, mas isso não significava que Brett não estivesse trabalhando.

— Você me quer? — Foi a resposta que ela ouviu. Querê-lo? A conotação da palavra provocou-lhe um súbito mal-estar, mas continuou decidida a conversar com ele.

— Se você estiver muito ocupado... — Entreabriu a porta.

— Entre.

Ele estava de costas, mas virou-se com expressão severa.

— Talbert está com você?

— Acha que eu permitiria que ele entrasse em seu quarto? Recostando-se na cadeira, com as mãos cruzadas na nuca, observava-a. Lauren, então, notou que no lugar da velha máquina de escrever, ele usava um computador. Instalada precariamente numa cadeira, havia uma impressora.

Num movimento rápido, Brett segurou-a pelo pulso, puxando-a para seu colo. Sem pestanejar, ela o envolveu pelo pescoço, transmitindo, naquele gesto, toda sua ansiedade. Brett começou a beijá-la no pescoço até chegar ao queixo.

— Vejo que fez boas compras hoje, sem falar ao assalto que fez à biblioteca do sr. Gard — Lauren referia-se à quantidade de livros espalhados pelo quarto.

A resposta ríspida surpreendeu-a.

— Alguma objeção?

— Absolutamente. Ninguém está usufruindo todas essas fontes de conhecimento. Por que não você?

— Por que não? — Novamente a rispidez, quase uma reprimenda.

— Você comprou um computador — ela comentou.

— Comprei. Um notebook. E portátil, prático. Exatamente o que eu precisava.

Levantando-se, ela caminhou até a janela, de onde observava a copa do velho cedro.

— A entrevista foi bem-sucedida? Não diga nada, se não quiser. Mas, os editores...

Brett riu.

— Sim, os editores concordaram em publicar meu livro. Gostaram tanto das minhas ideias que já adiantaram um bom dinheiro. Mais do que o suficiente para pagar o restante da minha hospedagem.

Lauren prendeu a respiração.

Computador portátil? Restante da hospedagem? Oh, não! Ele não poderia estar pensando em mudar-se!

Disfarçando o desapontamento, ela olhou ao redor e comentou:

— Parece que você precisa de um outro quarto.

— Para trabalhar? — Relanceou os olhos para os livros, pilhas de papéis, cadernos de anotações, espalhados pelo quarto. — Talvez. — Sorriu devastadoramente. — Você exigirá um aluguel extra? — Ergueu as mãos. — Antes que me corrija, retifico a pergunta. O proprietário exigirá um aluguel extra?

— Nem pensei nisso. Suponho que o sr. Gard... Oh, não. ele pareceu um homem gentil.

— Um homem gentil?

— Sim. Creio que nesses circunstâncias ele não exigirá nada além do que você já paga.

— Você já tem algum quarto designado?

— Não. A escolha é sua.

Saíram do quarto, seguindo pelo corredor. Abriu o estúdio de Lauren.

— Este era o escritório do sr. Gard — informou-o. — Pelo menos, foi o que Marie me disse.

Ele se demorou longo tempo ali que, de repente, ocorreu a Lauren o motivo pelo qual ele examinava tudo com atenção.

— Brett, este é o meu estúdio. Se você... bem, se o ambiente favorecer seu trabalho, não me importo de escolher outro quarto, mas...

— Obrigado pela sua generosa oferta, porém, não será necessário. Definitivamente, este quarto não é para mim.

Lauren sentiu-se aliviada com a negativa dele. Entretanto, ficara intrigada com a determinação com que o rejeitara. Enquanto Brett examinava os demais aposentos, ela foi para a cozinha.

Naquela manhã, recebera uma carta de Marie. Sentando-se com uma xícara de café nas mãos, leu-a novamente.

Marie fora clara e objetiva. Depois de contar as novidades, pedia desculpas por não fornecer-lhe um endereço para contato, por temer que Lauren se arrependesse de cuidar da casa e pedisse socorro.

Sorriu dos temores da amiga, que jamais saberia quanto estava feliz por cuidar da propriedade e do hóspede.

Curiosa para saber se Brett já escolhera um quarto para trabalhar, decidiu procurá-lo antes de deitar-s.

Ao longo do corredor, notou claridade saindo por uma porta aberta. Foi direto para lá. Bateu de leve na porta, para anunciar sua presença e entrou. O computador e a impressora estavam lado a lado, sobre uma mesa! Uma pilha de papel já impresso, descansava a um canto.

— Brett?

Então, viu-o com a cabeça apoiada entre as mãos. Estava absorto em seu trabalho ou... desanimado. Não se atreveu a perturbá-lo, independentemente do que se passava com ele.

Se Brett fosse seu namorado, ou mesmo um amigo íntimo, não hesitaria em abraçá-lo, acariciar seus cabelos, beijar suas faces, oferecendo conforto e encorajamento.

Desde que não significava nada para ele — o que eram alguns beijos, afinal? — decidiu sair silenciosamente do quarto.

Lauren acordou assustada durante a noite. Sentando-se na cama, ficou com os ouvidos atentos.

Deduziu que o barulho que a acordara viera do quarto de Brett. Fora uma espécie de grito abafado que entrara em seu sono, acordando-a. Tinha certeza de que se tratava de um pedido de socorro.

Pulando da cama, vestiu um suéter sobre a camisola curta. Calçou os chinelos e saiu para o corredor.

O escritório estava às escuras. Talvez Brett tivesse fechado inadvertidamente a porta do quarto e, por qualquer razão, não conseguia abri-la. No quarto dele, descobriu que a porta não estava trancada. Abrindo-a, notou que estava tudo em ordem.

Então, Brett se remexeu na cama, gemendo debilmente. Lauren se aproximou. Inclinando-se,

percebeu que ele ofegava e que sua testa estava coberta de suor. Acendeu a luz de cabeceira.

— Está com febre de novo, Brett? Quer que eu... Ele arregalou os olhos.

— Você veio até mim. A garota dos meus sonhos perdeu o ar etéreo, a pose de não-me-toques, para tomar corpo e forma?

Erguendo a mão, segurou-a pelo pulso. Lauren se contraiu. Certamente, ele a confundia com outra mulher.

— Sim — ele continuou num tom enrouquecido. — Quero você. E, sim, estou com febre. Meu corpo inteiro está ardendo, e não melhorarei enquanto... — A voz morreu na garganta e Lauren se perguntou se Brett estava acordado ou delirando.

Ajeitando-se na cama, ele a fitou com olhos angustiados.

— Fique — pediu. — Deite comigo, garota dos sonhos. Aqui, ao meu lado.

Recuando alguns passos, ela ainda tentou resistir, orientada por uma voz que a aconselhava a não atendê-lo.

Por que não? perguntou-lhe outra voz mais tolerante. Só porque a palavra "compromisso" não existe no vocabulário dele?

Lauren, porém, lembrou-se que em seu vocabulário essa palavra existia, sim. Amava-o, e sabia que mesmo amando-o, sairia perdendo se...

A visão do corpo forte sob o lençol, perturbou-a. Pelo contorno, deduziu que ele estava nu. Apesar de tudo, estava disposta a não atender o pedido dele.

Por fim, foi Brett quem decidiu por ela. Segurando-a pelos braços, puxou-a, fazendo-a cair sobre a cama. Cobriu-a com o lençol. Fechando os olhos, trouxe-a para junto de seu corpo, os rostos próximos, as respirações se confundindo, os lábios quase se tocando.

Brett, então, inclinou-se sobre ela. Lauren permitiu. As mãos dele correram sob a camisola, e ela não impediu a exploração. Quando a mão chegou no abdômen, contornando-o, acariciando-o, ela gemeu, inebriada.

Com movimentos hábeis, ele a despiu. Os corpos nus se tocaram e ela teve a sensação de que todas as barreiras caíam por terra.

Apesar de todas as emoções, Lauren tinha consciência que estava agindo como uma tola. O que sabia a respeito de Brett Carmichael? Exceto pelo nome e profissão, não sabia absolutamente nada sobre ele. Brett Carmichael continuava sendo um estranho.

No entanto, estava na cama com ele. Seria muita ingenuidade de sua parte acreditar que ele precisava apenas de conforto moral. Ele precisava de um corpo de mulher. E lá estava ela, documente oferecendo-lhe o seu.

Segurando-a pelo queixo, Brett a fitou direto nos olhos. Depois, começou a cobri-la de beijos, até chegar aos seios. Com a língua, contornava os mamilos, provocando, sugando, brincando, até Lauren se contorcer contra o corpo dele.

Enterrou as unhas nos músculos dos braços dele, gemendo de prazer, enquanto as mãos dele continuavam a explorar sua pele macia e ardente.

Lauren quase gritou, quando os dedos dele tocaram o centro de sua feminilidade.

— Por favor, Brett, por favor...

Ele abafou as palavras dela com um beijo abrasador, profundo, até ouvi-la gemer de novo.

Os sentidos dela se incendiaram, cerrando sua mente para todo e qualquer argumento que a razão ainda tentava fazer prevalecer.

Quando Brett se posicionou sobre ela, a força de sua rigidez quase a enlouqueceu. Apesar do redemoinho que a arrastava, ela se conscientizou que o momento de dizer "não" já ficara para trás...

Ele pressionou o corpo sobre o dela e Lauren se abriu para recebê-lo. Enlevada pela alegria de pertencer-lhe completamente, deixou-se conduzir naquela dança alucinante, para juntos chegarem ao clímax das sensações e à alegria da consumação.

O amanhecer trouxe os raios dourados do sol e o som do conto dos pássaros.

Virando o rosto. Lauren sentiu a respiração regular de Brett dormindo a seu lado. Num gesto de posse, ele pousava o braço sobre os seios dela.

Ela fora longe demais com Brett Carmichael. Na escuridão da noite, entregara-lhe tudo, sem saber o que esperar daquele homem, que ainda era um desconhecido. Mesmo assim, não conseguia arrepender-se de nada. Rememorando cada minuto de tudo o que vivenciara com Brett naquela noite, seu estado de espírito elevou-se com o sol.

Cuidadosamente, desvencilhou-se dele e levantou-se. Recolheu as roupas que Brett jogara ao chão, vestiu-as, calçou os chinelos e saiu do quarto. Apagou as luzes do corredor que deixara acesa e entrou em seu quarto. Depois de um banho, vestiu-se e correu para o estúdio.

Inspirada, pintava sem parar. As formas fluíam de sua mente direto para as mãos, que as transplantavam para o papel. O ato de fazer amor com Brett levara-a às alturas. Não só na parte emocional, mas também no lado artístico.

Com a mão doendo, debruçou-se na janela, deliciando-se com o colorido das flores, com o cantar dos pássaros, com o ar perfumado do campo. Sentia-se mais próxima do que nunca da natureza. Tudo por ter feito amor com o homem a quem amava.

Até mesmo a imagem da jovem mulher que vira refletida no espelho parecia uma estranha, com as faces mais coradas, os lábios mais cheios, os olhos mais brilhantes.

Uma voz quebrou o silêncio. De novo, lembrou-se do grito que Brett soltara ao ver-se preso no quarto.

Apreensiva, correu em direção ao quarto dele. A porta estava entreaberta. Num salto, Brett a alcançou.

— Por que saiu da minha cama sem avisar-me? Aonde você foi?

Fitando-o direto nos olhos, percebeu o mesmo olhar desesperado que vira na noite anterior. Não tinha dúvidas que Brett ainda sofria as consequências dos dias tormentosos que passara em cativeiro.

Naquele instante, a razão assegurou-lhe com chocante objetividade, que Brett Carmichael não fizera amor com Lauren Halstead, mas sim com a garota dos sonhos.

Apesar dessa constatação, quando ele a abraçou, Lauren ignorou os avisos racionais, permitindo que o sentimento de intensa felicidade a envolvesse novamente.

— Oh, Brett, queri... — Tinha o direito de tratá-lo com tanta intimidade?

— Onde está o restante da palavra?

— Querido — ela murmurou.

— Repita.

— Querido Brett.

— E...? Entusiasmada, ela contou:

— Estive trabalhando e... dá para acreditar? Pintei tantas gravuras que daria para fazer uma exposição no Albert Hall.

Jogando a cabeça para trás, ele soltou uma gargalhada.

— Se fazer amor provoca essas reações em você, então... — Levou-a novamente para a cama.

Ela resistiu. Alguma coisa a impedia de concordar.

— Brett, eu...

— Você, o quê? A urgência para criar obras-primas ainda está muito forte e prefere continuar?

Ela concordou com um movimento de cabeça. Felizmente, ele mesmo apresentara um argumento convincente. Sorrindo, voltou para o estúdio.

Como poderia dizer-lhe a verdade? Que todos os instintos a preveniam para não ir além do que já acontecera?

A inquietude que anuviara sua felicidade pela manhã voltara com força total. As dúvidas haviam retornado. A razão recomeçara a atormentá-la. Tivera uma noite de amor, e ainda estava em tempo de sair apenas com pequenas marcas do encontro íntimo com aquele homem.

Pequenas marcas?

Amava tanto aquele homem que se nunca mais ele a quisesse — e o bom senso a prevenia que não haveria "se" com relação a esse ponto — seu coração seria destruído, e não apenas partido.

Capítulo 8

O aroma do café e torradas aguçou o apetite de Lauren. Deixando o trabalho de lado, foi para a cozinha, encontrando Brett sentado à mesa, lendo o jornal.

Ao vê-lo, as lembranças da noite anterior voltaram-lhe à mente, fazendo com que suas pulsações se acelerassem.

— O cheiro está delicioso. — Pegou uma torrada. — Posso?

— Claro!

Mordeu a torrada com gosto.

— Divina!

Brett a observou por um momento. Depois, riu.

— Nossa noite de amor despertou minha inspiração e meu apetite — ela brincou. — Não era isso o que você pretendia dizer?

— Exatamente — Brett confirmou, com voz aveludada. — Você está linda.

— Oh, não! De jeans e suéter velhos?

— Não é a roupa que encanta os olhos. E a lembrança do que está sob ela. Encantadora, irresistível... — Largando o jornal e a torrada, ele fez menção de abraçá-la.

Rindo, Lauren escapou.

— Vamos com calma, sim?

— Às vezes, muita calma atrapalha, madame. — Levantou-se, sem esconder suas intenções.

— Oh, não! — ela respondeu com firmeza. — O melhor da festa é esperar por ela. Não sabia?

Saiu da cozinha correndo, direto para o estúdio, fechando a porta.

Mais tarde, ouviu o ruído da porta da garagem sendo aberta. Estranhou que Brett sairia sem avisá-la. Cabisbaixa, voltou ao trabalho. Foi então que notou um pedaço de papel sob a porta do estúdio. Pegando-o, leu a nota que Brett deixara.

"Querida senhoria... não, vou corrigir. Minha querida senhoria. Estou indo em busca de reforços intelectuais, isto é, vou pesquisar outros livros que me ajudarão a escrever minha obra-prima. Até logo.

Seu Brett".

Rindo de satisfação, foi até a janela. Quando o carro passou, acenou para Brett.

— Mensagem recebida, suponho — ele gritou, com a cabeça para fora do carro.

— Por que não entrou?

— Não quis interromper sua criatividade — brincou, despedindo-se com um aceno.

Lauren sentiu uma tristeza imensa. Era como se Brett levasse uma parte dela.

A manhã passou lentamente. Cada vez que o telefone tocava, descia correndo, esperando que fosse Brett.

A primeira vez, foi Casey querendo saber sobre os progressos do trabalho.

— Está tudo sob controle. Estou pintando movida por uma inspiração incrível.

— É mesmo? Eu daria tudo para saber...

— Não há nada para saber.

Lauren podia até imagina o sorriso cínico de Casey. Combinando que no dia seguinte continuariam a tirar as medidas das molduras, ela desligou.

O segundo telefonema foi de Edward Hartingford, o autor cujo livro ela se comprometera a ilustrar. Ele dissera que lera sobre a data da exposição e que estava ansioso para começarem a discutir sobre as ilustrações.

Depois de um almoço rápido, decidiu ir até a biblioteca procurar por livros sobre pássaros. Estava entusiasmada com a ideia, pois esse era um assunto que nunca estudara.

Examinando os livros, anotou o nome de alguns que poderia consultar quando começasse o trabalho com o sr. Hartingford. Depois, num impulso, retirou o livro que guardava a carta enviada para o misterioso Ellis. Leu-a novamente, analisando cada frase, cada acusação. Mais uma vez, procurou por uma assinatura, em vão. Intrigada, recolocou o livro na estante.

Com o gesto, sua mão encostou em algo estranho e, de repente, diante de seus olhos incrédulos, uma parte inteira da estante começou a mover-se.

Com a mão na boca, viu o fundo falso girar, revelando um outro cômodo. Contendo a respiração, esperou um momento para ver o que mais poderia acontecer. Passado o impacto, e reunindo coragem, decidiu entrar no quarto. Notou que as paredes eram de pedra branca e o teto baixo.

A um canto, havia uma mesa antiga. Do outro, uma escrivaninha. Aventurando-se, descobriu alguns quadros com molduras idênticas.

De repente, lembrou-se dos ganchos vazios na parede da sala.

Agachando-se, examinou as pinturas.

A primeira retratava uma mulher com feições vagamente familiares. A outra, também era de uma mulher muito bonita. Entretanto, não foi a beleza estonteante que chocou Lauren. Mas, sim, a palavra escrita à caneta na tela. "Desertora".

Com o coração aos saltos, virou a terceira pintura. Dessa vez, não conteve um grito de horror. Aquele era o rosto do homem com quem dividira a cama, com quem fizera amor na noite anterior. Na época era bem mais jovem. Talvez uns quinze anos mais jovem. E, mais velho que o modelo que pousara para a escultura de terracota do jardim.

Palavras escritas em diagonal, cobriam o rosto do homem. "Traidor, sedutor, vilão."

Ajoelhada, e com as mãos trêmulas, segurou o único retrato não danificado. Deduziu que aquela mulher era a mãe do rapaz. Colocando as três pinturas no chão à sua volta, fechou os olhos.

Lembrou que Marie se referira ao filho do tio Edmund como "ovelha negra". O jovem que mantivera um romance com a madrasta, afastando-a do pai. O filho que desaparecera, que nunca mais dera sinal de vida.

E a carta que descobrira, endereçada a Ellis... Ellis de quê? Com o retrato nas mãos, olhou bem para o rosto do jovem. Não, não havia a menor dúvida sobre quem Brett Carmichael era realmente.

Ele era Ellis Gard, o filho de Edmund Gard.

Outras passagens voltaram-lhe à mente. As palavras dele antes de desmaiar "Eu pertenço...” A maneira estranha com que parecia saber onde encontrar os objetos da casa. A segurança com que afirmara que o assunto predileto do sr. Gard era história.

As peças de madeira entalhada que ele encontrara na garagem, com certeza, haviam sido guardadas por um pai extremoso. Apesar dessas evidências, ele escondera dela o fato de pertencer àquela casa, àquela família.

— Lauren? Lauren? — A voz ecoou pela casa inteira e o quadro caiu-lhe das mãos.

Desejava voltar o filme para antes do momento em que decidira entrar na biblioteca, onde o pesadelo começara. Então, poderia correr ao encontro de Brett Carmichael, recebendo-o de braços abertos, beijando-o, sendo beijada.

— Lauren, onde você está? Lauren?

Ela se ergueu. Apreensiva, com o coração batendo forte, virou-se para encarar Ellis Gard, o filho e herdeiro deserdado de Edmund Gard.

Ao vê-lo parado na porta do quarto secreto, com os cabelos em desalinho, quase se desequilibrou.

Com as mãos nos bolsos do avental de pintura, olhou firme no rosto dele, percebendo o sorriso desaparecer de seus lábios.

— Bom dia, sr. Gard. — Umedeceu os lábios secos. — Ellis Gard.

— Então já sabe,

— Agora sei. Por que mentiu para mim? Por que não me contou a verdade?

— Devido às circunstâncias, eu tinha todo o direito de manter minha identidade em segredo. Há muito anos não me chamo mais Ellis Gard. Nem reconheço Edmundo Gard como meu pai — justificou-se.

Entrou no quarto, mas Lauren recuou. Se permitisse que ele se aproximasse, sabia que perderia o controle. Correria para os braços dele, pedindo-lhe para dizer que aquela história era uma mentira.

Ele sorriu ao vê-la se retrair.

— Ainda há pouco você me amava — ele murmurou, fitando-a intensamente.

— Nunca disse isso.

— Mas demonstrou, srta. Halstead. Demonstrou.

— Bem, foi uma falsa impressão. Agora, eu o odeio. Ouviu? Odeio tanto, tanto, que seria capaz de...

— Estrangular-me? — Os lábios dele se curvaram num sorriso sensual. — Faça isso. — Dando um passo à frente, segurou-a pelos pulsos, levando as mãos dela até seu pescoço.

Bastou sentir o calor da pele dele, a pulsação sob a palma da mão, para despertar-lhe uma onda de desejo.

— Não! — gritou, desvencilhando-se. —A carta... Aquela carta...

— Então, você a encontrou. Percebi que não descansaria enquanto não descobrisse aquele livro

na estante.

Ele era astuto. Nada lhe passava despercebido.

— Sim, sr. Gard, eu a encontrei. E li também. Agora conheço sua verdadeira personalidade. — Lembrou-se que na carta o pai fizera menção à uma criança. — Na noite passada, percebi que, ao contrário do que aconteceu durante o romance com sua madrasta, você tomou precauções para que não resultasse um filho indesejado de nosso...

Ele a segurou pelos ombros, machucando-a com a pressão dos dedos fortes. Os olhos faiscavam, os maxilares se contraíram.

— Cuidado, minha amiga. Está indo longe demais. Lauren sabia que o provocara, mas não se arrependia de uma só palavra.

— E verdade — desafiou-o, depois que ele a soltou, afastando-se com as mãos no bolso. — Na hora, sentime grata pela sua precaução, mas agora entendo o verdadeiro motivo. Afinal, cometer duas vezes o mesmo erro, é tolice, não é?

Cerrando os dentes, Brett soltou um longo suspiro de irritação. Depois, virando as costas, saiu da biblioteca. Lauren correu atrás dele.

— Uma vez, pediu-me para confiar em você. Agora que sei a verdade, como poderei confiar?

Ela falava sozinha. Brett trancara-se no quarto. Refugiando-se no estúdio, ela deu vazão às lágrimas que corriam livres pelas faces. Todos os desenhos feitos com alma e coração se espalhavam à sua volta, atormentando-na.

Sem falsa modéstia, reconhecia a qualidade de suas pinturas, mas a mulher que atingira aquele nível de quase perfeição não existia mais.

No final daquela mesma tarde, ela voltou à biblioteca, depois de abandonar as tentativas de criar mais desenhos. A inspiração se dissipara.

Decidiu separar os livros que anotara, e iniciar seus estudos sobre pássaros. O que não esperava era que Brett tivesse tido a mesma ideia de pesquisar na biblioteca.

Lentamente ele levantou a cabeça, a mão pousada na página que estava lendo. Franziu as sobrancelhas, os lábios se contraíram, mas não disse nada. Depois de fitá-la por alguns instantes, voltou à leitura.

Lauren notou que ele mudara a mesa antiga e a escrivaninha do quarto secreto para a biblioteca. Alguns volumes estavam abertos sobre esses móveis, outros se empilhavam no chão. Era óbvio que ele poderia mudar tudo como bem entendesse, sem pedir permissão a ninguém. Afinal, ele pertencia àquela casa. Ele era o dono da casa. Ou o filho do dono. O filho rejeitado.

— Sim? — ele perguntou num tom frio, sem olhá-la.

— Vim buscar alguns livros sobre pássaros.

Brett não respondeu. Incomodada com essa atitude de desprezo, depois de pegar os livros, parou ao lado dele.

— Como devo chamá-lo agora? — Ellis? Sr. Gard? Largando a caneta que segurava, Brett a fitou com ar de aborrecimento.

— Meu nome é Brett Carmichael, como você bem sabe. Uma ponta de esperança aqueceu seu coração. Como não

lhe ocorrera a ideia antes?

— Você quer dizer... que não é Ellis Gard? Você tem um irmão... um meio-irmão... — A voz falhou.

— Na minha profissão sou conhecido como Carmichael, o sobrenome de minha mãe. Por acaso, Brett é meu segundo nome. Ellis Gard não existe há quinze anos.

Confusa, queria chorar, gritar todo seu desespero. Afinal, com quem fizera amor na noite anterior? Com Ellis ou Brett? O traidor, o desleal, ou o homem honesto, autêntico, a quem aprendera a amar?

Diante dos fatos, só restava recriminar sua ingenuidade. Ambos eram a mesma pessoa. Além do mais, não poderia esquecer que aquele homem — Ellis ou Brett, isso não importava — tinha um filho. Mal suportava a dor que essa realidade lhe causava.

— Imagino que agora que se identificou como filho do sr. Gard, não precisa mais de mim. — Pausou um momento para manter a firmeza da voz. — Minha tarefa como caseira já terminou. Eu...

— Ao contrário. Você foi contratada por meu... pelo sr. Edmund Gard. Está sendo paga para cuidar do propriedade, não é?

— Sim, mas...

— Sem mas. Diga uma coisa. — Ele se levantou, colocou as mãos nos bolsos, e caminhou alguns passos. — O que a faz pensar que pretendo ficar aqui?

O coração de Lauren se contraiu. "Oh, Deus! Não posso levar mais choques hoje", pensou, angustiada.

— Está pensando em ir embora?

Ele a fitou longamente. O olhar penetrante perscrutava-lhe a alma. Lauren mal continha a ansiedade, esperando pela resposta.

— Não tenciono ficar nesta casa mais do que o necessário,

— Necessário? Necessário para quê?

Com expressão impenetrável, ele se manteve em silêncio.

— Se não se importa, gostaria que me avisasse com antecedência. Assim eu... — Não terminou a frase. O que poderia dizer?

— Assim você toma as providências para Talbert ficar no meu lugar? — Sorriu maliciosamente. — Num nível de maior intimidade, claro.

Ela movimentou os ombros, num gesto de desdém.

— Se prefere acreditar nisso, não posso fazer nada. Ouviram o ruído de um carro entrando no pátio. Lauren

correu até a janela, mais para quebrar a tensão do que por curiosidade. Imaginava quem era. Brett também.

— Quanta alegria por vê-lo! — Brett comentou com mordacidade.

— Ele está fazendo as molduras para os meus quadros.

— É mesmo? — Sentou-se novamente. — Esse rapaz vale ouro! Só tome cuidado para que ele

não acabe emoldurando você também.

Ela abriu a boca para responder, mas mudou de ideia, Respirando fundo, saiu da biblioteca.

— Hei, estas pinturas estão excelentes! — Casey elogiou, olhando os desenhos dispostos pelo estúdio.

— Eu diria inspiradas — Holly Dixon comentou, abrindo a caixa que continha suas obras.

— O que aconteceu com você, Lauren? — O sorriso de Casey era sugestivo. .

— Você sabe. — Ela levou na brincadeira. — Há certos dias em que as alegrias do verão entram em nossa alma, trazendo só coisas boas.

— Compreendo perfeitamente — Holly confirmou. — Muitas vezes acontece comigo.

— Talvez seja como a sensação que sinto quando tenho uma boa história nas mãos. Parece que entro em transe — Casey completou.

Lauren o olhou, tentando descobrir se havia um duplo significado nas palavras dele. Oh, era ela quem andava cheia de suspeitas, talvez devido às advertências de Brett.

Absortos, cada qual lidava com seu trabalho, quando a porta foi aberta, assustando-os.

Era Brett. Com um sorriso nos lábios, observava os três. Lauren, que aprendera a conhecê-lo, percebeu que não sorria com ironia, mas sim com interesse.

— Olá! — Casey o cumprimentou.

— Olá! — Holly o imitou. — Também é artista?

Lauren lembrou-se que Holly ainda não conhecia seu inquilino. Sim, porque, para todos os efeitos, ele continuava sendo seu inquilino.

— Não. Apenas moro aqui. — Olhou para Lauren, percebendo os esforços que ela fazia para manter-se controlada.

Holly a fitou também, com ar interrogativo.

— Este é Brett. Brett Carmichael — Lauren o apresentou. — É inquilino do sr. Gard. Não meu, claro. Sou apenas a caseira, como você sabe.

— Sou Holly Dixon. Muito prazer. Surpreendentemente, Brett entrou no estúdio. Observava

as esculturas de Holly com visível interesse. Pegou algumas nas mãos.

— Isto me faz lembras algumas tribos que conheci e que esculpiam figuras em madeira ou em pedras — ele comentou. — Não me interprete mal. Não estou dizendo que seu trabalho seja primitivo. Na verdade, é muito moderno. — Segurou uma escultura representando uma jovem com um pássaro nos braços. — Está é uma exceção. Sinto que foi feita com sentimento, com o coração.

Correu os dedos pelas formas da peça. Horrorizada, Lauren descobriu que seu corpo despertava para a vida, como se Brett a estivesse tocando, acariciando, excitando. Quando os olhares se encontraram, ele sorriu como se adivinhasse o que se passava com ela.

O telefone tocou e Lauren foi atendê-lo. Com o pé no primeiro degrau, parou. A situação mudara. A casa era de Brett. Era ele quem deveria atender o telefone. Virou-se para trás. Ele estava no corredor, olhando-a com expressão estranha.

— Desculpe — ela falou num tom polido. — Talvez queira atender o telefone.

Ele permaneceu imóvel e calado. Desistindo, ela desceu a escada e atendeu.

— Alô?

— Quero falar com Ellis.

Era a mesma mulher. Lauren reconheceu a voz grave, imperiosa. A diferença era que agora ela sabia quem era Ellis.

— Não me diga de novo que ele não está aí — a mulher continuou. — Foi ele mesmo quem me deu esse número. Diga-lhe que é Imogen... Imogen Gard.

Lauren se voltou, deparando com Brett às suas costas. Sem uma palavra, entregou-lhe o fone.

— Imogen? — Ele sabia sem precisar ser avisado. — Estou contente por ter ligado. Podemos nos ver? Sim, o mais rápido possível. Elisa está com você? No colégio interno, é verdade! Então estaremos a sós. Ótimo.

Lauren subiu correndo para junto de seus amigos. Sentia o coração pesado, oprimido. Eles tinham uma filha. Elisa. Nome escolhido pelo pai da garota. Por quem mais?

Deveria ter imaginado. Um homem como Brett, não poderia viver só. Era natural que tivesse uma mulher em sua vida. E tantos anos juntos significava que ainda a amava.

Imogen Gard. A mulher com quem mantivera um romance, mesmo sendo sua madrasta. E com quem tivera uma filha.

Capítulo 9

Lauren voltou tarde para casa naquela noite. Havia outro carro estacionado ao lado do de Brett.

Intuitivamente, disse em voz baixa:

— Imogen Gard.

Em passos lentos, entrou em casa. Um perfume suave pairava no hall, perfumando o ar. Deduzindo que Brett e a visitante estivessem na sala de visitas, decidiu ir direto para a cozinha.

Jantara com Casey e Holly na galeria, onde haviam passado a tarde preparando o local para a exposição. Fez café, e com uma bandeja nas mãos, levou o bule e a xícara para o estúdio. Sua mente estava ativa demais para pensar em dormir.

Orientando-se pelos livros sobre pássaros, fez alguns esboços. Logo, porém, deixou tudo de lado, e parando junto à janela pôs-se a observar o velho cedro, iluminado pelo luar.

Estremeceu ao avistar Brett e sua convidada caminhando pelo jardim. Mesmo à distância, e apesar da noite, Lauren reconhecia nela a mulher do retrato. Apesar dos anos, continuava bonita.

Cabelos louros, alta, magra, sofisticada, e o vestido elegante realçava a silhueta em forma.

Estavam muito próximos e pareciam discutir. Incapaz de suportar a dor de vê-los juntos, afastou-se da janela, decidindo ir para a cama.

Nem mesmo um banho relaxante foi suficiente para fazê-la adormecer. A imagem de Brett e Imogen Gard no jardim não saía de sua mente. E, quando finalmente dormiu, os dois apareceram num sonho tumultuado.

Acordou de madrugada, com o sol nascendo e o canto dos pássaros. Tanta alegria trouxe-lhe a conscientização de seu baixo-astral.

Com certeza, Brett estaria com a bem-amada no mesmo lugar que ela estivera na noite anterior.

Para escapar das imagens e suposições que a atormentavam, tentou concentrar-se nos preparativos para a exposição. Lembrou-se que, enquanto ela e Holly dispunham as obras pela galeria, tivera a impressão de que faltava alguma coisa importante.

De repente, num flash de memória, descobriu do que se tratava. Apesar de muito cedo ainda, pulou da cama, tomou banho e vestiu-se em tempo recorde.

Com a câmera fotográfica a tiracolo, desceu para a cozinha. Fez café, colocou-o numa garrafa térmica e tirou da geladeira alguns rolos de filmes.

Quando saiu para o jardim, não viu o carro da visitante. Não pôde evitar uma sensação de alívio ao pensar que Brett dormira sozinho. Imediatamente, porém, considerou a possibilidade de Imogen Gard ter alugado o carro e de Brett tê-la acompanhado até a agência para devolver o veículo, voltando, depois, os dois juntos para casa.

Tratou de afastar esses pensamentos, para não entristecer-se ainda mais. Seguiu em direção às montanhas em busca do sol nascente. Estacionou o carro no acostamento da estrada, fazendo o resto do percurso a pé.

Fotografou picos, vales, montanhas cobertas pela floresta, ovelhas pastando. Depois, caminhou um pouco mais, registrando rochas íngremes, declives, cercas vivas.

Quando parava para trocar o rolo de filme, aproveitava para beber um pouco de café. Depois, recomeçava tudo. Até notar que nuvens escuras encobriam o sol. A chuva não demorou a chegar.

Protegendo a câmera, voltou para o carro. A chuva apertara. Sentia a roupa colada ao corpo, mas não se importava. Encontrara o que faltava para dar mais vida à sua exposição. Também se distraíra, esquecendo momentaneamente a própria dor.

Em casa, saiu do carro direto para a cozinha. Nesse instante, a porta foi aberta por um homem abatido, com barba por fazer e roupas amarrotadas. Com uma pontada de mordacidade, ela pensou que Brett passara uma noite e tanto com a amada. Ele parecia furioso.

E, perplexa, viu-o descarregar sua fúria contra ela.

— Onde você estava? — investiu com agressividade. — Distraindo-se nos braços de Talbert? Ele não pôde esperar até encontrarem um lugar protegido para a chuva não estragar suas... atividades?

— Olhe aqui — desafiou-o. — Não dou a mínima para o que você fala ou pensa. Só acho que não tem o direito de recriminar minhas atividades, uma vez que passou a noite entregue à libertinagem!

Ele a fitou atônito.

— Libertinagem? Com quem?

— Com sua namorada, Imogen Gard! Não é esse o nome dela?

— E? — Ele cerrou os dentes. — Em vez de perder tempo com discussões inúteis, acho melhor que vá tomar um banho quente e trocar de roupa. A menos que queira pegar uma pneumonia.

— Faço o que eu quiser — Lauren rebateu, passando a mão pelos cabelos molhados.

— Se sua intenção era provocar-me, conseguiu. — Segurando-a, subiu a escada com ela nos braços, sob socos e pontapés de protesto.

Entrando no quarto, colocou-a no chão do banheiro.

— E então? Vai para o chuveiro ou prefere que eu mesmo a desvista?

Ela verificou as horas.

— Não tenho tempo. Preciso mandar revelar os filmes e...

— Filmes? Que filmes? Você deve ter conseguido belas fotos com esse tempo!

— Pois saiba que o dia amanheceu ensolarado e quente.

— Então foi por isso que cometeu a tolice de sair sem jaqueta? — Ergueu a sobrancelha. — Ou estava com tanta pressa para ir ao encontro de Talbert que esqueceu de levá-la?

— Não encontrei Casey. Acredita?

— Ok. — Apoiou-se no batente da porta. — Vamos fazer um acordo. Acredito em você, desde que acredite em mim. Eu dormi sozinho.

Lauren sentiu uma sensação de alívio, mas precisava estar segura.

— Como se precisasse dormir para conseguir seu intento!

— Ora, você é mesmo uma pequena...

Ele se calou ao vê-la desabotoando a blusa sem, contudo, abri-la.

— Quer que eu faça isso para você? — Sem esperar pela resposta, afastou as mãos dela, abrindo e tirando-lhe a blusa. — Agora isto.

Furiosa com tanta audácia, tentou empurrá-lo. Porém, ele já estava com as mãos na cintura do jeans. Antes que tivesse tempo de impedi-lo, Brett já passava a calça pelos quadris, puxando-a até os pés dela.

Ela cruzou os braços, tentando esconder o corpo semidespido.

— Vá! Saia daqui! — gritou.

Ignorando a ordem, Brett tentou tocá-la. Lauren recuou, mas como o banheiro era pequeno, logo se viu contra a pia. Ele acariciou a pele macia até tocar nos seios. Os carinhos suaves, ternos, provocaram-lhe um arrepio no corpo e uma sensação de fraqueza nas pernas.

De repente, viu-se nos braços dele. O sutiã caíra ao chão e a boca faminta de Brett devorava os lábios dela. Ávidas, as mãos de Brett contornavam a curva dos quadris, das coxas, da feminilidade que ela lhe oferecera livre e prazerosamente na noite anterior.

Sentindo que ele introduzia a mão sob a calcinha, Lauren não fez a menor tentativa para detê-lo. Então, ouviram o ruído de um carro entrando lentamente no pátio.

— Visita — ela murmurou. — Para você. Sua namorada, sua mulher... deve ser ela. — Enrolou-se na toalha numa tentativa infantil pra proteger os seios nus e recuperar a pose. — Com certeza, voltou para uma reprise da noite que passaram juntos. Imagino que tenha lhe proporcionado muito mais prazer do que a mim. Afinal, ela é muito mais experiente, mais madura.

A campainha da porta principal soou, seguida de uma voz sensual.

— Ellis? Estou aqui. Posso entrar?

— Como vê, não me enganei. — Lauren empinou a cabeça com ar de triunfo, a despeito da mágoa e do ciúme que a consumiam.

— Acho melhor tomar seu banho, antes que se resfrie — ele aconselhou com expressão furiosa, antes de sair do banheiro.

Depois de ouvi-lo fechar a porta do quarto, Lauren desmoronou. As lágrimas se misturavam com a água do chuveiro, os soluços eram abafados pelo ruído do chuveiro.

Retardou ao máximo a hora de sair do quarto. Quando saiu, não pôde evitar de cruzar com Imogem Gard no corredor. Apoiado no batente da porta de seu quarto, Brett a fitou com um sorriso cínico.

Não havia dúvida. Era preciso admitir que a ex-esposa de Edmund Gard era a personificação da elegância e finesse. O tailleur escuro, a blusa de seda branca com colarinho tipo chinês, os sapatos clássicos de salto alto eram apenas complementos da classe e sofisticação naturais.

Imogem falava com Brett, mas Lauren percebeu que, na verdade, as palavras eram dirigidas a ela.

— Você não vai querer que eu passe mais uma noite no hotel, não é, querido?

Brett não respondeu.

— Tenho certeza que a sua senhoria. — Virou-se para Lauren. — Está correto, srta. Halstead? Creio que foi assim que identificou-se ao telefone. Bem, tenho certeza que ela me alugará um quarto pelo tempo que eu ficar por aqui.

— Não sou mais caseira do sr. Carmichael. — esclareceu. — Também não sou governanta e muito menos camareira.

Brett respirou fundo e Imogen resmungou algo inaudível. De cabeça erguida, Lauren voltou-se para ele.

— Você sabe que tem todo o direito de ceder à sra. Gard o quarto que você quiser. Ou melhor, que ela quiser. Sabe também onde estão guardadas as roupas de cama, e tudo o mais que ela precisar.

Sentindo que conseguira uma pequena vitória, voltou para o quarto. Ainda teve tempo de ouvir Imogen comentar:

— Ela sabe das coisas, hein?

— Ela descobriu a carta.

— As pinturas também?

— Também — Brett confirmou.

— Oh, meu Deus!

Lauren fechou a porta, e uma vez a sós, inclinou a cabeça em desespero. Pela primeira vez, mostrara-se rude com alguém. Dando de ombros, arrumou a cama, penteou os cabelos e saiu novamente do quarto.

Na cozinha, tomou um gole de café e depois de pegar a câmera e os filmes que deixara sobre a mesa, saiu de casa. A chuva cessara e o sol brilhava palidamente. Entrou no carro e foi para a cidade. Entrou numa loja onde deixou os filmes para revelar. Como as fotos só ficariam prontas em uma hora, decidiu ir até o Chez Talbert.

Harry Talbert cumprimentou-a calorosamente.

— Está chegando o grande dia, não é, querida?

— É... Faltam apenas dois dias.

Na galeria, observava a disposição das obras pelos displays. Percebeu que não errara ao sentir que faltava alguma coisa importante e ficou contente pelo impulso que a levara a fazer as fotos logo cedo.

Ainda assim, sentia um estranho mal-estar, uma insatisfação que a incomodava. Parando para pensar, descobriu o motivo. Usando o telefone do restaurante, ligou para Old Cedar Grange. Foi Brett quem atendeu.

— Brett? É Lauren. Poderia, por gentileza, apresentar minhas desculpas à sra. Gard por ter sido meio rude com ela?

— E daí?

— Só isso. Nada mais.

— Talvez você tenha agido assim por... digamos, um pouco de ciúme?

— Ciúme? De quem? Do quê? Você está brincando. — Apesar de ofendida, reconhecia que Brett estava certo. — Esqueceu que sei tudo a respeito de seu comportamento imoral, do seu passado vergonhoso? Acha mesmo que me importo com você?

— Oh, Deus! Meu pai conseguiu o que queria — ele murmurou num tom de lamúria.

Lauren desligou o telefone. Permaneceu imóvel por alguns instantes. Depois, respirando fundo, foi ao encontro de Harry Talbert.

— Precisamos conversar sobre o bufê, sr. Talbert.

— Tudo providenciado, querida. Cortesia da casa.

— Tem certeza, sr. Talbert? Isto é...

— A exposição atrairá muitos clientes novos para o meu restaurante. Já combinei tudo com Casey. Todos lucraremos, Lauren.

Após despedir-se do sr. Talbert, voltou à loja para pegar as fotos. Então, foi direto para casa, ansiosa para continuar seu trabalho.

A porta da frente estava aberta.

— Não se preocupe com as despesas — Brett dizia para Imogen. — Peça para mandarem a conta do hotel para mim. E, claro, continuarei pagando o colégio de Elisa.

Estavam no hall e foi Imogen quem primeiro viu Lauren. Não passou despercebido a Lauren a cotovelada que ela deu em Brett, fazendo-o calar-se.

Lauren lançou um olhar indiferente à Brett.

— Encontrou um quarto do agrado da sra. Gard?

— Obrigada pela sua oferta, srta. Halstead — Imogen respondeu com arrogância. — Mas, prefiro as boas-vindas do gerente do hotel, embora um tanto impessoal, é verdade, do que sua má vontade. — Com um olhar furioso, saiu em direção ao carro.

Lauren subiu para o estúdio, sem se abalar com o mau humor da mulher. Precisava concentrar-se no trabalho de levar para o papel as belezas das fotos que conseguira pela manhã. No final da tarde, orgulhosa e satisfeita, olhava para o resultado de seus esforços, espalhado ao seu redor.

Quando saiu do estúdio para telefonar no hall, Brett a seguiu. Discou, sob o olhar atento dele.

— Você pintou o rosto também — ele comentou. Aproximando-se, tirou do bolso do avental dela um pedaço de pano ainda úmido de solvente, limpando-lhe a face e a fronte respingados de tinta. Aquele gesto transmitia uma intimidade que, Lauren repetia a si mesma, não existia entre ambos. Ligara para o telefone direto de Casey.

— Casey? Tudo bem? Adivinhe o que aconteceu? — Dois braços a enlaçaram pela cintura. — Tenho uma pilha de...

Cerrou os dentes para sufocar as sensações que Brett lhe provocava. Lutava para livrar-se do abraço que a aprisionava...

— Vá embora — ela murmurou.

— Quem? Eu? — Casey perguntou. — Foi você quem ligou! Lançou-lhe um olhar furioso.

— Vá fazer isso com sua namorada, não...

— Lauren? Do que você está falando? — Casey mostrava-se confuso. — Que namorada?

— Não estou falando com você, Casey — Lauren respondeu com voz trêmula. Fechou os olhos aliviada quando Brett a soltou, subindo as escadas com expressão divertida.

Ela exagerou o ruído de limpar a garganta.

— Está rouca?

— Desculpe, Casey. Eu estava dizendo...

— Antes de ser interrompida por... Ela não o deixou terminar a frase.

— Pintei mais alguns quadros. Acha que terá tempo de fazer as molduras? Sei que está em cima da horas, mas...

— Mais? Por quê? Aqueles que estão na galeria já são suficientes.

— Explico tudo depois. Isto é, se você puder vir até aqui.

— Ok, Lauren. Sua palavra é uma ordem.

— Então, até logo.

Lauren desligou, deparando-se com Brett no fim da escada. Ele ainda sorria maliciosamente.

— Por que fez aquilo, hein? — ela indagou. — Você tem o hábito de abraçar todas as mulheres que aparecem à sua frente?

Ignorando a pergunta, ele atravessou o hall carregando uma valise de viagem.

— Aonde você vai, Brett? — Ela o seguiu em direção ao carro. — Tudo bem, não é assunto meu, mas, pelo menos, pode me dizer por quanto tempo ficará fora?

Abrindo a porta do carro, ele disse:

— Quem sabe?

— Brett... — Havia um tom de súplica na voz dela. — Minha exposição... Esqueceu? Você virá?

— Quem sabe? — repetiu com expressão enigmática. Nesse instante, Casey estacionou o carro ao lado de Brett.

Os dois homens trocaram olhares. Lauren teve a impressão de que havia sido declarada uma guerra silenciosa entre eles. Depois, Brett a fitou. Pelo olhar significativo soube exatamente o que ele pensava a respeito daquela situação.

— Então, nosso homem misterioso tem uma namorada — Casey comentou mais à tarde, enquanto tirava as medidas das novas pinturas.

Não era uma pergunta, de modo que Lauren não se preocupou em responder. Intimamente, recriminava-se por ter deixado escapar um assunto que deveria manter em segredo.

Casey interpretou o silêncio como uma confirmação.

— Você conhece a mulher? Não negue que sabe que ele tem uma namorada. Ouvi você mencioná-la quando me telefonou.

— Ok. Ele tem uma namorada.

— Diga uma coisa. Ele trabalha? Como ele vive?

— Como? — Ela ergueu os ombros. Sinceramente, também não sabia.

— Sim, como ganha a vida? Como consegue dinheiro para o aluguel, por exemplo?

— Ele não é... — Lauren mordeu o lábio. Nem uma palavra poderia escapar de sua boca. — Ele... bem, imagino que tenha algum rendimento. Também não sei.

— Ah, sim.

Casey não parecia convencido e Lauren temia não ter satisfeito a curiosidade do repórter.

Vestida para a vernissage, Lauren sentia-se desapontada pela ausência de Brett.

Escolhera um longo preto, sem mangas, decote em V nas costas e uma abertura lateral que revelava a perna bem torneada. O vestido era provocante, reconhecia, mas, afinal, aquela era sua festa. Dela e de Holly.

Como complementos, brincos e colar de pérolas.

Casey não conteve a surpresa quando foi buscá-la.

— Vestida para matar! Mas quem? O inquilino?

— Ele não está aqui. Viajou.

— Sozinho? Ou com a namorada? — Refletiu por um momento antes de prosseguir. — Ou foi rever o local onde foi capturado?

— Por que faria isso?

— Para escrever a respeito, talvez.

Lauren conteve a respiração. Esperava que Casey não captasse sua expressão preocupada.

— Que tolice!

Felizmente, chegaram ao restaurante e o assunto morreu ali.

Holly já os aguardava na galeria. Estava elegante no vestido branco longo. Ao vê-la, Casey assobiou de admiração. Holly corou, adorando a reação dele.

Aos poucos, os convidados foram chegando, circulando pela galeria comentando, elogiando.

Um homem de cabelos grisalhos aproximou-se de Lauren.

— Srta. Halstead?

— Sim.

— Sou Edward Hartingford. — Estendeu-lhe a mão. — Prazer em conhecê-la, srta. Halstead. Lembra-se de nossa conversa por telefone?

— Sobre o livro que está escrevendo sobre pássaros? Claro que lembro.

— Estive olhando suas obras. Parabéns pelo talento e sensibilidade.

— Obrigada, sr. Hartingford. Estou ansiosa para começar o novo trabalho...

— Lamento dizer-lhe que terei que adiar meus planos. Preciso ir à Nova Zelândia visitar minha irmã. Ela é um pouco mais velha do que eu e não tem andado muito bem de saúde. Porém, entrarei em contato com você assim que voltar.

Nesse instante, Harry Harper, o editor do jornal em que Casey trabalhava, proferiu um pequeno discurso com palavras elogiosas às duas artistas, abrindo oficialmente a exposição. Todos aplaudiram.

O tio de Casey pegou na mão de Lauren e de Holly.

— Estou orgulhoso de você duas.

Lauren mal conseguia esconder a impaciência. Brett ainda não aparecera. Vez ou outra, pegava-se olhando para a porta de entrada, esperando pela chegada dele. Começava a perder as esperanças,

quando viu-o entrar na galeria.

Finalmente, ele estava lá. Então, ela notou que ele não estava só.

Capítulo 10

Lauren nunca imaginaria que Brett levasse Imogen Gard à vernissage. Os olhares se encontraram. Decepcionada, Lauren logo desviou o seu. Brett a fitava quase com indiferença, como se não a conhecesse, como se nunca tivessem partilhado a mesma cama. Imogen deu alguns passos, aparentemente atraída por Casey.

— Olá — Casey a cumprimentou. — Precisa de um guia para conhecer a galeria?

Ela inclinou a cabeça, com um sorriso doce enfeitando o rosto bonito. Segurando-a pelo cotovelo, Casey conduziu-a até o stand com os trabalhos de Holly. Brett ficara só.

Lauren se aproximou.

— Obrigada por ter vindo. Pensei que não...

— Brett Carmichael? — Mais rápido, o homem parou ao lado dele. — Sou Harry Harper, editor do News Jornal. Acho que já ouvi falar de você. É australiano?

— Prazer. — Estendeu a mão para Harper. — Sou inglês, de nascimento e criação.

Harry Harper apertou-lhe a mão.

— Não acredito. Já vi você em algum lugar. Há alguns anos, passei um tempo em Queensland. Na televisão. É isso mesmo. Eu o vi na tevê, cobrindo as reportagens em todo o hemisfério sul. Certo?

— Certo — Brett confirmou. — Agora, meu quartel-general não é mais lá. É uma longa história.

— Gostaria de ouvi-la num dias destes. Hei, Casey... — Harper verificou as horas no relógio de pulso. — Dê-me um minuto. Preciso ir.

Com relutância, Casey afastou-se de Imogen, que conversava com Holly.

— Brett... — Lauren murmurou. — Você esteve fora... — Calou-se. Seria estupidez dizer que ele estivera fora por muito tempo. Assim, acabaria revelando que sentira muito a falta dele.

— Sim, estive fora. E você? Onde esteve? Onde está a garota que deixei lá em casa?

Ela corou.

— Não entendi. A menos que esteja se referindo...

— Sim. Esse traste do Casey e você. Por quem mais estaria vestida assim tão...

— Provocante? — Empinou o nariz. — Obrigada por confiar na minha integridade. O que há de errado com meu vestido? — Fingiu não notar o olhar eloquente de Brett avaliando-a por inteiro. — É isto que o público espera de uma artista, não é?

— É?

— Sim. E já que estamos no campo das acusações, como estão você e...

— Srta. Halstead? — O chamado de uma senhora interrompeu a discussão. — Interessei-me por uma das pinturas. Gostaria de comprá-la.

Lauren afastou-se com a mulher. Minutos depois, guardando na bolsa o cheque que recebera, ela voltou para junto dele.

— Brett?

— Sim?

— O que acha do meu trabalho?

— Já disse antes. Muito bom.

— Acha mesmo que tenho talento suficiente para ser reconhecida uma dia?

— Ainda buscando elogios?

Magoada com a resposta evasiva, ela fez menção de afastar-se.

— Lauren... — Ele a enlaçou pela cintura, fazendo-a voltar-se. Ela nunca saberia o que Brett ia dizer. Imogen aproximou-se, olhos fixos nas mãos dadas de Brett e Lauren. Tocou-lhe o ombro, acariciando-o no peito até a cintura.

Recusando-se a testemunhar cenas idílicas, Lauren se afastou. Perambulou pela galeria, trocando palavras gentis com os convidados. Viu Casei conversando com o chefe. Notou que Harry Harper parecia exaltado, gesticulando muito. Somente depois de realizar mais uma venda, foi que permitiu-se olhar ao redor. Mas Brett e Imogen já haviam ido embora, Casey levou Lauren para casa. O carro de Brett não estava no pátio. Mas, a julgar pelas duas xícaras sujas de café sobre a pia, concluiu que ele e Imogen haviam passado por lá.

Depois do burburinho da galeria, a casa parecia silenciosa demais.

— Ninguém em casa? — Casey indagou.

— Como adivinhou? — Lauren respondeu rispidamente.

— Hei! Por que isso agora? Depois de tudo o que fiz por você? , Ela pousou a mão no braço dele.

— Desculpe. E obrigada por tudo. — Juntou as mãos. — Nunca imaginei vender tantos quadros. — Contou nos dedos.

— Sete! Acredita? Numa noite só!

— Parabéns.

— Nem sei como agradecer ao seu tio, Casey. Aceita um café? Ele apontou as xícaras vazias.

— Alguém teve a mesma ideia. Mas quem? — Apoiou-se nos armários e cruzou os braços. — Lauren, o que existe entre aqueles dois?

— Você se refere a Brett e sua... — Calou-se abruptamente. Jamais poderia pronunciar a palavra "madrasta".

Casey percebeu a hesitação.

— Sua namorada? — Lauren continuou meio ríspida. — Oi que mais poderia ser? Ela é doze anos mais velha e...

— Como você sabe? Com tanta exatidão?

— Mera suposição — apressou-se a explicar. — Pela aparência, ora. — Franziu as sobrancelhas. — O que é isso, Casey. Um interrogatório?

— Desculpe. — Abriu os braços. — O café está pronto. — avisou-a. Andando pela cozinha, ele começou a vasculhar os livros de receitas, as revistas empilhadas a um canto do armário, uma caixa

com correspondência e anotações de Brett.

— Nada destinado ao editor do News Journal, suponho — ela tentou brincar.

— Em outras palavras, bico calado — Ele colocou as mãos nos bolsos. — Desculpe.

— Você não vai encontrar nada de interessante aqui.

— Não?

— Não na cozinha. Quem é que deixaria vestígios comprometedores na cozinha? Aliás, duvido que haja alguma coisa misteriosa nesta casa.

Ela serviu o café na sala de visitas. Novamente, Casey se comportava de uma maneira estranha. Andava pela sala, tirava os livros da estante, folheava-os, recolocava-os no lugar, continuando, depois, a ronda.

— O que acha de um encerramento festivo amanhã?

— Bem, não creio que seu tio...

— Na galeria não. Aqui, nesta sala. — Com os olhos semi-cerrados, parecia recordar-se. — Lembra da festa de Marie, antes que ela e Reggie desaparecessem sem avisar?

— Perfeitamente — Lauren respondeu. — Quando você bebeu demais e ficou me perseguindo o tempo todo? — E quando o homem que amo surgiu das sombras para cair aos meus pés, ela acrescentou mentalmente.

Ele sorriu.

— Realmente, eu estava meio alto mesmo.

— Concordo com a festa desde que cada um traga alguma coisa.

— Ok. Bebida e um prato de doce ou salgado. Salgado de preferência. Tudo bem? Vou avisar a turma.

O toque do telefone ecoou pela casa. Deixando a xícara sobre a mesa, Lauren se levantou para atendê-lo. Aquela hora só podia ser Brett.

— Alô?

— Lauren Halstead? Espero não ter interrompido seu sono. Aqui é Harry Harper, do News Journal.

— Olá, sr. Harper, em que posso ajudá-lo?

— Desde que cheguei em casa estou ruminando uma ideia. Você é uma grande artista, srta. Halstead. Acho que poderíamos dar-lhe uma força com vistas no futuro. Pensei em publicar alguns artigos a seu respeito na revista que incluímos mensalmente no jornal. Fotos suas, do seu estúdio, e outras coisas. Para os leitores conhecerem um pouco sobre seu estilo de vida, entende?

Lauren sentiu-se lisonjeada. Talvez essa fosse a oportunidade para ser reconhecida no mundo da arte.

— Para começar, algumas perguntas, srta. Halstead. A casa onde mora, Old Cedar Grange, é isso? Não é sua casa, é? Mas, o nome do proprietário escapou-me...

— Gard. Sr. Edmund Gard.

— Oh, sim. Ele a deixou encarregada da casa, enquanto...

— A pausa exigia uma resposta.

— Estiver morando no exterior. No momento, está viajando.

— Quando voltará?

— Não tenho ideia, sr. Harper.

— Nesse meio tempo, você continua morando aí.

— Sim, cuidando da casa.

— Desculpe a pergunta, srta. Halstead. Sozinha? Confusa, ela hesitou por um instante, lembrando que conversava com um editor de jornal.

— Bem, Casey está comigo neste momento.

— Ah, sim. Obrigada, srta. Halstead. Entrarei em contato. A ligação estava encerrada.

Olhou ao redor e não viu Casey. Encontrou-o no andar superior, precisamente no estúdio. Enquanto falava ao telefone, percebera-o vagando pela casa. Quando ela entrou no estúdio, Casey guardava no bolso um bloco de anotações.

— Adivinhe quem telefonou. Seu editor! Ele quer publicar alguns artigos a meu respeito na revista do jornal. E começou a entrevistar-me pessoalmente. Nada de repórteres na jogada. O próprio editor! Não é o máximo?

O sorriso de Casey foi meio forçado.

— É o começo da fama, Lauren. O editor e não eu, Casey Talbert.

— Com fotos e tudo! Está com ciúme?

— Nem um pouco. Você merece. Eu... — Parecia confuso.

— Bem, quantos quadros vendeu hoje? Estava tentado lembrar. Daí o motivo do bloco de anotações, ela pensou. Quando dispusera os quadros na galeria, pedira a ele para anotar os títulos.

— Sete.

Pegando novamente o bloco, ele virou a pagina e anotou o número.

— Você sabe, com toda aquela gente muita coisa passou despercebida. Em compensação, reparei que Carmichael não tirava os olhos de você. Ora, Lauren... — A pressão dos dedos no braço dela não a agradou nada, — Seja boazinha.

"Oh, não, o que há de errado com minha aparência esta noite?", ela se perguntou, tentando desvencilhar-se.

— Quer um beijo?

— Muito mais — ele afirmou.

— Um beijo. — Ofereceu o rosto, mas Casey beijou-a na boca. Tentou sorrir. — Sinto muito, Casey. Mais uma vez obrigada por tudo o que fez por mim. Agora, boa-noite.

— Ok. Sou um cara que sabe quando deve parar. Tentarei uma outra vez. Posso?

Depois que ele se foi, ela sentiu o silêncio sufocá-la. Colocou as xícaras na lavadora e subiu para o quarto.

Aproximou-se da janela. O cedro estava ali, imponente sob o luar, espalhando a sombra de seus galhos nas paredes e janelas da casa. Em seu cansaço, imaginou ter visto a figura de Brett.

— Oh, ele voltou — murmurou.

Porém, olhando melhor, descobriu que era sua imaginação lhe pregando peças.

A algazarra era intensa. As vozes misturavam-se à música do aparelho de som. Os amigos de Marie compareceram em massa à reunião em homenagem à Lauren e Holly.

Pela manhã, Casey as ajudara a embalar os quadros e as esculturas, A noite a festa estava a todo vapor.

Lauren dançava com Johnny.

— Você não fez aquilo, fez? — ele perguntou.

— Fiz o quê?

— Ora, apaixonar-se pelo seu inquilino.

— Oh! — Ela desviou o olhar. — Você sabia que existe uma regra que nos aconselha a nunca criarmos ideias românticas em relação aos nossos hóspedes?

— Isso não é resposta —- Johnny protestou.

— O que quer que eu diga?

Nesse momento, uma garota entrou assustada na sala.

— Tem um homem no jardim. Deve ser um bandido!

— Oh, não! — Lauren resmungou, desvencilhando-se de Johnny. Saiu para o terraço, reconhecendo o homem. Ele pertencia à casa. Brett estava encostado no cedro. Parou diante dele.

Ele vestia terno e ao seu lado, em vez da mochila, uma pasta de executivo. O cabelo bem penteado, rosto barbeado, a camisa branca brilhando na semi-escuridão.

— Brett? Você voltou?

— Por quê? Esperava outra pessoa?

— Lauren, quem é? — Era a voz de Casey. — Se estiver ameaçando...

— Tudo bem, Casey — tranquilizou-o. — Brett voltou. Brett Carmichael.

— Voltou, é? — Casey não escondeu a contrariedade.

— Brett — Lauren indicou a sala iluminada. — Junte-se a nós. — Ele não se moveu. — Venha, por favor. — Aproximando-se mais, ela ergueu o rosto. — Holly e eu vendemos mais do que imaginávamos. Agora, estamos comemorando. — Estendeu-lhe a mão. — Brett? Vamos dançar?

Ele relanceou o olhar pelos convidados, que, perdendo o interesse pelo "estranho", começavam a espalhar-se. Pegando na mão dela, levou-a para a sala, entre os casais que dançavam. A música era romântica, os passos lentos.

Lauren aninhou-se nos braços dele, fechou os olhos, deixando as emoções aflorarem livremente.

Johnny tocou no ombro dela.

— Agora sim, já tenho a resposta — sussurrou, antes de afastar-se com seu par.

— Sentiu minha falta? — Brett perguntou em voz baixa.

— O que você acha? — Os corpos se tocavam. Lauren podia sentir a força da masculinidade dele estimulando-a. — E você? Sentiu minha falta? Não, nem precisa responder. Claro que não

sentiu. Afinal, não estava sozinho.

— Nego-me a responder.

— A comida acabou! — alguém gritou.

— A bebida também!

— Mande-os embora, Lauren — Brett pediu. —- Quero você. Jogando a cabeça para trás, olhou-o com ar de acusação.

— Você não tem o direito de dizer isso. Não depois de admitir que sua namorada estava com você.

— Não disse isso. Mande-os embora.

— Mas ela estava, não é? — Lauren insistiu.

— Se ela esteve, não foi do modo como está insinuando. Então Imogen Gard esteve com ele! Provavelmente durante todo o tempo em que ele esteve fora. De repente, sentiu que não tinha mais o que celebrar.

Desvencilhando-se do braços dele, anunciou:

— A festa acabou, pessoal! — Abriu os braços. — Obrigada pela força de todos vocês.

Brett encostou-se na parede, observando o pessoal sair da sala. Casey foi até o jardim, voltando em seguida com a pasta de Brett.

— Você não quer que algum ladrão roube seus segredos, não é mesmo, sr. Carmichael? — perguntou num tom de falsa cortesia.

Brett agradeceu com um gesto de cabeça. Pegou a pasta, colocando-a sobre uma cadeira. Postando-se ao lado de Lauren, Casey comentou com os olhos fixos na pasta: — Você deve ter um tesouro aí.

— Barras de ouro, talvez — Lauren brincou, tentando amenizar o clima tenso.

— Sim, ouro, sr. Talbert. — Brett rebateu. — Ouro da mais pura espécie. Sem a menor impureza.

Seguiu-se um silêncio constrangedor. Lauren teve a impressão de estar no meio de um campo de batalha, esperando que os dois homens se engalfinhassem.

Foi Casey quem desistiu da luta. Baixou os olhos, reconhecendo a vitória do inimigo. Entretanto, foi a contração dos maxilares dele que preocupou Lauren.

— Mais uma vez obrigada, Casey — interveio rapidamente, beijando-o de leve na face. — Por toda sua ajuda.

Num movimento rápido, ele a abraçou.

— Obrigado, doçura — ele disse num tom mordaz. — Por toda sua ajuda, pela sua cooperação e colaboração.

— Oh, não — ela protestou, muito intrigada com as palavras dele. — Sou eu quem deve agradecer por tudo o que você e seu tio fizeram por mim.

— Acha mesmo? — A resposta de Casey confundiu-a ainda mais.

Brett puxou-a para seu lado.

— Vá, Casey. E indelicado deixar uma senhorita esperando. — Apontou para Holly que assistia à cena sem entender nada.

Lauren percebeu a expressão enigmática de Casey. O sorriso dele deixou-a apreensiva. E era dirigido à ela. Esperou até que o carro saísse da propriedade. Depois, começou a recolher os copos e pratos espalhados pela sala.

— Deixe isso, Lauren — Brett ordenou.

— Como vou deixar? Seu eu não puser uma ordem aqui, amanhã encontrarei tudo do mesmo jeito.

— Deixe isso, eu disse. Venha cá.

Lauren não gostou do tom de voz, nem do olhar sério de Brett.

— Você adorou o abraço, não é, doçura? — repetiu a palavra que Casey usara, frisando-a.

— Claro que não! Se pensa que sinto alguma coisa especial por ele, está muito enganado.

Brett limpou os lábios dela com um lenço que tirara do bolso. Lauren protestou.

— Pare com isso!

— Estes lábios são meus, por isso faço o que quiser. — Jogou o lenço no chão. — Eu a quero, Lauren. Você nem imagina quanto.

— Brett, eu...

— Não diga nada. — Beijou-a com voracidade. A força de seu desejo pressionava-a, despertando-lhe todas as células do corpo.

Com ela nos braços, foi para o quarto. Colocou-a em pé, ao lado da cama.

— Esta sua roupa está me enlouquecendo. Estes botões...

— Começou a desabotoar o vestido branco que Lauren usava.

— Como imaginei, nada de sutiã.

Abriu o vestido e não resistiu aos apelos sensuais. Inclinando a cabeça, tocou os seios dela, beijando, sugando, até Lauren gritar de prazer. Com a outra mão, acariciava-lhe as costas.

Um segundo mais e ambos estavam nus, na cama, envoltos num turbilhão de agonia e êxtase. A rigidez da masculinidade dele pressionava-a novamente, encontrando lugares tão íntimos que ela não conseguia conter os espasmos que sacudiam seu corpo.

Por fim, Brett a penetrou, num ritmo lento a princípio, acelerando à medida que corriam em busca do momento da realização plena.

Na manhã seguinte, Lauren acordou nos braços dele. Beijando-o levemente admitiu quanto amava Brett Carmichael, mesmo sabendo que amor nada significava para ele. Do contrário, ele nunca teria se envolvido com a própria madrasta. A esposa do pai dele! Atormentada por esse pensamento, recuou para a beira da cama.

Brett procurou-a, forçando a voltar para junto dele.

— Algo errado?

Ela negou com um movimento de cabeça, mas seu corpo permanecia rígido e resistente.

— O que aconteceu, Lauren?

Sabia que Brett não toleraria evasivas. Por isso, decidiu usar de sinceridade.

— Você tem uma filha, Brett. Isso implica numa série de responsabilidades, incluindo a mãe dela.

— Acreditaria se eu dissesse que Elisa não é minha filha? Creio que você já me conhece o suficiente para saber que eu jamais me recusaria a reconhecer a existência de uma filha, se tivesse uma.

— Mas a carta escrita por seu pai...

— Ele estava errado, Lauren. Talvez nunca saibamos quem é o pai daquela menina, mas garanto que eu não sou.

— O nome dela... Elisa, Ellis...

— E daí?

— Você teve um caso com sua madrasta... Ele não respondeu.

— Então é verdade. Você foi amante dela.

— Minha madrasta tinha um amante. Mas esse amante não era eu — ele falou calma e determinadamente.

— Oh, querido. — Abraçou-o. — Quero acreditar em você.

— Lauren, já lhe disse uma vez e vou repetir. Você precisa confiar em mim até...

— Até quando?

— Por favor, Lauren! Isso não importa! Enlaçando-a, pousou seu corpo sobre o dela. Sentindo a ex-citação dele, preparou-se para recebê-lo novamente.

Mais tarde, aninhou-se nos braços dele, deliciando-se com o conforto e a paz daquele momento.

Tudo poderia ser perfeito, se o passado, o passado dele, não existisse.

Capítulo 11

Somente depois do almoço foi que Brett e Lauren começaram a trabalhar. Enquanto Brett trabalhava em seu escritório, Lauren dedicou-se às encomendas recebidas durante a exposição.

A tarde, enquanto bebiam chá na cozinha, entre risos e beijos, ouviram o barulho de algo sendo jogado no terraço.

— Você pediu o jornal da tarde? — ela perguntou.

— Não.

Com relutância, ele permitiu que Lauren se afastasse para ver do que se tratava.

— Volte logo, madame!

Impaciente, Brett foi à procura dela, segundos depois. Encontrou-a no hall, com o jornal aberto.

— Não me diga que o crítico de arte não aprovou suas obras. Ela o fitou com expressão transtornada. Brett tirou-lhe o jornal das mãos.

— O que aconteceu? Soube da morte de algum conhecido? Enquanto Brett lia, ela se apoiou na parede, esperando pelo pior. Fechou os olhos. Quando os abriu, assustou-se com o que viu. O rosto dele transformara-se numa máscara de pedra.

— Quem deu estas informações para aquele canalha? Você?

— Eu? Acha que eu faria uma coisa dessas? Dei minha palavra que não contaria nada sobre seu livro, e não contei. Juro que nunca comentei com Casey sobre sua verdadeira identidade e nem sobre o que aconteceu entre você e seu pai.

Cerrando os dentes, ele jogou o jornal sobre uma cadeira.

— Essas informações devem constar do arquivo do News Journal, em números atrasados ou em recortes na biblioteca.

— Pegou a chaves do carro. — Mas alguém deve ter dado a dica para aquele verme do Talbert.

— Não foi eu, Brett. Por favor, acredite em mim. Não me olhe desse jeito. — Movimentou a cabeça veementemente. Depois, apelou para a tática do ataque como defesa. — Se não acreditar em mim, com pode me pedir para acreditar em você?

Ele saiu sem responder, batendo a porta. Lauren o seguiu.

— Aonde você vai? — As palavras foram abafadas pelo ruído do motor.

Fechando a porta, apoiou-se nela. Nesse instante, o telefone tocou.

Era Casey.

— Recebeu o News Journal?

— Então foi você quem o enviou?

— Claro! Gostou da minha reportagem? Alguém mais leu?

— Ele leu. Você me deixou em palpos de aranha, Casey. Como conseguiu as informações? Prometi a Brett que não diria uma só palavra sobre sua vida particular ou atividades profissionais.

— Você subestimou minha vocação jornalística, Lauren. Foi como juntar as peças de um

quebra-cabeça usando elos de ligação, usando inteligência. Acrescente a tudo isso, uma boa ronda pela casa e...

— Quando?

— Enquanto você conversava ao telefone com Harry Harper. Hei, que diabos está acontecendo aqui? — Casey perguntou.

— Quem deixou esse cara entrar?

Pelo ruído, Lauren deduziu que o fone caíra sobre a mesa.

— Talbert, quero falar com você. Reconheceu a voz de Brett.

— Olá, Brett. Que bom revê-lo, amigão. — O tom de Casey era apaziguador.

— Quero lhe dizer uma coisa, amigão. — A frase soou como uma ameaça. — Onde prefere que eu diga? Aqui ou lá fora?

— Olhem, o grande Brett Carmichael — alguém gritou ao fundo. — Temos uma personalidade da tevê em nossa redação!

— De onde você desenterrou essa história, Talbert? Quem é que lhe deu as informações?

— Sr. Carmichael, apenas fiz meu trabalho. Pergunte ao meu editor, Harry Harper. Ele o reconheceu na galeria, lembra?

Ele me intimou a descobrir algo sobre sua vida, pois você valeria uma boa reportagem.

— Diga-me, quem lhe contou? — A voz de Brett soou mais próxima do fone. — Se não me disser, eu o processarei por calúnia e arruinarei sua carreira.

— Meus informantes, Brett. Preciso protegê-los. Você entende, não. Hei, espere um momento, Brett...

Lauren teve a impressão que os dois se atracavam.

— Separe-os! —A ordem foi severa.

— Ok, ok. Eu conto — Casey concordou. — Mas você não vai gostar. Foi ela. Lauren.

— Oh, não — ela gritou, mas, no outro lado, desligaram o telefone.

De repente, Lauren compreendeu o curioso agradecimento de Casey pela "ajuda, colaboração e cooperação". Sabendo que a bomba estava prestes a explodir, quis envolvê-la em seu ato vil. Casey não ignorava que sua confissão só concorreria para um rompimento entre ela e Brett.

Jogando-se numa poltrona da sala de visitas, releu a reportagem.

Brett Carmichael era mencionado como uma celebridade que vivia na cidade, um famoso jornalista da tevê australiana. Revelavam que esse homem era Ellis Gard, filho pródigo do proprietário de uma mansão na cidade, e que pai e filho estavam de relações cortadas havia quinze anos.

A nota dizia também que aquele homem das sombras estava escrevendo um livro sobre suas experiências, inclusive sobre os dois anos que passara como refém de rebeldes na selva. A i matéria era ilustrada por fotos. Da cabeça de pedra que adornava o jardim e das duas pinturas danificadas.

De olhos fechados, ela escondeu o rosto entre as mãos. Perguntava-se como Casey descobrira tantas informações e se ele tinha autorização do editor para publicá-las. Claro, tudo fizera parte de

um plano. O telefonema, a história da reportagem a respeito dela e suas obras. Folheou o jornal por duas ou três vezes. Nem uma nota sobre Lauren Halstead.

Lembrou-se que a conversa entre Harper e Casey na galeria chamara-lhe a atenção. Não ouvira o que diziam, mas Harper gesticulava para um Casey compenetrado e atento. Depois, o telefonema logo que haviam chegado em casa, sem dúvida, para mantê-la entretida o tempo suficiente para Casey vasculhar a casa. Ele procurava por provas, indícios, qualquer coisa, enfim, sobre Brett Carmichael.

Lauren estava estupefata. Como Casey descobrira sobre o livro de Brett? Depois que ele fora embora, ela encontrara tudo no lugar. A correspondência!

Correu para a cozinha. A caixa de correspondência estava ali, mas as folhas de papel com as anotações de Brett haviam desaparecido!

A campainha soou com insistência. Ela abriu a porta. Era Casey.

— Onde está aquele calhorda? Não voltou ainda? Vim livrá-la das mãos assassinas daquele maluco.

— Como se atreve a chamá-lo de calhorda?

— Pensa que ele é um presente divino só porque é famoso?

— Ele é mesmo famoso?

— Ora, não vai me dizer que ele nunca comentou nada!

— Não. E pare de tentar me distrair, Casey Talbert. Você me jogou numa bela enrascada. Você mentiu. Eu ouvi.

— Lauren, eu estava apenas cumprindo meu dever. Pesquisei nos arquivos do Journal e descobri a reportagem em que Edmund Gard revelava as estripulias amorosas do filho. Porém, não nego que você também tenha me dado uma mãozinha.

Ele riu e Lauren irritou-se ainda mais.

— A única coisa que eu disse foi que Brett estava trabalhando no quarto dele. Então, você, com sua mente maliciosa e inescrupulosa, construiu a história toda, em torno do pouco que falei acidentalmente. Você preferiu culpar-me, poupando, assim, seus preciosos informantes. — Contemplou-o com seu sorriso mais charmoso. — A propósito, quem são eles, Casey? Esses informantes misteriosos.

Aproximando-se, brincou com a lapela do paletó dele.

— O que é isso agora? — Os olhos de Casey brilhavam. — O que está tentando me dizer, Lauren querida? Que gosta de mim? — Aproveitando a chance, enlaçou-a pela cintura.

— Primeiro responda à minha pergunta, depois responderei à sua.

Sentiu-se desconfortável no papel de sedutora, mas era de suma importância saber quem passara as informações a Casey. Deixando de lado os escrúpulos, insistiu.

— Ora, Casey, não me faça morrer de curiosidade.

A porta se abriu e Brett apareceu. A proximidade dos dois fez com que acreditasse nas aparências.

— Então vocês estão mesmo de acordo... em todos os sentidos. Casey escapuliu em direção à

porta, evitando novo confronto com Brett.

— Tchau, Lauren. Boa sorte. Acho que vai precisar. Acenando, saiu rapidamente e fechou a porta.

— Não, não existe acordo nenhum, Brett. Você estava aqui quando o jornal chegou e viu quanto fiquei chocada.

— Você sabia que o artigo seria publicado, mas não sabia de seu conteúdo. Além do mais, mostrou-se ávida demais para pegar o jornal.

— Pensei que publicariam uma reportagem sobre a exposição, redigida pelo próprio editor.

— Nenhum editor se preocuparia em escrever sobre um artista desconhecido.

— É verdade. Fui ingênua demais por acreditar que ele estava realmente interessado no meu trabalho. Olhe, Brett, você pode até não acreditar em mim, mas fui enganada.

Estavam na sala de visitas e Lauren sentou-se numa poltrona.

— Por favor, não me julgue sem antes saber o que realmente aconteceu. Promete me ouvir?

Parado junto à lareira, Brett concordou com um gesto de mão.

Ela começou com a conversa suspeita entre Casey e Harry Harper. Depois, contou sobre o telefonema do editor e a promessa de uma reportagem sobre seu trabalho.

— Enquanto eu conversava ao telefone, Casey perambulava pela casa.

— Ele não deve ter descoberto muita coisa. Graças à obsessão j de meu pai por trancas e fechaduras, Talbert não conseguiu 1 entrar no meu quarto e no escritório. Acha que ele descobriu | o quarto secreto?

— Não creio. Não fiquei tanto tempo assim ao telefone. Olhou-a com os olhos semicerrados por longo tempo.

— Alguém deve ter-lhe dado acesso àquelas pinturas. Tem certeza de que não mencionou nada a respeito do livro que estou escrevendo?

— Absoluta. Exceto...

— Exceto... — ele repetiu num tom implacável.

— Bem, lembro que uma vez Casey perguntou por você.

Contei que você encontrara uma máquina de escrever antiga e que estava trabalhando em seu quarto. Tentei remediar, dizendo que provavelmente você escrevia cartas.

— E acha que Talbert se baseou nisso?

— Não sei.

Ele ergueu os ombros.

— De qualquer modo, nada explica como Talbert conseguiu fotografar as pinturas danificadas. — Atravessou a sala. — Vou para o escritório.

Ele começava a subir a escada quando o telefone tocou. Voltou para atendê-lo.

— Tudo bem, Elisa? Desculpe se interrompi sua aula de tênis. Tentei falar com sua mãe, mas no hotel informaram-me que ela foi embora. Sim, sem avisar-me. Não a avisou também?

Passou a mão pelos cabelos, visivelmente aborrecido.

— Elisa, se ela ligar para você, por favor, diga-lhe que preciso vê-la com urgência. E muito importante que Imogen venha para Old Cedar Grange o mais rápido possível. Preciso conversar com ela.

Por isso, Casey chegara antes dele, Lauren concluiu. Ele saíra da redação e fora à procura da bem-amada.

Isso só reforçava a ideia do quanto Imogen Gard e sua filha Elisa eram importantes para Brett Carmichael.

No dia seguinte, Casey apareceu, oferecendo-se para acompanhar Lauren na entrega de algumas encomendas fora da cidade.

— Não me admiro nada por você ter vendido tantos quadros

— ele comentou quando saíam de Old Cedar Grange em direção à estrada. — Você tem talento, Lauren, e um dia será reconhecida.

— Sem a ajuda de seu editor e de seu maravilhoso jornal. Prometeram-me uma reportagem escrita pelo próprio editor, mas não li uma única palavra a meu respeito nas últimas edições.

— Sinto muito, Lauren.

— Você se refere ao telefonema de Harry Harper, não?

— Bem... — Ele fez um gesto evasivo com as mãos.

— Ok. Já entendi tudo. Fui usada por você e seu chefe. — Pausou por um instante. Depois, mudou a entonação de voz.

— Casey? — Ele a olhou de relance. — Como recompensa por ter me envolvido nessa confusão, e em consequência, ter arruinado meu... minha amizade com Brett Carmichael, você me conta uma coisa? — Tocou de leve na mão dele. — Vai me contar quem são seus informantes?

Ele não respondeu. Depois de um breve silêncio, disse:

— Olhe, estamos quase chegando. Lauren suspirou irritada.

— Antes de chegarmos, quero que saiba que eu preferia nunca tê-lo conhecido, Casey Talbert. Eu queria... Ah, deixa para lá. Agora, o mal já está feito. Vamos entregar logo essas pinturas e voltar para casa.

— Casa? A casa de Brett Carmichael, não?

— Você adora distorcer as palavras, não? De qualquer modo, não morarei lá por muito tempo.

Naquela noite, Lauren não conseguia dormir. Por fim, decidiu levantar. Vestiu um robe de seda e saiu do quarto. Talvez uma bebida quente ajudasse a relaxar.

Ao passar pelo corredor, percebeu a porta do quarto de Brett entreaberta. Aproximando-se na ponta dos pés, ouvi-o gemer. Alarmada, entrou sem bater.

Ele estava deitado descoberto e seu corpo brilhava devido à transpiração. Tocou-lhe a fronte com a palma da mão.

— Você está com febre, Brett.

— Dê-me um pouco de água, por favor.

— Claro.

Ela correu até a cozinha, voltando com a garrafa de água e um copo. Depois de servir-lhe, saiu novamente, retornando em seguida com uma vasilha com água morna e toalhas.

Como acontecera na noite em que o conheceu, ela fez compressas e enxugou-lhe o corpo. Ele não poderia impedir os movimentos dela, não depois dos momentos de intimidade que haviam partilhado.

— Não acha que está exagerando? — ele resmungou.

— Você prefere ficar sozinho?

Lauren colocou a vasilha e as toalhas sobre a mesa de cabeceira e se levantou. Brett a segurou pelo pulso.

— Só uma coisa vai me ajudar e muito. Você. Deite-se aqui ao meu lado.

— Você não sabe o que está dizendo, Brett. Sou sua inimiga número um, lembra-se? Quebrei minha promessa e contei à imprensa sobre...

Ele a interrompeu.

— O que me importa neste momento não é sua integridade, mas sim o calor...

— Do corpo, claro — ela completou com sarcasmo. — Como espiã e traidora não possuo o calor do caráter, não é?

— Traidora ou não, neste momento quero-a ao meu lado. Com essas palavras, Brett provava que ainda acreditava que ela fora capaz de contar seu segredo para Casey Talbert. Mesmo assim, não resistiu à tentação de deitar-se com ele, já que isso era exatamente o que ela desejava.

Brett a abraçou, puxando-a para junto de seu corpo. Depois, beijou-a longamente nos lábios.

— Brett... — ela murmurou, enlaçando-o.

Ele acariciava os cabelos dela, beijava-a no pescoço, introduzia a mão pelo robe à procura dos seios dela.

Brett era a própria febre, ela pensou rendendo-se aos carinhos dele.

A luz da madrugada e a sinfonia dos pássaros acordaram-na. Brett estava pálido, mas a febre cedera. Ela, ou melhor, seu corpo, era um medicamento eficaz para a doença dele. Por isso, e só por isso, Brett a queria em sua cama.

Amava Brett Carmichael, mas sabia que não deveria sonhar com seu amor. Ele amava e pertencia a Imogen Gard e à sua filha Elisa.

Buscando refúgio no estúdio, folheava um livro sobre pássaros, quando o telefone tocou.

Esperou antes de atendê-lo. Talvez fosse a ligação que Brett esperava. Porém, como continuasse a tocar, atendeu-o.

— Lauren Halstead?

— Sim.

— Lauren, já faz algum tempo que conversamos e... Brett desceu lentamente as escadas, parando junto dela.

— Sr. Gard! Sr. Gard? — Um arrepio percorreu-lhe a espinha.

— Meu pai? — O rosto de Brett empalideceu ainda mais. Lauren confirmou com um

movimento de cabeça.

— Pergunte de onde ele está ligando.

Lauren perguntou, mas Edmund Gard não respondeu.

— Você tem alguma coisa para me dizer, Lauren? — questionou-a. — Está sozinha em casa?

— O senhor quer saber se estou morando sozinha? Bem, não, sr. Gard, mas...

— Tem um homem dividindo a casa com você?

Lauren hesitou, mas Edmund Gard tinha todo o direito de exigir explicações.

— Sim, sr. Gard, mas...

— Respondendo à sua pergunta, estou em Londres. — E desligou, sem mais nenhuma palavra.

Lauren colocou o fone no gancho.

— Ele está em Londres — avisou-o.

— Muito específico.

— Será que ele vem para cá?

— Não creio. Agora que ele sabe que você não está só, não vai querer interferir em sua... digamos, situação confortável. — Caminhou em direção à escada. — Ou será que ele arriscou um palpite de que o homem que está morando aqui sou eu? Nesse caso, nada, absolutamente nada, o faria vir até Old Cedar Grange. Meu pai e eu somos inimigos públicos.

Lauren fitou-o horrorizada. Se, mesmo depois de quinze anos, Brett ainda falava do próprio pai com tanto desprezo, como poderia ter consideração para com ela, uma estranha, a quem considerava uma traidora?

Capítulo 12

Lauren trabalhava no estúdio quando ouviu o ranger dos freios de um carro e em seguida o som da campainha.

Quase colidiu com Brett no corredor.

— Eu vou, se preferir. De repente, pode ser seu...

— Não deve ser ele — Brett disse, descendo a escada. Abriu a porta e Imogen Gard entrou. Enlaçando-o pelo pescoço, beijou-o ardorosamente nos lábios.

— Querido, recebi seu recado. Eu sabia que você acabaria admitindo que não pode viver sem mim.

Cabisbaixa, Lauren voltou ao estúdio. Mais do nunca precisaria deixar aquela casa. Não suportaria ver o homem a quem amava nos braços de outra mulher.

Ouviu o ruído de xícaras na cozinha, depois conversa. Com certeza, falavam de Elisa e seus progressos na escola. Eles tinham uma filha e muitas coisas em comum, além do amor.

— Lauren — Brett a chamou. — Pode descer, por favor? Abriu a porta do estúdio a tempo de ouvir as objeções de Imogen ao convite.

— Obrigada — Lauren respondeu. — Não estou com vontade de tomar chá.

— Lauren — ele repetiu. — Venha. — Era quase uma ordem. Ela foi até o alto da escada.

— Estou ocupada. Sua amiga não deseja minha presença. Eu a ouvi.

Ele subiu rapidamente os degraus e segurou-a pelo pulso.

— Será que preciso arrastá-la? Sem alternativa, ela o seguiu.

— Que novidade fantástica você vai anunciar? Seu casamento com Imogen Gard? — Lauren lutava para desvencilhar-se. — Se for isso, arranje outra testemunha. Dispenso essa sessão de tortura. E se você não imagina o motivo, é porque é um perfeito idiota.

Quase na porta da sala de visitas, ele a soltou.

Imogen estava sentada no sofá, com expressão altiva e satisfeita. Elegante como sempre, vestia duas-peças preto e blusa de seda bege. Na mesa de centro, a bandeja com apenas duas xícaras de chá.

— Obrigada, mas eu disse que não quero tomar chá — Lauren se desculpou. — Não quero atrapalhá-los. — Tentou sair, mas Brett barrou-lhe a passagem.

— Sente-se, Lauren. — O tom de voz não admitia contestações. — Imogen?

— Sim, querido.

— Dispenso o "querido", para começar.

— O quê? — Inclinou-se para colocar a xícara na bandeja. — O que significa isso, Brett? — No rosto bonito, uma ponta de medo.

— Você leu a reportagem a meu respeito no News Journal? Sobre meu passado, o relacionamento com meu pai e supostamente com você? E, claro, sobre o livro que estou escrevendo?

— Bem, sim, Brett, mas... — Limpou a garganta. — Sim, li. É tudo verdade, não?

Lauren olhava de um para outro. Imogen, com a cabeça ligeiramente inclinada, mantinha ar coquete e Brett nunca parecera mais zangado do que naquele momento.

A febre desaparecera, mas deixara sua marca. A palidez, as olheiras. Talvez, ele até se sentisse fisicamente fraco, entretanto, sua mente se apresentava lúcida e ágil.

— Imogen, quero que me revele, sem rodeios, sem subterfúgios, o nome do informante de Casey Talbert.

Ela movimentou a cabeça, entreabriu os lábios, denotando surpresa.

— Eu? Ora, como vou saber? — Virou-se para Lauren com o dedo em riste. — Pergunte a ela, Brett. Você me disse uma vez, que ela sabia de tudo. Que encontrou a carta, o quarto secreto, as pinturas...

— Já perguntei, Imogen. Na verdade, eu a acusei. Ela nega.

— Claro que ela nega. Jamais irá confessar a verdade! — Imogen a fitava com o olhar cheio de rancor.

— E você, Imogen, nega também? — ele perguntou com uma gentileza enganosa.

— E evidente que nego, Brett. Tudo.

— Claro que ela nega. — Lauren repetiu as mesmas palavras de Imogen.

— Fique fora disto — ela gritou. Depois, virou-se para Brett.

— Mande-a sair.

— Não se preocupe. Estou indo. Brett obrigou-a a sentar-se de novo.

— Você prefere que a pressione, Imogen?

— Não estou entendendo, Brett. Ele se apoiou no batente da porta.

— Ok, eu explico. Aquelas quantias generosas que tenho depositado em sua conta bancária para pagar a escola de Elisa, além da ajuda financeira mensal, desde...

Lauren se contraiu. As palavras de Brett confirmavam o envolvimento com Imogen Gard no passado. Então, Elisa era fruto desse relacionamento?

Imogen tomou um longo gole de chá. O tremor das mãos revelava que a pose era só fachada.

— Basta uma palavra minha e esses pagamentos serão cancelados, Imogen.

Ela empalideceu.

— Brett, o que quer que eu diga?

—A verdade. A verdade sobre tudo. Desde o início. Por exemplo, revele a identidade do pai de Elisa. O nome do homem com quem você mantinha um caso quando engravidou. Quero saber por que contou tantas mentiras ao meu pai. Por que o jogou contra mim de tal modo que ele simplesmente me expulsou de sua vida.

Imogen recostara-se na poltrona, ofegante, abatida.

— Conto tudo, Brett, desde que você mande essa mulher sair daqui.

Imediatamente, Lauren se ergueu.

— Devido às circunstâncias, quem impõe as condições sou eu. Lauren fica. — Ele apontou a poltrona. — Sente-se, Lauren.

— Os maxilares se retesaram. — Estou esperando, Imogen.

— Nós... eu... — Levantou-se, caminhou alguns passos, depois aproximou-se de Brett. — Isso não tem cabimento, querido. Não consigo raciocinar, a menos... que você me abrace. — Enlaçou-o pelo pescoço, pressionando seu corpo contra o dele com tanta intimidade que Lauren fechou os olhos para não ver a cena. Brett a abraçou, apoiando o queixo nos cabelos dela.

— Assim está melhor, querido — ela murmurou com voz enrouquecida. — Você quer saber quem era meu amante na época em que engravidei? Quer saber também quem é o pai dela? Uma só resposta esclarecerá sua dúvida. Seu pai, Ellis. Seu pai era meu amante e meu marido. E, lógico, pai de Elisa. — Levantou a cabeça para poder olhá-lo. — Elisa é sua meia-irmã.

Virada para a janela, Lauren percebeu que as nuvens encobriam os últimos raios de sol. Começava a anoitecer com a ameaça de chuva. Pelo menos Elisa não era filha de Brett, pensou.

— Está falando a verdade desta vez? — ele perguntou.

— Juro que estou.

— Então por que mentiu ao meu pai, dizendo que eu era seu amante e pai de sua filha?

— Porque você me rejeitou, Ellis.

— Você quis se vingar.

Ela concordou com um movimento de cabeça.

— Outra coisa. Quem forneceu o material para Casey Talbert escrever aquela reportagem sensacionalista? Você?

— Você está sendo implacável, Brett. Sim, fui eu quem contou tudo para Casey Talbert — ela confessou. — Contei tudo na noite da exposição. Peguei as pinturas no quarto secreto e permiti que ele as fotografasse. O resto você pode adivinhar. — Beijou-o no peito. — Oh, querido, agora, depois de tanto tempo, você vai concordar em ser meu amante, não vai?

Brett a empurrou quase com repugnância.

— Você tem consciência do que fez? Você destruiu uma família, Imogen. Destruiu a vida do meu pai, a minha vida. Meu pai e eu estamos separados a quinze anos graças às suas mentiras. Você privou Elisa do direito de conhecer e conviver com o próprio pai. Você tem uma dívida para conosco, Imogen, e já é hora de pagar pelo mal que nos fez.

Ela tremia descontroladamente.

— E sua última palavra?

— Sim.

Imogen lançou um olhar ferino para Lauren.

— Você pensa que venceu, não é? — gritou. — Mas está enganada. Este homem jamais será seu. Ele a deixará como fez com tantas outras. — Estreitando os olhos, preveniu-a: — Não tenha a menor dúvida, srta. Halstead. No final, ele virá para mim.

Lauren não respondeu. Caminhou até a porta e Brett não a impediu de sair.

No quarto, encontrou conforto, mas não a paz.

Na cama, Lauren ouvia a chuva. Do térreo, chegava o som de vozes alteradas, soluços, silêncios. O que Brett estaria fazendo? Perdoando Imogen, com certeza. Consolando-a, beijando-a.

Uma força estranha fez com que ela fosse até a janela. A chuva quase cessara. Olhou para o velho cedro. Teve a impressão de visualizar uma figura junto ao tronco da árvore. Não podia ser Brett. Afinal, ele estava consolando Imogen!

Havia um homem no jardim. Desceu a escada, irrompendo na sala de visitas, sem se importar com a cena que poderia encontrar. Abriu as portas que davam para o terraço.

Não se enganara. O homem era alto, magro, de cabelos grisalhos. Mesmo à distância, percebeu a incrível semelhança com Brett e não teve dúvidas quanto à sua identidade. Virando-se, acenou para Brett, chamando-o. Ele saiu para o jardim.

Da porta da sala, Imogen também viu o recém-chegado. Com um grito de espanto, pegou a bolsa, saindo rapidamente em direção ao carro.

Quando Brett parou próximo ao cedro, o homem ergueu os braços, depois soltou-os ao longo do corpo.

— Ellis! — Uma só palavra, eloquente, significativa. — Você me perdoa?

— Pai... Pai! — A voz de Brett soou emocionada. — Quanto tempo, pai!

— Muito tempo, filho.

Mais um passo e ambos estavam abraçados. Permaneceram assim por alguns minutos. Quando se separaram, continuaram se fitando nos olhos.

— Foram anos perdidos, Ellis.

— Já passaram, pai. Ficaram para trás.

Brett pegou a valise do pai e conduziu-o para dentro. Na claridade da sala de visitas, Lauren notou lágrimas no rosto dos dois homens.

Brett ajudou o pai a desvestir a jaqueta, acomodando-o na poltrona.

— Sr. Gard — Lauren começou antes de olhar para Brett, pedindo-lhe ajuda.

— Pai, creio que já conversou ao telefone com minha senhoria. — Seu sorriso era caloroso e o coração de Lauren exultou.

Edmundo riu.

— Já conversei, sim. — Pegou na mão de Brett. — Ellis, durante quinze anos ou mais, neguei a mim mesmo o direito e a felicidade de ouvi-lo me chamando de pai. Oh, Deus, quando lembro que você praticamente desapareceu da face da terra, e como rodei este mundo à sua procura...

Lauren saiu da sala, deixando-os a sós. Pai e filho tinham muito o que conversar. Foi para a cozinha preparar mais chá. Ouviu Brett subir a escada, entrar na biblioteca e voltar para junto do pai.

Quando Lauren entrou novamente na sala de visitas com a bandeja nas mãos, Edmund estava olhando para o quadro da mãe de Brett. O único que não fora danificado.

— Sua mãe, Ellis. Eu a visitei em Vancouver e nem posso acreditar que esteja voltando para mim. Ela se casou novamente, com um homem bem mais velho. Agora está viúva e livre. Ela disse que nunca deixou de me amar, Ellis. — As mãos dele tremiam de emoção. — Quando sua mãe me deixou, ainda me amava e levou anos para se recobrar do choque.

Tirou um lenço do bolso e enxugou os olhos.

— Pensei que você havia envenenado sua mãe contra mim, Ellis.

— Foi Imogen?

— Sim. Foi Imogen quem inventou aquelas mentiras sobre você. Foi ela também quem contou à sua mãe que estávamos tendo um caso. Outra mentira. Não satisfeita, Imogen disse que eu queria sua mãe fora da minha vida. Nessa época, Imogen era minha secretária, lembra? Depois que sua mãe foi embora, fiquei arrasado. Aproveitando o meu desespero, Imogen foi se insinuando, se infiltrando lentamente, até conseguir seu intento.

Olhou para a pintura como se quisesse pedir perdão para a mulher retratada.

— Minha vida sem sua mãe e sem você tornou-se vazia demais. Sim, porque eu o havia expulsado de casa. Bem, fiquei encantado com a solicitude de Imogen, com sua juventude. Quando o divórcio foi homologado, pedi Imogen em casamento. — Fechou os olhos.

— E então?

— Bem, depois de algum tempo de casados começamos a nos desentender. Cheguei até a desconfiar que ela tinha outra pessoa. Acho que tinha mesmo, pois ela me pediu o divórcio. Como você sabe, concordei e nos divorciamos.

— E o seu retrato, Ellis? Ainda existe?

— Existe, pai.

— Se ao menos eu não o tivesse danificado!

— Fique sabendo, meu pai, que Lauren é uma excelente pintora. — O olhar terno e o sorriso envolvente provocaram arrepios em Lauren.

— É mesmo?

— Bem, sou pintora, sim. — Ergueu os ombros. — Mas excelente? — Olhou para Brett e, por um instante quase acreditou que ele voltara a confiar nela.

— Você sabe que é, Lauren. A falsa modéstia nunca ajudou ninguém a vencer na vida.

Ela corou, percebendo o olhar especulativo de Edmund Gard.

— Você acha que seria possível copiar o retrato do meu filho sem as... — Ele pareceu incapaz de pronunciar a palavra.

— Creio que sim, sr. Gard. Tentarei. Edmund apertou as mãos dela.

— Ficarei muito feliz, querida. — Soltando-a, reclinou-se na poltrona. — Que dia, meu Deus! Que dia! Uma viagem do Canadá até Londres, depois até aqui. O reencontro com meu filho. — Pausou por um instante. — E a notícia maravilhosa de que tenho também uma filha.

— Brett... Ellis lhe contou? — Lauren estranhou referir-se a ele pelo primeiro nome.

— Sim, enquanto você preparava o chá — Brett explicou.

— E para completar minha felicidade, recebi um telefonema de sua mãe confirmando sua vinda assim que conseguir um vôo para Londres.

Suspirou fundo antes de prosseguir:

— Eu bendigo o impulso de comprar um jornal inglês em Vancouver. Surpreendi-me ao ler uma

reportagem sobre você, meu filho, e sobre sua volta para casa.

Lauren e Brett trocaram olhares.

— Então Casey Talbert vendeu a reportagem para os jornais de circulação nacional. — Em vez de uma explosão de fúria, Brett riu. — Pelo menos, ele serviu para nos prestar alguma coisa útil.

Edmund Gard se levantou.

— Hoje tive emoções demais. Já vou indo. Você me acompanha, filho?

— O senhor não veio para ficar? — Lauren perguntou.

— Meu pai insiste em voltar para o hotel.

— Então só por esta noite. Depois o senhor e sua... — ela hesitou, mas ante o olhar encorajador de Brett continuou: — O senhor e a mãe de Brett ficarão aqui.

— Obrigada, querida. A menos que decidamos ter uma segunda lua-de-mel a sós. Depois do casamento, claro.

Depois de deixar o pai no hotel, Brett voltou para casa e encontrou Lauren fazendo as malas.

— Que diabos você está fazendo? Aonde pensa que vai?

— Vou embora. Você não precisa mais de mim. Nem seu pai. Logo sua mãe chega e então não precisarão mais de uma caseira.

Fitou-o ansiosa, mas Brett não respondeu. De repente, notou a aparência dele.

— Brett, você está horrível!

— É o efeito pós-febre. Passa logo.

— Por que não se deita um pouco? Ele sorriu.

— É um convite ou um ato de compaixão? — Notou os olhos dela cheios de lágrimas. — Ok. Que pena! Meus atrativos desaparecem comparados aos encantos do seu amante jornalista.

— Que bobagem! Nunca tive nada com Casey! Ele é apenas um amigo.

— Mas eu os encontrei abraçados ontem quando voltei da redação. — Ele se deitou na cama sem a menor cerimônia.

— Na verdade, eu estava usando meus encantos femininos para obter uma informação. Queria saber quem eram os informantes dele. Você acredita em mim?

— Não acredito.

De costas e disfarçando as lágrimas, ela recomeçou a arrumar as malas. Após um breve silêncio, ele a chamou.

— Lauren?

— Sim.

— Você não pode ir embora. Você assumiu um compromisso com meu pai. O retrato, lembra?

Quando se voltou, não acreditou em seus olhos. Brett dormia profundamente. Aproximou-se da cama.

Oh, como o amava! Sabia que morreria um pouco a cada minuto longe dele, mas precisava ir embora. Não fazia mais sentido continuar naquela casa. Enxugou as lágrimas com o dorso da mão.

Num movimento inesperado, ele a puxou para a cama, fazendo-a deitar-se ao seu lado.

— Não, Brett, não. Para quê? Quando você terminar de escrever o livro, irá embora.

— Irei? Para onde?

— Qualquer lugar. Um andarilho como você não consegue ficar muito tempo num determinado lugar.

— Até chegar ao seu destino.

— E encontrar a paz de espírito que tanto procura, não é?

— Lauren, olhe para mim. Nos meus olhos. — Segurou-a pelo queixo, obrigando-a a encará-lo. — O que você está vendo?

Ela sentiu a boca seca.

— Tranquilidade. Você a encontrou?

— Encontrei. — Sentiu-a estremecer em seus braços. — Em você, Lauren Halstead. Oh, Lauren... Será que você não percebe? Você é o meu destino. Desde o momento em que a vi, sabia que voltava para casa, para um lar de verdade. — Acariciou-lhe os cabelos. — Ainda há pouco, você estava chorando. Por quê?

Chegara o momento da verdade.

— Porque... pensei que você fosse embora com Imogen.

— Imogen? Nunca houve nada entre nós. Juro. — Beijou-a. — Eu a amo, Lauren.

— Oh, Brett eu também o amo!

Ele gemeu ao tocar-lhe os seios sob a blusa de algodão.

— Finalmente, você confessa! — Riu. — Olhe, primeiro quero mostrar-lhe quanto a amo. Depois, conversaremos sobre a data do casamento. Ok?

O telefone tocou. Sob os protestos de Brett, ela saiu do quarto para atendê-lo.

— Marie? Marie! Que bom ouvi-la!

— Reggie e eu vamos nos casar. Estamos voltando para c casamento.

— Que ótima notícia! Assim vocês também poderão assistir ao nosso casamento, — Seu casamento? Oh, não! Quem é o noivo? Não me diga que é Casey.

— Não é Casey. É Brett.

— Brett? Quem é Brett?

— Ellis — Lauren corrigiu.

— Hei, você quer dizer Ellis Gard?

— Sim. É uma longa história, Marie. Outro dia eu conto.

— Isso sim é novidade! Vou desligar, Lauren. Assim que marcarmos a data, telefono de novo. Tchau.

Assim que Lauren entrou no quarto, Brett fechou a porta guardando a chave no bolso da calça.

— Se o telefone tocar, não atenda. Se baterem à porta, nac tem ninguém em casa. Entendeu?

— Oh, Brett, eu o amo tanto!

— Mostre-me, então. — Tirou-lhe a blusa e beijou os sei dela. — Diga com o seu corpo.

Livrando-se das roupas, deitou-se ao lado dela, iniciando s incrível dança do amor.

Com as mãos, ps dentes, a língua, ele explorava cada centímetro do corpo de Lauren, que vibrava de prazer e desejo.

Ela se arqueou para recebê-lo, querendo que aquela posse nunca terminasse. E, mais uma vez, juntos chegaram ao ápice daquele espiral de cores, de alegria, de encantamento, que os envolvia.

Mais tarde, com o rosto aninhado entre os seios dela Brett pediu: — Você vai recolocar suas roupas no lugar, não vai? E partir de hoje, você vai se mudar para o meu quarto. Certo?

— Certo — ela repetiu. Selaram o pacto com um longo beijo.

— Ah, Lauren, esses seus olhos... Um homem pode se perder nesses olhos castanhos e sonhadores.

Ela não respondeu, deliciando-se com os carinhos dele.

— Sabe, Lauren, durante o tempo que passei como refém dos rebeldes, costumava fantasiar a existência de uma garota como você. Olhos sonhadores, cheios de calor e amor, e um corpo como... — As mãos contornaram as curvas, detendo-se nos seios. — Como uma Vênus em miniatura.

Ela fez uma trejeito e despenteou os cabelos dele.

— Essa febre que você contraiu se manifestará a vida toda?

— Sim, mas as crises são passageiras. Porém, há um outro tipo de febre que me afetará todos os dias de minha vida.

Lauren franziu as sobrancelhas, preocupada.

— Sério? Que tipo de febre?

Ele a beijou levemente nos lábios.

— É uma febre que me queima por dentro sempre que estou com você. E o único remédio eficaz para esse tipo de doença chama-se Lauren Halstead, meu amor. Aliás, estou começando a reconhecer os sintomas dessa febre. — Procurou novamente por ela. — Este é o medicamento que precisarei para sempre, querida.

— Não é muita sorte eu gostar do remédio tanto quanto você, Brett Carmichael?

Rindo, partiram novamente rumo à realização plena que só através do amor verdadeiro é possível alcançar.